

diaphora

REVISTA DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL

Julho / Dezembro 2019
Porto Alegre

ISSN 2238-9709

ISSN 1806-1133

Diaphora | Porto Alegre, v. 8 (2) | jul/dez 2019

EXPEDIENTE

Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul
Diretoria (Gestão 2018/2020)

PRESIDENTE

Magda Mello

VICE-PRESIDENTE

Eliane Tonello

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Grazielle Martini Bronzatti

DIRETORA CIENTÍFICA

Mariana Ungaretti

DIRETORA FINANCEIRA

Ivete Kemper

CONSELHO CONSULTIVO DELIBERATIVO E FISCAL - CCDF

Diego Vilas-Boas da Rocha

Ligia Arcoverde Basegio

Mazlowa Heck

Sonia Nunes da Silva

Morgana M. Saft Tarragó

Rita de Cássia Lima Gomes Krás

Simone Moraes de Almeida

Carla Pereira Durgante

Endereço: Rua Felipe Néri, 414, 2º Andar. Bairro Auxiliadora.
CEP: 90440-150. Porto Alegre, RS/Brasil

DIAPHORA

REVISTA DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL

EDITORA

Magda Mello

COMISSÃO EDITORIAL

Susana Joaquim Rodrigues

PROJETO GRÁFICO

Grau Soluções Gráficas

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO

marcon.brasil Comunicação Direta - (51) 3221.7878

CONSELHO EDITORIAL

Adriane Roso – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Ana Maria Jacó-Vilela – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Ana Mercês Bahia Bock - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

Angela Helena Marin – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Anita Guazzelli Bernardes - Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Barbara Souza Conte - Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG)

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn - Doutora - PUC-RS e SIG-POA

Claire Lazzaretti - Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Cleber Gibbon Ratto - Unilassalle/IPA

Cristina Queirós – Universidade do Porto (UP-Portugal)

Danichi Hausen Mizoguchi - Universidade Federal Fluminense (UFF)

Denise Costa Hausen- Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA)

Eliane Seidl - Universidade de Brasília (UnB)

Fabián Rueda – Universidade São Francisco (USF)

Julieta Quayle – Universidade de São Paulo (USP)

João Carlos Alchieri - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Leonardo Lemos de Souza - Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Lúcia Novaes- Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Marco Aurélio M. Prado – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Mayte Raya Amazarray – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA).

Rosana Cecchini de Castro – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Silvia Coutinho Areosa – Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Silvia H. Koller - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Sueli Souza dos Santos – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de Araújo - Universidade de Brasília (UnB)

Valdiney Gouveia - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Zuleika Leonora Schmidt Costa - Doutora- UNICNEC (Osório RS)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D539	Diaphora: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul / Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. v. 8, n.2 (jul./dez. 2019). – Porto Alegre: SPRGS, 1975-
	Semestral
	ISSN 2238-9709 (versão online)
	ISSN 1806-1133 (versão impressa)
	1. Psicologia – Periódicos. I. Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul.
	CDU 159.9(05)

Bibliotecária responsável: Ginamara de Oliveira Lima CRB 10/1204

ÍNDICE

Editorial	7
------------------------	---

SEÇÃO 1: Prêmio Chico Pedro

Repercussões psíquicas do (des)encontro traumático em tempos primordiais: um estudo de caso	9
Bruna Bomfiglio Weber	
A arte e a psicanálise e a psicose: seriam as criações um possível lugar de inscrições?	18
Bárbara de Castro Gonçalves	
O corpo no divã	26
Natália Medeiros Petitemberg e Elisabete Beatriz Maldaner	
Caça aos corpos rebeldes: Federici e Foucault entre bruxas	34
Carolina Sarzeda Reis Couto	
Fake news e sua categoria tipológica de violência na contemporaneidade	42
Henrique Borba Bittencourt e Gabriel Licoski dos Santos	
A revolução do processo: os afetos e o devir revolucionário	49
Carolina Licks Carvalho	

SEÇÃO 2: Dossiê Jornada de Sexualidade

Qualidade de vida na velhice: envelhecimento ativo e sexualidade	59
Rosana Josso Tomazini	
Comportamento e afetividade nas redes sociais online	65
Sandra Bordini Mazzocato	
Quando o que tu consumes te consome: vício em pornografia existe?	70
Diego Villas-Bôas da Rocha	
Algoritmos do prazer: uso da tecnologia no âmbito da sexualidade; implicações da prática clínica	74
Jamile Peixoto Pereira	
Amor de bolso	80
Léo Hemann Strack	

EDITORIAL

A Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul publica mais uma edição da Revista Diaphora. Nela estão contidas duas sessões de artigos: a primeira versa sobre o *Prêmio Estudante e Recém Formados* e a segunda se refere a alguns artigos relativos à *Jornada de Sexualidade na Era da Tecnologia*, ambos eventos ocorridos na Gestão 2018-2020, no seu último ano.

A saber, em novembro último ocorreu na SPRGS a cerimônia nomeada carinhosamente de: *Prêmio Chico Pedro* em memória de um sócio fundador falecido recentemente. O concurso de caráter ordinário bianual, é dirigido a trabalhos científicos, como pesquisas, monografias, ensaios críticos e estudos exploratórios em formato de artigo, escritos por graduandos e graduados até 2 anos em Psicologia. O Prêmio de Estudantes e Recém-formados vem sendo realizado há muitos anos em nossa instituição e nesta edição foi coordenado pela sócia Pâmela Soares Bratkowski, nomeada pela então Diretoria.

Esperamos que nossos leitores aproveitem o conteúdo dos artigos e contemplem a ordem das premiações que seguem relativas ao Prêmio Chico Pedro. Iniciamos com *Repercussões psíquicas do (des)encontro traumático em tempos primordiais: um estudo de caso* – escrito por Bruna Bomfiglio Weber, recebeu o primeiro lugar na classificação dos prêmios - categoria estudantes. Versou sobre um estudo de caso clínico, acerca do singular processo de constituição do Eu atravessado pelo (des) encontro traumático com um outro primordial. Objetivou compreender as repercussões psíquicas de experiências excessivas de dor que se presentificam na vida atual da paciente em questão. À luz da teoria psicanalítica, explorou-se as complexidades da constituição psíquica frente as vivências de indiferença e desamparo em tempos primordiais.

Depois, o trabalho *A arte e a psicanálise e a psicose: seriam as criações um possível lugar de inscrições?* A autora deste artigo foi Bárbara de

Castro Gonçalves que recebeu o primeiro lugar na categoria Recém-formados. Seu trabalho partiu de estudos realizados dentro de um hospital psiquiátrico de internação masculina e psicoses severas, cujo objetivo foi trazer à discussão, a partir da abordagem psicanalítica, questionamentos sobre se as forma de criações artísticas seriam um possível lugar de inscrições para estabilização da estrutura psicótica. Para tal efeito, revisou-se os conceitos que explanam a condição estruturante do sujeito, historicizando a importância da arte interface à neurose e à psicose, e colocando em relevo a ética da psicanálise que contrapõe a prática normativa. Nesse percurso, chegou-se à conclusão que o uso de dispositivos artísticos como possíveis recursos para o suporte clínico, podem colocar-se também como uma estratégia potencializadora no processo de constituição enunciativa, dando um contorno estético ao excesso de gozo, possibilitando um arranjo de inscrição e resituando o sujeito psicótico no enlaçamento social.

Já o segundo lugar na categoria Estudantes foi para *O corpo no divã* das autoras Natália Me-deiros Petitemberg e Elisabete Beatriz Maldaner. A pesquisa ocupou-se com a frequente demanda psicossomática que chega à clínica psicanalítica, os desafios da prática clínica psicanalítica com pacientes psicossomáticos. Para tanto foram entrevistados psicanalistas e utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin. Os resultados apontaram o desafio de formular uma demanda de tratamento e ingressar no processo analítico com um paciente que está preso ao real do seu corpo, que traz em seu discurso uma fala concreta e um distanciamento afetivo. Destaca-se a importância do desejo do analista, assim como a necessidade de uma disponibilidade maior para realizar essa escuta.

Na sequência, o segundo lugar na categoria Recém formados foi para o artigo *Caça aos corpos rebeldes: Federici e Foucault entre bruxas* de Carolina Sarzeda Reis Couto. A autora se propõe a analisar, através de seu trabalho de final de curso em

Psicologia na Universidade Federal Fluminense, alguns dos temas apresentados por Silvia Federici em *Calibã e a bruxa*. Neste livro, a escritora toma a caça às bruxas como marco inaugural do capitalismo e segue demonstrando, a partir de dados historiográficos, o que significaria dizer que “a história das mulheres é a história de classes”. A obra subtitula e localiza três vias críticas presentes em seu texto – *mulheres, corpo e acumulação primitiva* – as quais atravessam-se todas justamente no acontecimento da caça às mulheres, segundo poderemos perceber ao fazer esta discussão. Em particular, esse trabalho se interessa em analisar aquilo que a autora discute acerca do corpo. A partir de uma escrita que prescinde ético-politicamente da neutralidade, os textos de Federici e Foucault aparecem aqui grifados pelos afetos, acontecimentos, geografias e temperaturas do processo de escritura.

O terceiro lugar, categoria estudantes vai para o trabalho intitulado *Fake news e sua categoria tipológica de violência na contemporaneidade*. Os autores Henrique Borba Bittencourt e Gabriel Licoski dos Santos procuram investigar o conceito de *fake news* e sua tipologia de violência na contemporaneidade. A literatura consultada aponta que as *fakes news* podem se enquadrar em todas as categorias tipológicas da violência contemporânea. Ao longo desta pesquisa verificou-se que a história da violência está intrinsecamente conectada com a história da comunicação e da tecnologia.

Em terceiro lugar na categoria recém formados apresentamos o artigo *A revolução do processo: os afetos e o devir revolucionário*. Trata-se de uma criativa escrita a respeito de um trabalho o qual, segundo a autora, caminha pelas conversas sobre resistência, devir-revolucionário e os processos onde escapam as linhas duras de movimentos sociais. Junto das paralisações dos professores do Centro Universitário Metodista em abril e maio de 2018, um movimento estudantil construiu espaços de diferença em uma instituição endurecida e que vêm sofrendo desmanches significativos. Nesse sentido, os objetivos deste trabalho foram mapear os afetos que se engendraram dentro do movimento estudantil, cartografar as linhas de fuga e os devires revolucionários que deram vida a um espaço onde movimentos de luta não costumavam acontecer. Movendo-se por processos

cartográficos e genealógicos, a metodologia dá-se por cartografar caminhos que escaparam, que fizeram fugir as linhas duras desse movimento estudantil.

O Prêmio Chico Pedro contou com a presença de um público considerável de estudantes e profissionais da psicologia bem como com a então diretoria e os familiares de Francisco Pedro Estrázulas Pereira de Souza. Premiações e trabalhos emocionaram a plateia.

Na segunda parte desta revista contamos com alguns trabalhos apresentados na Jornada Sexualidade na era da tecnologia, elaborada pelo comitê de Sexualidade da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. A jornada foi vívida e marcada por um público entusiasmado pelos estudos sobre a atualidade da temática na era digital.

Os artigos enviados para publicação foram: *Qualidade de vida na velhice: envelhecimento ativo e sexualidade* de Rosana Josso Tomazini; *Comportamento e afetividade nas redes sociais online* de Sandra Bordini Mazzocato; *Quando o que tu consumes te consome – vício em pornografia existe?* de Diego Villas-Bôas da Rocha; *Algoritmos do prazer: uso da tecnologia no âmbito da sexualidade, implicações da prática clínica* de Jamile Peixoto Pereira e *Amor de bolso* de Léo Herman Strack.

Esta é a oportunidade das pessoas que viveram esses momentos na Sociedade de Psicologia revisitarem as produções científicas, teóricas, práticas e técnicas de estudantes e psicólogos engajados no pensamento e fazer psi. Para as pessoas as quais não puderam estar nos referidos eventos, estamos diante da oportunidade de fazer contato com os artigos e seus autores.

A qualidade das produções aqui apresentados coloca em cena a potencialidade da nossa Sociedade de Psicologia, a qual se mantém ativa nos seus 60 anos de existência, desacomodando os saberes.

Esperamos que aproveitem a leitura!

Saudações!

Dra. Magda Medianeira de Mello

Editora

Repercussões psíquicas do (des)encontro traumático em tempos primordiais: um estudo de caso

*Psychic repercussions of the traumatic (dis)encounter
in primordial times: a case study*

Bruna Bomfiglio Weber¹

Resumo: O presente artigo propõe uma discussão, a partir de um estudo de caso clínico, acerca do singular processo de constituição do Eu atravessado pelo (des)encontro traumático com um outro primordial. Objetivou-se compreender as repercussões psíquicas de experiências excessivas de dor que se presentificam na vida atual da paciente em questão. À luz da teoria psicanalítica, explorou-se as complexidades da constituição psíquica frente as vivências de indiferença e desamparo em tempos primordiais. Muito mais do que delimitar nomeações que rotulem, o intuito deste artigo é suscitar reflexões voltadas ao alcance da relação com o objeto quando se trata de um psiquismo marcado pela lógica da indiferença e do desamparo.

Palavras-chaves: Psicanálise; Constituição psíquica; Indiferença; Trauma.

Abstract: The present article proposes a discussion based on a clinical case study about the singular process of constitution of the self, matched by the traumatic (dis)encounter with the other primordial. The objective was to understand the psychic repercussions of excessive pain experiences that present themselves in the current life of the patient in question. Under the light of psychoanalytic theory, the complexities of psychic constitution were explored in the face of the attempts of indifference and helplessness in primordial times. Much more than delimiting appointments that label the subject, the purpose of this article is to raise reflections that aim at reaching the relationship with the object when it comes to a psyche marked by the logic of indifference and helplessness.

Keywords: Psychoanalysis; Psychic constitution; Indifference; Trauma.

¹ Acadêmica do curso de psicologia da PUC/RS. E-mail: brunaweber1@gmail.com .

Introdução

Desde que somos concebidos no mundo, na cena do nascimento, o sujeito é colocado frente a outro — o qual adquire inconcebível valor na posição de apresentar (e significar) esse ser ao mundo. Neste tempo primordial, a vivência do encontro com o outro tem um valor significativamente único para o processo de constituição psíquica e seus efeitos à posteriori (Moraes & Macedo, 2011). Logo, para emergir um sujeito psíquico, há de existir necessariamente a presença do outro.

Compreendendo o Eu como algo que não está presente desde o início, é necessário que ele seja desenvolvido. Essa construção demanda a existência de outro, que tenha a capacidade de investir libidinalmente em um corpo que, inicialmente, clama respostas de ordem autoconservativas. Ao demandar ao outro um seio que supra suas necessidades biológicas, o bebê recebe algo que extrapola a condição biológica, indo ao encontro de um “seio desejante, historizante e historiado” (Hornstein, 2008, p. 28), instaurando, então, uma marca pulsional no psiquismo do sujeito. Portanto, para o bebê reconhecer-se como diferente do outro, deve haver a saída de seu estado autoerótico — estado anterior à possibilidade de representação que o indivíduo faz de si mesmo — para uma nova fase do desenvolvimento libidinal: o narcisismo primário. Uma nova ação psíquica, proveniente dos objetos primordiais, precisa encontrar-se com o autoerotismo, disponibilizando, assim, condições necessárias para o surgimento de uma imagem unificada do Eu. Por fim, é por meio dessa ação específica que o sujeito adquire uma representação psíquica de sua própria superfície corporal (Santos, 2007).

Há uma inegável importância do papel dos objetos primordiais nas inscrições que fundam a estrutura psíquica de um sujeito. Esse outro primordial, através de uma sensível experiência, terá de captar, intuir e compreender a demanda de seu filho. As expressões visíveis do corpo do bebê irão oportunizar, assim, experiências que complexizem esse aparelho psíquico. Para que isso ocorra, Kehl (2004, p. 44) aborda que “antes mesmo de nascer, o bebê deva representar na fantasia dos pais, a possibilidade de realização dos ideais infantis de perfeição narcísica aos quais estes tiveram de renunciar”. Logo, é através do bebê que os pais reatualizam seus ideais de eu. Assim, proporcionam ao filho um investimento imperado por ilusões narcísicas, potencializando o surgimento do narcisismo infantil. Bleichmar (2005) afirma que é a capacidade de voltar-se para o bebê como sujeito outro, capacidade nomeada de narcisismo transvazante, que é fundada a sexualidade no *infans*. É pela via narcísica transvazante que irá existir a possibilidade de que, em tempos posteriores, haja a capacidade de amor de objeto, visto que esses objetos primordiais tiveram a capacidade de investir amorosamente nesse outro de forma alteritária. Deste modo, só é possível a criança reconhecer-se como um Eu distinto por meio do investimento libidinal de seus objetos primordiais, considerando-o um outro de alteridade (Macedo, 2015).

Há uma vasta gama de desdobramentos possíveis relacionados aos encontros inaugurais do bebê e seus objetos primordiais. Como discorrido anteriormente, quando esses objetos são capazes de ligar-se afetivamente a essa criança, criando condições de cuidado, abrem-se vias para a etapa narcísica do desenvolvimento. Nesse momento, é construída a possibilidade do sujeito reconhecer-se distinto do outro (Moraes & Macedo, 2011). Entretanto, faz-se necessário enfatizar que a construção de uma imagem unificada do Eu nem sempre será desenvolvida de forma esperada, pois, para que haja o egresso de um estado para outro, é necessário que o ambiente seja facilitador desse processo. Bleichmar (1994) outorga o papel do outro primordial por

meio da concepção de duplo comutador, ou seja, ao mesmo tempo em que esse objeto excita o bebê e deposita a sua própria sexualidade nele, também lhe fornece elementos que suscitem a ligação dessas excitações. Dessa forma, concede o instaurar das pulsões e o processo de narcisização do sujeito. Esse outro transmite mensagens enigmáticas que agita sua cria e, ao mesmo tempo, tem subsídios representacionais egóico-narcísicas que concede um olhar ao bebê de forma unificada. Nesse sentido, Bleichmar (1994, p. 26) coloca que “a libido desligada, intrusiva, que penetra, será ligada inicialmente por vias colaterais, mediante este narcisismo estruturante que um vínculo amoroso propicia”. Portanto, o objeto terá de fornecer um aparato narcísico para que possam ser ligadas essas excitações que ele mesmo depositou na criança. Caso contrário, poderão ser geradas importantes intensidades psíquicas, designando que a criança permaneça rendida às excitações não representadas. Isso submeterá o *infans* a uma dor incessante. Devido a impossibilidade de inscrição e ligação dessa intensidade, ela irá repetir-se compulsivamente, instaurando um circuito de excitações que não conseguiram ser evacuadas no psiquismo do bebê (Belo, 2004).

Nesse sentido, evidencia-se a pertinência em abordar a compreensão do traumático e seus efeitos no psiquismo do sujeito. As experiências traumáticas presentificam-se desde os momentos primordiais de constituição do psiquismo, sendo inerentes a esse período. Quando o outro — sujeito de sexualidade — instaura a pulsionalidade na criança, ele remete, junto à inauguração do sexual, o trauma. Esse trauma inaugural fará com que o psiquismo da criança se movimente em busca do encontro de novas vias, permitindo a tradução desses influxos que recebe, como forma de escoar a energia quantitativa. Freud havia colocado esse processo como verdadeiro motor da vida psíquica, pois, frente a essa energia não ligada, vê-se obrigado a encontrar novas vias psíquicas (Bleichmar, 2005). Todavia, se o sujeito não afluere vias representacionais para significar a experiência, é atestado um fracasso na metabolização da energia, na condição de simbolizar. Logo, instaura-se um potencial campo, para um destino que o sujeito, possivelmente, fique capturado pela compulsão à repetição, gerando impasses em sua economia psíquica no decorrer de seu desenvolvimento libidinal (Filho, 2011). Portanto, pode-se considerar traumático aquilo que não circula de maneira habitual pelo aparelho psíquico. As experiências que podem suscitar uma ordem traumática vão de encontro, em tempos primórdios, com o (des)encontro entre o bebê e o outro que atende às suas necessidades psíquicas vitais. Essa experiência de excesso deixa uma marca que não está no campo representacional, mas no campo da intensidade experienciada (Moraes & Macedo, 2011).

Dessa forma, considerando a complexidade do processo de constituição psíquica, é de grande importância dar luz aos efeitos de experiências que excedem a capacidade de metabolização do psiquismo nos encontros inaugurais do sujeito psíquico. No entanto, essas experiências podem extrapolar o traumático constitutivo, adentrando no terreno do irrepresentável. Desse modo, a partir do caso da paciente, serão abordados os efeitos das marcas do não reconhecimento de seu existir em sua história e de como se desenvolvem suas relações com os objetos externos, através da lógica da reprodução das intensidades atordoantes que foram experienciadas em um tempo primitivo. Para isso, também serão trabalhados ao longo deste artigo os conceitos de indiferença e desamparo, considerados disparadores para a compreensão dos modos de relações primordiais traumáticos.

Metodologia

O presente artigo foi construído por meio do estudo de caso de uma paciente de 26 anos, do sexo feminino, nomeada no decorrer do estudo por Amália. A paciente fora encaminhada para atendimento na clínica de uma instituição psicanalítica na região metropolitana do sul do País.

Os atendimentos clínicos do estágio na referida instituição têm duração de 50 minutos, sendo a frequência semanal estabelecida após os encontros iniciais. As primeiras entrevistas acontecem antes do estabelecimento do contrato e tem como intuito que paciente e terapeuta se conheçam, para que possam construir a demanda do tratamento de forma conjunta. Nesse momento inicial, a construção da demanda de tratamento partirá da queixa do paciente, o sofrimento que incitou a busca por terapia e que propulsiona o desejo de mudança em sua vida. Cabe ao terapeuta auxiliar na busca do que não é manifesto, do desconhecido, do que está latente e não nomeado: o inconsciente (Silva, 2008).

A prática do terapeuta-estagiário com a escuta analítica vai além das quatro paredes do *setting*. Todas as sessões são relatadas em dialogadas e supervisionadas por um psicanalista. A supervisão se dá a partir do relato do estagiário acerca do caso, sendo trabalhadas questões referentes à técnica e metodologia psicanalítica. Como explicita Tizio (2003, p. 57), a supervisão é um espaço no qual propicia “fazer funcionar as orelhas, não para ouvir, mas sim para fazer localizar aquilo que deve ser ouvido”. Portanto, é no espaço de supervisão que a escuta pode ser potencializada e afinada, para que se escute aquém do que está posto no manifesto, dando voz ao que está latente e recalçado.

Compreendendo a importância da escuta da singularidade da paciente, este artigo tem como objetivo a compreensão do papel dos objetos primordiais frente ao processo constitutivo do psiquismo de Amália e dos atravessamentos traumáticos de seus encontros primordiais, bem como evidenciar as repercussões destes em seu atual modo de relação com o mundo. Portanto, o intuito dessa produção é proporcionar reflexões e questionamentos acerca de hipóteses do campo estrutural e funcional de Amália. Pretende-se não proporcionar um olhar que possa rotular a paciente — o qual poderia ser uma repetição da violência que a mesma sofreu em tempos primórdios. Limites éticos de anonimato e sigilo foram cuidadosamente respeitados.

Resultado e discussões

Amália chegou à instituição em meados de janeiro de 2019, provinda de um encaminhamento pela rede de saúde pública. Seu primeiro contato com a escuta analítica se deu através da clínica de formação em alguns encontros iniciais. Nesse primeiro momento, seu sofrimento foi escutado e foram refletidas as possibilidades de tratamento da paciente, visto que a mesma verbalizava estar passando por um momento de dificuldades financeiras, sem condições para investir em uma análise. Levando em conta o atravessamento financeiro e o sofrimento de Amália, foi concluído de que a mesma se beneficiaria de um encaminhamento para a clínica do estágio da instituição.

Meu primeiro encontro com a paciente se deu dia 8 de fevereiro de 2019, algumas semanas após o encaminhamento. Logo de início, Amália se apresentou a partir de seu diagnóstico de depressão e pontuou fazer uso de medicações psiquiátricas há mais de 12 anos. Segundo a paciente, estas teriam como objetivo: “Fazer efeito nas coisas que eu sinto, porque eles me

acalmam, não deixam eu ter de novo uma crise depressiva. Mas eu sempre sei que os sentimentos de tristeza ainda estão ali dentro” (sic). Amália relatou que sua procura pela instituição analítica ocorreu devido a redução da efetividade das medicações em conter seus afetos depressivos, sentindo-se transbordar emocionalmente desde que sua mãe falecera, há cerca de 1 ano. A paciente também se designou como uma pessoa de poucos amigos, descrevendo-se como muito sensível e difícil de conviver — afirmou, também, ser descrita dessa forma por seu limitado ciclo social. Amália referiu ter sofrido graves experiências de abuso e agressão, bem como presenciado o intenso uso de drogas dos pais dependentes químicos. Nesse primeiro momento, foi escutado o que era manifesto no discurso de Amália, entretanto, através do que se colocava latente em sua narrativa que foram compreendidas as vias nas quais seus afetos circulavam. Além disso, foi perceptível a posição em que a mesma colocava-se frente ao outro — posição esta de grande importância para compreensão de seu funcionamento.

É também importante situar o que circula psiquicamente em um início de tratamento, pois, ao compreender os mecanismos que estão em jogo neste início, puderam ser observados alguns traços importantes de Amália, evidenciando um psiquismo mais fragilizado. Assim sendo, o início de um tratamento se dá pela motivação a serviço de vida — a qual leva o paciente à terapia. No entanto, como coloca Silva (2008, p. 39): “acompanhadas pelo desejo de buscar a significação do incompreensível que se encontra no inconsciente vêm as resistências”. Da mesma forma que há um sofrimento que fizera com que a paciente desejasse adentrar em um processo terapêutico, também há um contra-investimento atuando, para que o Eu se proteja de materiais indesejáveis provindos do inconsciente. Essas resistências irão sempre estar presentes, entretanto, entende-se que por ser o início de um tratamento, elas estarão atuando de forma mais intensa, visto que as energias necessárias para superá-las ainda não foram trabalhadas. É esperado, a partir disso, que nesses primeiros encontros o discurso manifesto do paciente seja cauteloso, não adentrando diretamente às conflitivas nas quais repercutem seu sofrimento atual. Como referido anteriormente, as resistências estarão atuando mais vigorosamente nesse momento para não haver um contato do Eu com as representações conflitivas, visto que isso levaria a um aumento de tensão no aparelho psíquico (Freud, 1937). Contudo, Amália, nesse primeiro encontro narrou vivências de sua história, as nomendo, em suas próprias palavras, como traumáticas, como referido em sua narrativa:

Eu fui em busca da terapia em decorrência dos traumas que tenho relacionados aos meus pais... [...] Frequentemente, algumas cenas de meus pais usando drogas na minha frente vem em meus pensamentos, eles separando em cima de um prato para usar. Eu via minha mãe se contorcendo no chão quando usava muito (sic).

Assim, como outros relatos explícitos acerca das cenas de abuso sexual que viveu e tentativas de suicídio que presenciou, cenas estas permeadas por extrema violência. A partir dessas narrativas e do excesso traumático evidenciado nas vivências infantis de Amália, faz-se questionar, nesse primeiro momento, sobre a possibilidade de uma constituição psíquica com falhas importantes. Essas falhas corresponderiam, assim, a fragilidade em suas barreiras (as quais trabalhariam a serviço das resistências) no material trazido na primeira sessão. Então, ao mesmo tempo em que há uma tentativa de proteção — tentativa colocada na articulação da defesa referida — há,

também, um transbordamento desse sofrimento. Entretanto, mesmo com a evidente fragilidade psíquica, Amália demonstrou ter recursos para investir em atividades diárias que marcavam seu aspecto saudável e funcional, como no trabalho e em seus estudos universitários. De qualquer maneira, os registros dessas vivências primárias ainda repercutem atualmente em Amália, por via dos seus investimentos libidinais e suas vivências no campo da intersubjetividade.

Relações primárias e constituição psíquica

Compreendendo que o tempo inaugural da sexualidade do bebê ocorre através do ato do cuidado e da resolução da tensão interna provinda do campo da necessidade, colocam-se em questão as características nas quais esse encontro primordial se apresenta. A qualidade das vivências primárias com o outro é de sumo valor, pois, dependendo da forma na qual essa relação ocorre, destinos traumáticos podem estar presentes no nível constitutivo do Eu. Para Amália, a qualidade de suas relações primordiais foi permeada pelo caráter tanático do investimento de seus pais nela. Quando não era deixada sozinha, o convívio com seus objetos se dava através da violência da vivência de indiferença. Sendo esta caracterizada por Moraes e Macedo (2011), como o modo de encontro psíquico onde o bebê não encontra em seus objetos condições de consideração e percepção, necessários para a representação da assimetria presente na relação. Logo, o investimento afetivo, que induziria a um trabalho de interpretação e ligação das intensidades que ameaçam a criança internamente, é deficitário nesse cenário. A indiferença impede que seja apresentada a diferença – a qual marca o encontro alteritário – para o bebê.

No decorrer dos atendimentos, Amália reiterou a condição de seus pais de abuso de substâncias ilícitas e colocou que a gravidez de sua mãe não fora planejada. O fato inesperado dessa gravidez, afirmou ela, não fora um dispositivo que se atravessara no desejo de sua mãe sobre ela como filha. Todavia, a narrativa de Amália sobre sua história evidenciará um desejo de seus pais em outro campo, distinto do desejo a serviço do amor. Muitas vezes, em circunstância do uso de drogas, os pais de Amália encontravam-se fora de casa, normalmente para encontrarem-se com grupo de amigos para usar crack. Essas saídas recorrentes dessas figuras expunham-na a situações de vulnerabilidade, pois, muitas vezes, estes a deixavam sozinha, sem um cuidador. Entretanto, é importante ressaltar que mesmo que existisse a presença física dos pais junto a ela, essa presença era, por vezes, uma presença-ausente. Essa característica vai ao encontro do que colocávamos anteriormente sobre as peculiaridades do encontro da criança com seus objetos primordiais marcado pela indiferença.

Ao ser retirado, em tempos primórdios, seu direito de sujeito de desejo, de diferenças como outro, seu processo de constituição psíquica ficara marcado pela violência do não reconhecimento de si. Dessa forma, vindo a repercutir em tempos posteriores nas tentativas de Amália de relacionar-se com o outro em seu âmbito social. Em suas narrativas sempre foi muito explícito a condição de indiferença e desalento que permearam suas relações primárias, como é colocado – de forma muito emotiva – em seu relato na oitava sessão:

Eu não fui cuidada quando eu era criança, porque nem minha mãe, nem meu pai me davam carinho e cuidado. Eu lembro que eu tinha que chorar muito para chamar a atenção da minha

mãe. Às vezes era difícil, porque ela estava drogada ou fazendo outras coisas que não podia me dar atenção, então eu tinha que tentar me virar sozinha, mas não conseguia (sic).

E segue:

Quando eu dormia no quarto com minha mãe e meu pai, às vezes eu via eles tendo relações. No início eu pensava que eles estavam brigando, discutindo, se batendo e eu ficava com muito medo. Muitas vezes fingia que estava dormindo para não acontecer a mesma coisa comigo, porque eu tinha medo que ele me batesse também. Mas depois eu comecei a entender que na verdade eles não estavam se batendo, eles estavam tendo relações... (sic).

Essas cenas referidas pela paciente salientam dois tempos marcados pelo excesso traumático. Podemos pensar que a primeira cena pode ligar-se à uma vivência de traumatismo primário, sendo evidenciado o desamparo frente às suas necessidades conservativas (biológicas e psíquicas). Já a segunda cena nos remete a um segundo tempo do trauma, onde a experiência de presenciar seus pais tendo relações sexuais em sua frente repercutiu em uma intensidade que não era passível de ser representada. Isto se deu devido às falhas anteriores no processo de constituição psíquica, as quais foram constituídas no tempo do trauma primário, repercutindo em um empobrecimento dos recursos psíquicos e impossibilitando a metabolização da energia.

Essas vivências referidas se situam no campo do excesso, onde as intensidades que ingressam no aparelho psíquico fogem da capacidade de simbolização e ligação à uma representação. Diferente do que foi citado anteriormente, onde o papel do outro frente ao bebê seria o de cuidado, de afeto, de resposta ao desamparo, o que se evidencia nas vivências relatadas por Amália foi o oposto a isso. Os pais da paciente mostravam não possuir recursos para manter uma capacidade de ligação afetiva em relação a ela, deixando-a ocupar o lugar de desamparo próprio desse tempo inaugural (Moraes & Macedo, 2011). A incapacidade dos pais de Amália de tomarem uma posição parental esperada, também estava atravessada pelas repercussões psíquicas de suas próprias histórias familiares, impossibilitando que estes estivessem no papel que propiciasse à Amália um ambiente saudável para seu desenvolvimento.

Ao contrário do ritmo constituinte, em que o hiato entre a ausência e presença do outro tem potência criadora para inscrições de novas representações e significações de si no psiquismo do bebê, os encontros de Amália eram descompassados. Esse ritmo desregulado suscitou o predomínio da angústia frente à possibilidade de perda desse objeto quando ele não estava junto a ela, visto que esse outro nunca dera subsídio para Amália sentir-se segura de que este retornaria após o período de sua ausência. Dessa forma, percebe-se seu relato tomado por angústia ao discorrer sobre as ausências da mãe:

Às vezes ela desaparecia por dias, e eu não sabia se ela ia voltar ou não. Eu ficava muito mal com isso, por não saber se ela tava viva ou morta. Então eu tinha que esperar e isso me devastava, eu ficava muito mal. Sem contar quando eu era bem

menor e ela me trancava dentro de casa, sem eu saber cozinhar e fazer nada, e muitas vezes dormia fora e só chegava no meio dia do dia seguinte. E ainda quando eu ia pedir pra ela fazer alguma coisa pra comer ou tentar ficar com ela, ela me xingava, falando que tava cansada e que ia dormir. Eu lembro disso e fico me perguntando: que mãe que faz isso com a filha?! Não se faz isso. Sem contar que nessas vezes que ela me trancava ela me dava remédio pra eu dormir, só que às vezes ela me dava uma dose mais baixa e eu acordava no meio da noite, sem ninguém perto e daí eu tinha que tentar voltar a dormir pra passar mais rápido esses momentos. Às vezes eu fico lembrando disso... E pensei muito nisso nessa semana (sic).

Nessa mesma sessão, a paciente retoma vivências tidas no mesmo campo com seu pai, o qual desaparecia por meses devido ao seu vício de drogas, ficando na rua por longo período sem retornar para casa. Como consequência dessa instabilidade entre presença-ausência, o processo de reconhecer-se como um Eu íntegro, diferenciado de seus objetos, foi debilitado no desenvolvimento psíquico de Amália. Logo, pôde-se evidenciar um déficit no tempo primordial de Amália (em seu caminho de autonomia psíquica), em que seus objetos apresentaram uma falta frente à presença-ausência constituinte, delegando a esta seu direito infantil de existir, não investindo em sua filha afeto da ordem alteritária, de amor. Frente a impossibilidade dos objetos em amar, Amália não fora colocada em uma ordem simbólica – que fundaria o psiquismo representacional (Dockhorn, Macedo & Werlang, 2007). É importante enfatizar que, embora os pais da paciente assumissem uma posição permeada pela violência e indiferença, eles ainda se mostravam presentes. Mesmo que sua relação com essas figuras fora precária, seus pais não se imprimiam de forma totalmente ausentes. A mínima presença proporcionou à Amália subsídios para constituir-se psiquicamente, mesmo que de maneira muito frágil, evitando o estabelecimento de uma estrutura psicótica.

Trauma, estrutura e repercussões atuais

Como colocado anteriormente, Amália vivenciou sua infância em um ambiente permeado por elementos mortíferos. Sua relação com os objetos primários foi tida no campo do desamparo, deixando seu psiquismo à mercê de intensidades que escaparam do circuito representacional e de metabolização. Essas catexias não ligadas em seu psiquismo marcam vivências tidas no campo do trauma. Conforme aborda Freud (1920/1977), este se determina quando há irrupção de uma barreira protetora das capacidades defensivas do aparelho psíquico, por meio de uma experiência dramaticamente descompassada em torno da possibilidade de processamento de quantidades, irrompendo o sistema representacional. Como bem colocam Moraes e Macedo (2011, p. 42) “o acontecimento, com sua intensidade, rompe o que seria da ordem do sensato, fraturando e arrancando do sujeito qualquer possibilidade de historicização do experienciado frente aos recursos então disponíveis”.

A posição de indiferença apresentada pelos pais denuncia a marca do não reconhecimento do existir da criança, predominando o desmentido frente à existência desta como um outro de diferença (Birman, Fulgencio, Kupermann & Cunha, 2016). Devido a seus poucos recursos, os pais de Amália colocavam-se

em posição de sobrepor sua verdade no lugar da verdade da filha, assumindo uma posição perversa frente à condição de desamparo e dependência do bebê, desautorizando a expressão de suas necessidades. Essa condição de poder, assumida de maneira perversa por seus pais, outorga o desmentido nessa relação (Antoniazzi & Weinmann, 2018).

Exposta a esse ambiente excessivo, somando a seus primitivos recursos psíquicos de mediação, Amália necessitou utilizar mecanismos defensivos que estavam ao seu alcance para proteger-se das experiências traumáticas frente a esse pacto mortífero com seus objetos primordiais, a clivagem. Roussillon (como citado em Monteiro & Cardoso, 2016) fez uma interessante conceitualização acerca do mecanismo de clivagem em estruturas primitivas, enfatizando-o não como um mecanismo defensivo *do* Eu (clivagem *do* eu) mas, sim, um mecanismo defensivo *ao* Eu (clivagem *ao* eu). Nas palavras das autoras Monteiro e Cardoso (2016, p. 81):

A menção a uma clivagem *ao* ego diz respeito à ruptura que ocorre na subjetividade frente ao traumatismo primário. O sujeito “corta” sua vida psíquica subjetiva, “retira” de si a impressão traumática. A subjetividade passa a estar dividida em uma parte representada e uma parte não representada.

Diferente do exposto por Freud acerca desse mecanismo nas psicoses e perversões, a divisão para o Eu que se constitui de maneira precária não se dá em duas cadeias representativas diferentes, mas, em uma ruptura na organização subjetiva. Assim, fica uma parte aquém da possibilidade de representação e que acaba por não se integrar ao Eu. Dessa forma, a defesa eleita passa a tornar a vivência traumática como um “episódio sem sujeito de experiência, em que a própria distinção entre externo e interno se anula” (Figueiredo, 2003, p. 19). Por fim, haverá a tentativa de retorno dessas partes clivadas, através dos reinvestimentos dos traços dessas experiências. Isto fará com que o psiquismo passe a funcionar sobre a égide da compulsão à repetição, atualizando o traumático outrora experienciado. Os efeitos dessa matriz reprodutiva dos impactos mortíferos proliferados no modo de ser e estar no mundo de Amália foram extremamente importantes para a compreensão das dinâmicas de seus investimentos, levando em consideração as relações em que se encontrava quando chegou à terapia.

Anterior aos relatos da paciente no que concerne suas vivências atuais, pautadas no campo da compulsão à repetição e seus efeitos tanáticos, é relevante fazermos uma compreensão mais objetiva acerca das repercussões psíquicas que norteiam seu modo de relacionar-se com o outro. Como referido anteriormente, o psiquismo de Amália, frente ao excesso traumático irrepresentável, necessitou utilizar de mecanismos (clivagem) que mantivessem o mínimo de estabilidade e apaziguamento para sua sobrevivência psíquica. Todavia, essa saída dramática afetou os limites entre as instâncias psíquicas e as fronteiras da interioridade e exterioridade. Como pontuam Mello e Herzog (2012, p. 76): “no lugar de uma construção de sólidos organizadores tópicos, dinâmicos e econômicos do funcionamento mental, conta-se com a fabricação de barreiras protetoras, simultaneamente, rígidas e frágeis”. Nesse contexto, o Eu encontra-se em instabilidade, principalmente quando refere-se ao modo de relação com objeto, o qual fica sob domínio de um confuso e frágil limite entre corpo/psique, interno/externo (Mello & Herzog, 2012). É interessante pensarmos também que o significante “frágil” não é atoa que se encontra tantas vezes redito nesse artigo: os objetos outros de Amália estiveram de

certa forma presentes (qual forma que seja) em tempos primordiais, a ausência destes não era completa e, por isso, Amália não ficou totalmente à mercê de um corpo indiferenciado com o mundo que o cerca, o que seria considerado uma psicose. Por isso a veemência ao citar que as fronteiras psíquicas de Amália encontram-se presentes de certa forma, mesmo em medidas precárias e frágeis. Podemos pensar, então, que há resquícios de inscrições narcísicas, mesmo que permeadas por essas fragilidades psíquicas e transpassadas veementemente por pulsões mortíferas.

É possível refletirmos, também, sobre as vivências em tempos do desenvolvimento libidinal posterior – etapa narcísica, conflito edípico, entre outras etapas fundantes do sujeito de desejo –, serão experienciadas a partir do lugar frágil de Amália em tempos de constituição de uma representação de si. Logo, é evidente que Amália vivenciou suas etapas constitutivas posteriores permanentemente sob ameaça que a diferença dos outros impõe a si. Essa matriz de repetição mortífera que engendra suas relações – claramente fora do campo da alteridade – reina o estado de indiferença, visto que essa é a forma de Amália administrar seus investimentos: combatendo a constatação da diferença do campo alteritário (reproduzindo o que fora experienciado em tempos primórdios com seus objetos primordiais). Essa violência na tentativa de negar o outro como um diferente coloca sob a luz a precária capacidade de investir.

Como sublinham Birman e colaboradores (2016, p. 153), “esse prejuízo repetido atualiza as fraturas no processo de constituição narcísica, e evidencia, assim, a violência traumática que passa a reproduzir-se no campo alteritário, ou seja, no encontro entre o Eu e os objetos”. Então, esses frágeis limites estabelecidos de diferenciação entre o Eu e o objeto evidenciam características próprias de uma parcialidade da pulsão que, como citado anteriormente, coloca Amália no campo de investimentos autoeróticos. As inscrições das vivências de indiferença condenaram o psiquismo de Amália a uma repetição do excesso experienciado em sua história pela via do ato, articulando as intensidades que não foram passíveis de simbolização. O ato, colocado como uma tentativa de reequilibrar a dinâmica psíquica, corresponde ao vigor do excesso e encontra em sua expressão singularidades que o ponham como expressão dessa dor psíquica, articulando uma performance de ato-dor (Moraes & Macedo, 2011). Esta expressão é estritamente vinculada à memória da dor da indiferença e reproduz continuamente, através da descarga, a impressão do excesso experienciado, interceptando a possibilidade de metabolização psíquica dessa intensidade (Moraes & Macedo, 2011).

Após vislumbrar o lugar que Amália ocupa atualmente na relação com o outro – mundo que a envolve –, o ilustrar dessas repetições na ordem da eleição de objetos amorosos faz sentido, visto que é nas relações de erotismo e ternura que os conflitos mostram-se mais evidentes. Dessarte, os namoros de Amália foram envoltos pela força mortífera de sua história vivida. É pertinente ressaltar que seus dois relacionamentos, por mais que se mostrassem inicialmente diferentes e opostos entre si, estavam sob o sustento da compulsão à repetição da pulsão mortífera que circula em seu psiquismo, aparecendo em ato na sua relação com o outro.

Para contemplar melhor a dinâmica de seus dois relacionamentos, são citados breves trechos de sua fala:

[...] e acho que até pode ter vindo daí a minha necessidade de ter alguém junto comigo, para conseguir suprir a falta da minha

mãe... Porque eu tinha 15 anos nessa época e namorava o meu ex, que fiquei 7 anos, então como a minha mãe já nem morava mais comigo, ele acabou indo morar lá, porque ele ia me cuidar quando eu estava sozinha. Então ele meio que supriu essas faltas da minha mãe... ele cozinhava, me dava carinho, cuidava da casa, ajudava nas contas e quando eu ficava doente ele me levava no hospital. Então eu morei com ele todo esse tempo que ela tinha me deixado (sic).

E, relacionado ao seu último namoro:

Isso já aconteceu nas outras vezes que aconteceu agressão, mas eu não conseguia ver. Eu deveria ter terminado já na primeira vez, mas eu não consegui. Eu também não sei como me coloquei naquela posição de aceitar tudo que ele fazia comigo, eu sou uma idiota mesmo, perdi tanto tempo do lado dele. Ele me manipulava em tudo... Como que eu não vi isso?! [...] Ele me controlava a todo o momento, sempre ia comigo nos lugares, decidia o que nós íamos fazer, comer, qual filme a gente iria ver, que amigos eu podia ter... Exatamente tudo (sic).

O segundo relato foi trazido na sexta sessão, na qual circulava no *setting* o transbordamento emocional dos excessos traumáticos experienciados em cenas de agressões físicas sobre seu corpo e abusos psicológicos. O questionamento “Como que eu não vi isso?” abarca a força cega dessa pulsão mortífera, não encontrando vias para se significar e, por isso, é escoada através do ato, da repetição das forças tanáticas em tempos atuais de maneira silenciosa.

No relato de Amália referente à sua primeira relação, é possível visualizar as frágeis barreiras que estavam estabelecidas entre ela e seu namorado, evidenciando uma confusão do lugar de si e do outro. O desamparo primário estava inscrito em sua relação, quando elegeu um sujeito que estivesse em uma posição de suprir suas necessidades mais básicas e primordiais, quase de uma ordem autoconservativa. Portanto, o ex namorado de Amália não estava colocado como um objeto de desejo erótico e genital, visto que a paciente ainda se encontra em tempos anteriores do desejar alguém como um outro distinto de si. Amália encontrava-se fusionada com seu ex namorado, sendo ele eleito como objeto que assumisse uma ordem nas adições (no campo das relações amorosas), sendo um rebatimento do desejo sobre a necessidade. Aulagnier (como citado em Cardoso, 2005, p. 69) afirma que as toxicomanias relacionadas à paixão amorosa se tratam de “uma relação na qual o objeto tornou-se para o Eu de um outro fonte exclusiva de todo o prazer, e foi por ele deslocada para o registro da necessidade”. Já em sua segunda e última relação, o caráter mortífero mostrou-se de forma mais crua ao eleger um objeto no qual a colocava em uma posição de abuso. A relação de necessidade também perpassava no relacionamento, mas uma necessidade muito mais vinculada às vias tanáticas do que propriamente de Eros. Amália sofria vários abusos, tanto físicos, quanto verbais que refletiam em seu sofrimento psíquico.

Além da visível repetição da matriz de indiferença, em suas tentativas de relação com objeto outro de forma alteritária, foi presentificado uma

posição que estava presente a todo o momento de novas ligações com o outro: posição de abuso. Suas escolhas objetais se davam em uma eleição de objeto a partir de sua condição de ser violentada – tanto na repetição da matriz da indiferença, quanto nas reatualizações dos abusos físicos – e de se colocar em um lugar de culpabilidade (sentimento este que ultrapassava o campo das relações amorosas). Nesse termo, podemos pensar um modo de funcionamento também transpassado pela dor-prazer: o masoquismo. É interessante contextualizarmos o caminho no qual a pulsão agressiva voltada ao Eu – o que caracterizaria o masoquismo – tramita, pois clarificará o modo de funcionamento da paciente frente a essa condição de satisfação tão peculiar. Entre os quatro destinos pulsionais que Freud aborda (recalcamento, sublimação, transformação no contrário e retorno para si mesmo) o que prevalece na dinâmica sadismo-masoquismo é o retorno da pulsão para si mesmo. Nesse destino pulsional referido, há uma troca do objeto que receberá a meta da pulsão agressiva, tornando o Eu como receptor do sadismo que antes era destinado ao outro, caracterizando, então, o masoquismo erógeno – que passa a acompanhar a libido em todas as fases do desenvolvimento (Conte, 2002). Nesse sentido, é possível pensar que no desenvolvimento psíquico de Amália, as pulsões agressivas destinadas aos seus pais poderiam ser insustentáveis ao Eu fragilizado desta, visto que eram suas únicas referências de um mínimo cuidado. A raiva poderia levar a destruição desses objetos e, por isso, essas pulsões tenderam a retornar ao seu Eu. Entretanto, devido aos precários limites entre Eu-outro, o retorno das agressões a si também era uma forma de atingir esses objetos, visto que a separação destes se dava de forma tênue. É importante ressaltar que a dor imposta no funcionamento do masoquismo se coloca também como prazer, visto que ambas ocorrem na mesma tópica psíquica, impossibilitando a inscrição da barreira que delimita que o desprazer para um sistema seja prazer para o outro, pois ambos encontram-se juntos no mesmo local (Conte, 2002). Isto evidencia a paralisação no princípio do prazer, sendo o masoquismo uma expressão da pulsão de morte (Conte, 2002).

Retornando ao que fora referido sobre a posição de abuso que Amália colocava-se em sua última relação, podemos refletir os desdobramentos ainda no campo do masoquismo, entretanto não mais no campo erógeno e sim no moral. Para Conte (2002, p. 67):

[...] nessa forma de masoquismo, a condição de sofrimento infligida pela pessoa amada deixa de ser importante, o sofrimento é o que importa, pois o verdadeiro masoquista oferece sua face todas as vezes que se apresenta a oportunidade de receber um tapa.

A submissão de Amália frente às relações de abusos, também perpassa pelo sentimento inconsciente de culpa e pela necessidade de castigo que transita em seu psiquismo. O sentimento inconsciente de culpa coloca o sujeito em posição de vítima frente ao mundo, delegando aos outros os motivos pelos de seus lamentos e suas insatisfações com a vida, não se colocando como sujeito parte da cena e potente de retirar-se da situação em que estava reatualizando violências primárias (Laplanche & Pontalis, 2016). Amália, em grande parte das sessões, trouxe em seu discurso (às vezes em nível manifesto, outras vezes latente) a culpabilidade de ser quem é. Ao colocar-se em relações abusivas, perpetuava essa posição da qual não poderia desvencilhar-se, pois esse era o modo pelo qual perenizava as violências vividas em sua história, sob o comando da compulsão à repetição.

Em tempo anterior à morte da mãe de Amália, suas decisões e escolhas

de vida estavam sob império do desejo de sua mãe, como em sua escolha de curso da faculdade, profissão e até o ato de se dedicar aos cuidados da mãe em tempo integral. Nesse sentido, Amália conferia à sua mãe uma figura de grande idealização e identificação, mesmo com o papel falho que esta desempenhou, bem como atribuía a ela título de cumplicidade extrema. Nesse sentido, como coloca Lazzarini e Viana (2010, p. 276), nos sujeitos narcísicos:

[...] há uma forte relação de dependência com a mãe, dependência ambivalente, que são deslocados para todos outros objetos. O recuo para o mundo interno pode ser uma das tentativas de lidar com essa dependência, ou seja, o afastamento pode ser uma função reguladora que serviria como salvaguarda da identidade: uma forma de a proteção contra uma ameaça de invasão do eu e a subsequente ameaça de desintegração.

Essa idealização apresentou-se de forma recorrente no discurso da paciente, principalmente nas sessões iniciais, colocando-a como único objeto afetivo e amoroso de referência em sua vida. Frente à morte de sua referência materna, Amália se encontrou em um lugar no qual nunca havia habitado: o de se deparar com a possibilidade de novos investimentos, provenientes do seu próprio desejo, visto que perdera o objeto que guiava seu modo de estar no mundo. Esse momento de desnortamento é colocado na décima terceira sessão:

Porque as minhas escolhas sempre eram pra dar orgulho pra minha mãe, principalmente a pedagogia, e agora que perdi essa referência eu não sei mais, eu me sinto meio perdida... [...] Várias coisas que não ando conseguindo fazer mais, porque antes a grande parte das atividades que eu fazia era pra minha mãe, se não era cuidando dela, era pra ela ter orgulho de mim, como a minha escolha por pedagogia, o trabalho nas escolas... E agora eu não to vendo mais sentido fazer essas coisas se ela não tá aqui (sic).

Além do impacto na paciente ao encontrar-se “sem referência” para arcar com sua própria posição frente ao mundo – visto que esse lugar não pôde ser alcançado em sua etapa narcísica infantil –, Amália encontrava-se em um processo de luto. Luto este que podemos questionar qual seria o objeto que perdera: uma parte de seu Eu – visto que seu limite entre si e o outro é precário – ou um objeto de investimento amorosos distinto de si?

A palavra como via criativa do processo de (re)construção de si

Assim como o Eu não está posto desde o início da vida, este também não estará pleno em algum momento. O sujeito sempre está frente a possíveis novas identificações, novos ideais e mudanças externas que o colocam frente à necessidade de conduzir a mudanças internas. Assim, a Psicanálise se apresenta como um caminho possível dessas mudanças, proporcionando que o sujeito encontre novas vias possíveis de circulação das intensidades que

não foram metabolizadas e que estão no campo da repetição. Logo, como sublinha Bleichmar (1994, p. 61): “O que não é possível de ser historizável deverá encontrar um modo de ligação e de ressimbolização se pretendermos que o objeto não fique sempre entregue à compulsão de repetição, quer dizer, ao exercício da pulsão de morte”. O que Bleichmar (1994) coloca como “modo de ligação” enlaça-se com a potência criadora da palavra. É no processo terapêutico que se abrem vias possíveis para a criação de uma nova narrativa sobre si, podendo ser inscrito no psiquismo de Amália uma nova posição frente ao mundo, sobrepondo o caráter tanático do ato pelo simbólico da palavra. Essa potencialidade narrativa coloca o sujeito frente a um movimento de reterritorialização do que foi vivido, ao destinar a experiência para um lugar outro que permita ser produzido um sentido e uma (re)significação (Kegler & Macedo, 2016). Essa experiência singular coloca o sujeito frente à possibilidade de subjetivar-se por vias da criação de sua própria história, isto é, transmitindo uma experiência sob novas formas, recriando-a e dando voz àquela experiência muda que se perpetuava sob domínio da repetição em ato. Como colocam Kegler e Macedo (2016, para. 32) “nas circunstâncias em que há testemunho, há, também, escuta. A dimensão de alteridade configura-se como uma expansão da esfera do dizer-se”. Nesse sentido, é no encontro da escuta com o que fora enunciado, que se inicia um novo movimento psíquico de integrar o que estava alheio a si, o que estava fora da cadeia representacional, assim como um novo lugar frente ao outro começa a surgir: o lugar de alteridade.

Tendo o trauma como intensidade que paralisa e impede a circulação psíquica da experiência, é na palavra que surge a possibilidade do sujeito de revisitar o passado para compor no presente uma narrativa que abra espaço para o devir de ser sujeito de si, devir este que sublinha uma história viva que abarca todas as possibilidades de sentido de ser (Kegler & Macedo, 2016). Assim, Amália estreia seu protagonismo no devir que é ser sujeito não assujeitado ao que viveu, recuperando sua posição subjetiva e reconhecendo-se em seu próprio discurso. Ao criar sua própria versão de si, Amália poderá encontrar caminhos fora das amarras da cadeia da repetição que se encontrou em 26 anos vividos, podendo representar o que estava irrepresentável. Assumindo um papel de historiador, o sujeito poderá apropriar-se do passado e transformá-lo, criando novas âncoras no presente (Hornstein, 2008).

Para concluir, destaca-se uma citação de Kegler e Macedo (2016, para. 36) que contempla a potência transformadora da narrativa no espaço do processo analítico: “dar lugar à palavra é colocar o sujeito psíquico no lugar central de produtor das genuínas e autônomas condições de enfrentamento ao duro emudecimento gerado nas traumáticas experiências que escapam ao enlace do sentido”.

Considerações finais

Trabalhar com a psicanálise é sempre estar trabalhando com o infantil, a partir da dinâmica inconsciente e, acima disso, é trabalhar com o desejo de sentido, de amor vindo do outro que chega buscando um espaço de escuta. Então, ao receber Amália, me vi frente a uma demanda de construção de si. Ela me concedeu uma passagem de ida aos seus primórdios, como um sujeito que pede um mapa para atravessar sua própria travessia. Travessia esta que não há um fim já posto, mas um fim no qual há de ser construído e sempre reatualizado ao percorrer os diversos entraves e desembaraços dessa jornada.

As primeiras relações do sujeito com o mundo que o entorna são demasiadamente significativas para criar um sentimento de si e, por

consequência, disponibilizar recursos psíquicos que serão necessários para outras experiências de vida posteriormente. Quanto mais esse ambiente for envolto de amor, desejo e capacidade criativa dos objetos sobre o sujeito, mais apropriado de si e de sua história o indivíduo estará. E essa capacidade possibilitará ao sujeito, posteriormente, vir a amar alguém, isto é, ter relações em uma ordem de alteridade. São esses encontros com o outro diferente que fazem o devir de ser mais valioso, invocando a si o papel de eterno andarilho de sua própria travessia.

Entretanto, Amália encontra-se em um tempo anterior a essa possibilidade de ver-se como um eu íntegro. Sua vida não é comandada por si, mas sob intensidades que, devido ao (des)encontro traumático com seus objetos primordiais, não foram significadas. Ao ficar à mercê dessas pulsões tanáticas, estas tentam satisfazer-se através do ato – colocando Amália em relações que fazem perdurar a violação de seu existir e, conseqüente, seu sofrimento psíquico. Portanto, é com suas ferramentas mais potentes que a Psicanálise surge como uma possibilidade de rompimento dessa circulação mortífera que perpetua os modos de relação de Amália: com a escuta, com a palavra e com o sensível encontro que se sucede dentro do *setting* entre terapeuta e paciente.

Penso também que escrever um artigo baseado em um estudo de caso foi um desafio. Todos somos seres complexos e, ao estar trabalhando com a subjetividade humana, isso fica mais evidente. Logo, o ato de escrever um artigo faz com que seja necessária a eleição de pontos mais potentes dessa complexidade, para que estes possam ser trabalhados e, por consequência, gerar reflexões e debates à luz da teoria psicanalítica. Ao delimitar esses pontos, algo fica de fora, marcando então a condição de falta – tão conhecida e essencial no campo do desejo humano. Lidar com esta condição é sempre um desafio necessário e esse artigo pôs em vislumbre este.

Referências

- Antoniazzi, S., & Weinmann, A. O. (2018). *O Filicídio na Teoria Psicanalítica e Seus (Des) Enlaces na Cultura Brasileira*. Porto Alegre: Criação Humana.
- Belo, F. (2004). Os efeitos da violência na constituição do sujeito psíquico. *Psychê*, 8(14), 77-94.
- Birman, J., Fulgencio, L., Kupermann, D., & Cunha, E. L. (2016). *Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea*. São Paulo: Zagodoni Editora LTDA.
- Bleichmar, S. (1994). *A Fundação do Inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bleichmar, S. (2005). *Clínica Psicanalítica e Neogênese*. São Paulo: Annablume.
- Cardoso, M. R. (2005). A servidão ao “outro” nos estados limites. *Psychê*, 9(16), 65-75.
- Conte, B. S. (2002). *Prazer e dor: o masoquismo e a sexualidade*. Porto Alegre: Criação Humana.
- Dockhorn, C. N. B. F., Macedo, M. M. K. & Werlang, B. S. G. (2007). Desamparo e dor psíquica na escuta da psicanálise. *Barbarói: Revista do Departamento de Ciências Humanas*, 1(27), 25-41.
- Figueiredo, L. C. (2003). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Filho, F. C. S. (2011). *Traumatismo psíquico – Realidade dos fatos, realidade psíquica e des(a)tino do sujeito* (Tese de doutorado). Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14997/1/Francisco%20Carlos%20dos%20Santos%20Filho.pdf>
- Freud, S. (1920/1977). Além do princípio de prazer. In J. Salomão (Org.), *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922) (pp. 12-85). Rio de Janeiro: Imago.

-
- Freud, S. (1937). A Técnica da Psicanálise. In J. Salomão (Org.), *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (pp.110-117). Rio de Janeiro: Imago.
- Hornstein, L. (2008). *As depressões: afetos e humores do viver*. São Paulo: Via Lettera.
- Kegler, P. & Macedo, M. M. K. (2016). Narrativas do excesso: a potencialidade da palavra em psicanálise. *Tempo psicanalítico*, 48(1), 171-190.
- Kehl, M. R. (2004). *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (2016). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lazzarini, E. R. & Viana, T. C. (2010). Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. *Análise Psicológica*, 2(28), 269-280.
- Macedo, M. M. K. (2015). *Neurose: leituras psicanalíticas*. Porto Alegre: ediPUCRS.
- Mello, R. & Herzog, R. (2012). Psiquismos clivados: vazio de sentido e insistência no existir. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 34(27), 65-81.
- Monteiro, R. R. G. & Cardoso, M. R. (2016). A relação Eu/Outro nos estados limites: Aspectos teóricos e clínicos. *SIG Revista de psicanálise*, 1, 75-87.
- Moraes, E. G. & Macedo, M. M. K. (2011). *Vivência de indiferença: do trauma ao ato-dor*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Santos, S. S. (2007). Algumas articulações entre narcisismo e estágio do espelho. *Revista do CEP de PA – Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre*, 14, 49-61
- Silva, P.V. (2008) O início do tratamento: da queixa à demanda – uma construção. In *Escuta analítica: início de uma prática* (pp. 37-44). Porto Alegre: Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
- Tizio, H. (2003) Ocorre que, às vezes, um rinoceronte nos refresca a memória. *Opção Lacaniana*, 35, 56-59.

A arte e a psicanálise e a psicose: seriam as criações um possível lugar de inscrições?

Art and psychoanalysis and psychosis: are creations a possible place of registration?

Bárbara de Castro Gonçalves¹

Resumo: Partindo do trabalho da autora dentro de um hospital psiquiátrico de internação masculina e psicoses severas, o objetivo da presente pesquisa é trazer à discussão, a partir da abordagem psicanalítica, de que forma as criações artísticas seriam um possível lugar de inscrições para estabilização da estrutura psicótica. Para tal efeito, revisou-se os conceitos que explicam a condição estruturante do sujeito, historicizando a importância da arte interface à neurose e à psicose, e colocando em relevo a ética da psicanálise que contrapõe a prática normativa. Nesse percurso, chegou-se à conclusão que o uso de dispositivos artísticos como possíveis recursos para o suporte clínico, podem colocar-se também como uma estratégia potencializadora no processo de constituição enunciativa, dando um contorno estético ao excesso de gozo, possibilitando um arranjo de inscrição e resituando o sujeito psicótico no enlaçamento social.

Palavras-chave: Psicanálise; Psicose; Arte; Estabilização Psicótica.

Abstract: Starting from the author's work inside a psychiatric hospital with male hospitalization and severe psychoses, the objective of this research is to bring to the discussion, from the psychoanalytical approach, how the artistic creations would be a possible place of inscriptions for stabilization of the psychotic structure. To this end, the concepts that explain the structuring condition of the subject were reviewed, historicizing the importance of interface art to neurosis and psychosis, and emphasizing the ethics of psychoanalysis that opposes normative practice. In this way, it was concluded that the use of artistic devices as possible resources for clinical support can also be placed as a potentializing strategy in the process of enunciative constitution, giving an aesthetic contour to the excess of enjoyment, allowing an arrangement of inscription and resituating the psychotic subject in the social bond.

Keywords: Psychoanalysis; Psychosis; Art; Psychotic stabilization.

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: barbaradecastro2010@hotmail.com .

Introdução

Ao propor uma investigação que contemple a arte e a psicanálise e a psicose, ressalta-se, primeiramente, a conjunção aditiva e para explicar que não se trata de um equívoco gramatical ou de um simples detalhe, mas sim, seu significado por excelência: conectar orações sem disso fazer uma fusão. É no intuito de aproximar esses três campos que esse debate se faz valer, impulsionado pela vivência da autora ao estagiar em um hospital psiquiátrico, dentro de uma unidade de internação masculina de psicoses severas, provocando assim conhecer, através de uma pergunta-constatação, como os recursos provenientes das criações artísticas são capazes de produzir inscrições psíquicas que possam ensaiar uma estabilização ou dar uma ancoragem ao funcionamento psicótico, sustentando a hipótese da presença de um sujeito nesta estrutura.

No que diz respeito à metodologia adotada na realização desta pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, torna-se nítido que a ideia não foi esgotar a bibliografia sobre o assunto, mas pontuar algumas obras expoentes sobre o tema: a própria investigação psicanalítica já parte do princípio da inverossimilhança de uma sistematização completa e exclusiva, justamente por trabalhar com a impossibilidade da previsão do inconsciente. A coleta de dados deu-se através de fontes bibliográficas de livros impressos, artigos científicos e teses de corrente psicanalítica relacionadas ao tema, articulados às reflexões experienciadas da própria autora em seu estágio de psicopatologia, através da observação, da inferência e do manejo clínico. Nas explanações de Ravasio (2016), “a pesquisa psicanalítica é sempre uma apropriação do autor, que depois de estudar e ter um enigma, uma pergunta, filia-se a essa vertente e a singulariza na realização de uma pesquisa.” (p.3).

Os tempos que despontam, sempre convocam novos diálogos frente às configurações que emergem: a cultura se modifica, as famílias se transformam, e o sofrimento psíquico, tão influenciado pelo contexto daquilo que se vive, também fala de outras formas de se dar. Para isso, a psicanálise, que jamais está findada, convoca àqueles que a seguem a não se acomodarem. Por seu turno, Freud (1969c) já havia deixado o mundo ocidental atônito ao revelar que o homem não era o senhor de sua própria morada (nele habitavam forças que ele próprio desconhecia), e com seu pensamento híbrido sistematizou a metapsicologia, trazendo à baila o inconsciente como uma *outra cena*, a sexualidade infantil, a neurose como normalidade. Seu predecessor, Lacan, outro expoente da psicanálise, surge embebido da influência surrealista, estruturalista e lingüística, e através da complexidade de sua obra, vem falar do inconsciente estruturado como uma linguagem – há uma primazia do significante. Ocorre que, ambos não morreram sem perceber as incertezas e hesitações de suas teorizações, e aí está, porque não dizer, a própria arte do saber-fazer do psicanalista: andar no fio da navalha entre a tensão do sempre necessário rigor teórico e as novas formas de enfrentar as problemáticas contemporâneas que constantemente convocam e exigem diferentes dispositivos de tratamento, e que não se limitam ao discurso binário de saúde-doença.

O presente artigo não foge a esse apelo, e parte da investigação dos conceitos fundantes da estruturação do psiquismo, delineando suas principais

características, funcionamentos e defesas. Nesse contexto, serão explanadas tais premissas a partir do referencial freudiano, em que o indivíduo, diante da angústia da castração, cria soluções de defesa, resultando irreversivelmente na constituição da neurose, da psicose ou da perversão. Paralelamente, serão deslindados alguns pressupostos lacanianos, que em seu retorno ao pensamento de Freud, propôs que a forma de o sujeito se situar na linguagem, será organizadora de toda sua existência.

Em um segundo momento, a proposta será discutir a importância da arte para psicanálise, interface à neurose e à psicose, colocando em relevo as diferenças dos efeitos da criação artística para ambas estruturas, situando que, na neurose, existe um sujeito implicado ao ato que produz a obra – há algo do seu psiquismo que ali comparece e é fruto da passagem entre o excesso pulsional e a cultura, no processo de sublimação. Já na psicose, as criações artísticas, além de promotoras de significação, seriam também localizadoras de gozo (dentro ou fora do corpo), auxiliando o sujeito psicótico a tecer um gradil capaz de ordenar as suas experiências, produzindo-lhe marcas que possam arranjar alguma ordenação lógica de significantes soltos, proporcionando ainda, um possível ensaio de enlaçamento com o social.

A última explanação dará contorno a ética da psicanálise e seu entendimento de cura, onde a aposta do técnico deve se dar na expressão da singularidade do sujeito, e não fundamentada pela satisfação do profissional que o acompanha – este deve pautar seu trabalho na especificidade de cada indivíduo, mobilizando o que há de particular em sua vida, contrapondo as formas de tratamentos normatizantes e serialistas, jamais impondo o recurso de criação como uma atividade obrigatória à terapêutica, o que acarretaria em uma psicologização da arte.

Por fim, é preciso salientar que a arte e a psicanálise e a psicose sempre comungaram de um certo distanciamento e da oposição a determinados saberes tradicionais e adaptativos que hegemonizam o coletivo – idiossincráticas, há algo em ambas que é da ordem do indecifrável...e, em algum momento de sua história, desconfiaram da razão.

A condição estruturante do sujeito: a psicose à luz da teoria psicanalítica

Considerando a clínica estrutural, a neurose², a perversão³ e a psicose⁴, são as possíveis saídas do complexo de Édipo – sua forma de lidar com a castração em uma operação de defesa, no sentido freudiano. Em seu retorno à Freud, Lacan (1984), revitalizou o conceito de inconsciente, dizendo que este tem sua própria gramática e lógica, onde as estruturas se colocam como um modo de estar na linguagem, em uma teia de significantes que vão estabelecendo-se e engendrando-se concomitantemente a uma economia psíquica das forças pulsionais. Através da posição ocupada frente ao falo na travessia edipiana, a criança se defende de ser reduzida a objeto de uma demanda imaginária do Outro (Calligaris, 1989), desembocando ou não, a sua inserção na ordem simbólica. Uma vez efetivada sua inscrição na linguagem, o infante se firma como desejante pela via da palavra, logo, a estruturação do

² A representação da castração é insuportável, logo, o elemento traumático (a falta no outro) é negado no nível do simbólico, mas acaba retornando no próprio simbólico do sujeito.

³ O elemento traumático é desmentido: a percepção da castração permanece, porém, é contestada transformando-se o falo faltante do Outro em fetiche, que é seu representante simbólico.

⁴ O significante primordial não representa a castração e essa acaba por não se inscrever no simbólico. Este significante da castração no Outro, o Nome-do-Pai, é foracluído do simbólico e retorna no real.

sujeito psíquico vai ser definida sempre como uma resposta do real à falta, na dialética desejo-lei à metáfora paterna.

No âmbito de sua teoria do significante e de sua tópica (imaginário, real e simbólico), ele (*Lacan*) definiu o complexo de Édipo como uma função simbólica: o pai intervém sob a forma da lei, para privar a criança da fusão com a mãe. Segundo essa perspectiva, o mito edipiano atribui ao pai, por conseguinte, a exigência da castração: a Lei primordial (Roudinesco e Plon, 1998, p. 182).

Quando o significante do Nome-do-Pai, representante da Lei, é forçado e, portanto, não capaz de barrar o desejo materno, o efeito será a instauração da psicose (*Lacan*, 2005b). Logo, a *verwerfung*, a forclusão, este rechaço do simbólico que implica o surgimento de algo na ordem do real, é a maneira defensiva que o indivíduo arma para lidar com a falta: ocorre uma ruptura com a realidade extrínseca, instaurando-se assim uma hiância, e é justamente aquilo que foi posto para fora da simbolização que retorna desde este exterior. Uma vez não submetido à castração simbólica, todo processo de recalçamento é comprometido, e, conseqüentemente, a própria estruturação como sujeito desejante.

Se a inscrição norteadora que amarra, organiza a estrutura do sujeito e decide todas as demais significações está ausente, o sujeito permanece à margem do discurso, do laço social, e o faz circular de forma diferente nas significações da cultura, esteja ele em crise ou fora dela. Segundo Coriat (1997) para o psicótico “não há falta porque nada foi perdido e nada foi radicalmente proibido.” (p. 237). Ele é o que o Outro diz que ele é, permanecendo inteiramente subjugado a este Outro que pode colocar-se de forma cabalmente invasiva, principalmente nos momentos de crise aguda. Ainda que sua linguagem tenha certa articulação lógica, nem por isso ela é reconhecida, seu efeito é de um estranhamento, como se o interlocutor ignorasse a própria língua falada:

[...] não podemos pensar que ele esteja tomado nos registros Imaginário e Real somente. Por que ele tem indubitavelmente uma significação de sujeito. Ele está tomado numa articulação simbólica, chega a circular nesse registro. Mas, se está tomado numa articulação simbólica, está tomado certamente de um jeito diferente do que um neurótico. (*Calligaris*, 1989, p. 13)

Sabe-se quem nem mesmo a inscrição do Nome-do-Pai dá ao sujeito garantias de a tudo significar – sua relevância está em permitir um ingresso à linguagem, entretanto, sem efetivamente responder ao enigma do desejo materno. O principal efeito da operação da metáfora paterna é a lógica fálica, que sentencia o sujeito neurótico a permanecer dando voltas ao redor de um centro único: o falo, que é simbólico, mediador de todas as coisas, e que também é imaginário, sempre apontando para o desejo inalcançável. Mas se

o psicótico se situa fora dessa premissa, é este ser não-barrado e eminentemente propenso à errância uma vez que há um horizonte de significações sem polo mediador, deixá-lo à mercê de um tratamento pautado somente pela fenomenologia descritiva de sinais e sintomas, é permitir que ele permaneça, ainda, no hiato de sua existência.

É possível dizer sem palavras?

Mais de um século atravessado pela psicanálise, em que ela se debruçou sobre a questão da psicose, e ainda seguem os empecilhos impostos pela clínica, seja no manejo da transferência ou na inviabilidade de metaforização. Na teoria lacaniana, a estabilidade dessa estrutura se dá por mecanismos imaginários, logo, a direção de sua clínica precisa ofertar múltiplas alternativas dentro do enquadre psicanalítico, que proporcionem alguma ancoragem a sua estrutura – não para mudá-la, mas para mudar as relações entre os seus elementos (*Balbo e Berges*, 2003). Se para *Descartes* (2001) a verdade habitava a consciência do sujeito cartesiano, contrapondo a filosofia escolástica⁵ com o *ergo sum*⁶, Freud subverteu esse axioma apontando a psicanálise como a terceira grande ferida narcísica sofrida pelo saber ocidental ao produzir um descentramento da razão, rompendo com a definição iluminista do sujeito da vontade: a consciência passa ser o lugar da mentira, do ocultamento, da distorção e da ilusão. O estilo gongórico lacaniano também contrapôs o cogito de *res cogitans*⁷ com seu célebre aforismo “penso aonde não sou, sou onde não penso” (*Lacan*, 1998, p. 521).

A epistemologia e o desenvolvimento da psicanálise se dão *na* escuta e a partir *da* escuta singular à qual se compromete, onde a palavra, veículo de acesso ao inconsciente, dentro da metapsicologia inaugurada por Freud, torna-se a pedra angular do tratamento analítico, e através de sua técnica traz à cena o discurso secreto sobre o sujeito: é justamente onde o sujeito hesita, naquilo que não lhe surge palavras, no branco do pensamento, que está o plano do inconsciente. Na psicose, por mais atrapalhada que a fala possa parecer, devido as suas problematizações nas leis da linguagem, sem amarramento semântico e enunciativo, é preciso acolhê-la. Para *Lacot* (2004), há frases interrompidas, neologismos, reiteração de letras, maneirismos, verborragias e relações cabalísticas, e assim, na ausência de metáfora e diante das poucas possibilidades de representação, alguns casos podem resultar em narrativas empobrecidas, cristalizadas e repetitivas – aquilo que o neurótico é capaz de elaborar pela associação livre, pelo ato falho, pelo chiste, no psicótico, torna-se concreto, literal, colado ao discurso do Outro. A linguagem consegue permanecer no silogismo, entretanto, sem qualquer sistematização por trás desta: resta somente a convicção da evidência.

Na loucura [...] convém reconhecemos [...] a liberdade negativa de uma fala que renunciou a se fazer reconhecer, ou seja, aquilo que chamamos obstáculo à transferência, e [...] a formação singular de um delírio que [...] objetiva o sujeito em uma linguagem sem dialética (*Lacan*, 1984, p. 281).

⁵ Conjunto de pensamentos originais desenvolvidos nas universidades da Europa Ocidental, especialmente durante a Baixa Idade Média.

⁶ “Penso, portanto, sou”, popularmente traduzida para o português como “penso, logo existo”.

⁷ O pensamento como única garantia de existência.

O neurótico, ao falar, busca ser reconhecido, fazendo um apelo para que o Outro o compreenda, mas o psicótico não está interessado nisso — ele goza de seu próprio falatório estéril e parodiado. Se o sujeito psicótico é então esse louco que, diferentemente de outros, não se defende do real pelo simbólico, não se alienando, portanto, nas palavras (Leite, 2007), é preciso viabilizar estratégias outras de trabalho para auxiliar o sujeito em uma sutura do seu enodoamento borromeano, em que o campo de ação da psicanálise — a palavra — teça aliança com outras possíveis ferramentas para (re)criar ou (re)construir aquilo que falha na simbolização. Nessa ausência é preciso, como disse Lacan (1985), o uso de muletas imaginárias para que o sujeito possa estar no mundo. Dito de uma outra forma, trata-se de um remendo de linguagem, um rearranjo para expressar o que lhe ocorre, uma vez que o psicótico está fora do código linguageiro. Segundo Melman (1991), a fala do psicótico é livre de todo recalçamento, revelando um inconsciente do qual ele não se defende, sem ponto de estofamento⁸ amarrado pelo significante primordial.

Escutar o dito e o não dito, é sempre permitir-se ouvir as entrelinhas, apostando em alguma possibilidade enunciativa, em que o interlocutor se mantém aberto à surpresa e ao imprevisto. Para Silva (2001), o dizer produzido pelo sujeito psicótico pode ser realmente “vazio, estereotipado, mas ele pode se exprimir, talvez até de uma forma extraordinária, num outro nível, que é não-equivalente, mas uma outra forma de expressão, de mesmo valor que o discurso falado.” (p.100).

A arte e a psicanálise: tencionando os códigos instituídos em busca de outras significações

A corrente psicanalítica sempre demonstrou interesse pelas origens e mistérios enredados no processo artístico. Desde as primeiras concepções freudianas sobre o inconsciente e o complexo de Édipo, inspiradas em Shakespeare e na tragédia de Sófocles, as artes marcavam presença e sinalizavam os caminhos que estariam por vir. Nessa esteira de pensamentos, a arte foi um dos solos sobre o qual a psicanálise celeremente exerceu influência:

Havia uma forte ressonância entre as ideias modernas da arte e o pensamento psicanalítico, ambos surgidos de um terreno comum e construídos em torno de uma concepção de subjetividade bastante próxima, no centro da qual está o inconsciente que se revelaria em palavras, em sonhos e em obras, por intermédio da linguagem. (Lima, 2009, p.77).

Essa aproximação não se dá somente por seu valor estético, mas como uma das formas de lidar com o vazio, em torno da Coisa, das Ding⁹ (Lacan, 1997), que auxilia o sujeito na invenção de um modo de estabelecer seu contorno singular em torno desse furo. A obra de arte figura um movimento subjetivo e, segundo a abordagem lacaniana, seria uma articulação discursiva apta a salvaguardar justamente o vazio da Coisa: deslocando-se do plano da fantasia e circulando pelo real que encaixa o sujeito.

A arte (assim como a psicanálise) reluzirá sempre o esplendor do objeto perdido e ocultará o seu mistério indezessável, mítico, e resistirá num casulo, num núcleo inacessível a quaisquer interpretações de sentido e, espero, a qualquer tentativa de devassação por parte do próprio homem, seu criador. Ela impulsionará, silenciosa, o arco e flecha de Eros, a fisgar e enlaçar humanos, erótica e afetivamente, criando vínculos sociais, civilizatórios e éticos. Se exhibe, despida sob véus, para ser usufruída, fruída em seu charme e fascínio encantatórios, sem nunca se tornar totalmente compreendida, explicada ou devassada. (Morais, 2006, p. 55).

Foi justamente no decorrer da construção do edifício psicanalítico que os estudos rigorosos de Freud, por vezes encontraram na arte uma companhia, seja na literatura, na escultura ou na poesia. Através da análise clínica-teórica de artistas¹⁰ e suas obras, o pai da psicanálise outorgou testemunho de sua tese sobre o inconsciente: sempre há um sujeito implicado no ato que produz a obra, e portanto, um *saber*, cujo estatuto é sempre *insabido*.

A arte é descrita na neurose como um dos destinos da pulsão pela via da sublimação, através de uma ordem já estabelecida culturalmente e dentro de uma lógica simbólica, onde o artista busca na obra aquilo que sobrou do seu gozo desaparecido por estar inscrito na filiação. Freud (1969b), postula que, em ambas estruturas — neurose e psicose — há um certo abrandamento da realidade, de alguma forma o sujeito dela se anestesia, e o que está em jogo é justamente o que irá ser utilizado para essa substituição: na neurose, é a fantasia quem ocupa-se desse papel, e na psicose, a alucinação e o delírio¹¹ — as elaborações de defesa perante aquilo que é impossível de representação pela linguagem. Nas palavras genuínas de Clarice Lispector (1980) ao dizer “não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada” (p.22), demarca-se — com a sensibilidade e a precisão dos grandes poetas — aquilo que todos estão sempre a se perguntar: o que é, afinal, possível de se representar?

Enquanto fonte de expressão inconsciente, a arte possibilita ao artífice, por intermédio da sua obra, exprimir sua forma de relacionar-se com a sua realidade psíquica, que sempre é decisiva: é a fantasia que se manifesta, que traz notícias do inexprimível, do desejo arcaico, e que agora surge envolto de forma plástica, estética, ganhando representação no status de obra. Para Freud (1969a), “toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfeita” (p.152), sendo assim, a fantasia do artista ilusoriamente atua para fazer um contorno ao seu recalque, dando vazão ao excesso pulsional através da criação artística — um destino sublimatório que ganha o apreço do outro, uma vez que este, inconscientemente, se identifica com a sua própria abnegação do princípio do prazer: “em que esse ‘dar-a-ver’ apazigua algo? — Senão pelo fato de que há um apetite do olho naquele que olha. Esse apetite do olho que se trata de nutrir constitui o valor do charme da pintura.” (Lacan, 1964, p.131).

Para a psicanálise, da mesma forma como ocorrem nos sonhos e nos sintomas, a criação artística é uma forma de resposta às exigências pulsionais, e nessa trilha reflexiva, o artífice é um indivíduo marcado e movido pela

⁸ Ponto de capiton: organizador da cadeia de significantes que remete à filiação.

⁹ Aquilo “que do real padece do significante” (LACAN, 1958-1959, p.152)

¹⁰ *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910) e *Moisés de Michelangelo* (1914), por exemplo.

¹¹ Efeito imaginário produzido a partir da emergência da falta (não se trata de uma manifestação inconsciente).

insatisfação: há algo que o indicia e ele age por aí. Segundo Souza (2014), a arte “instaura desordem, funda um fora de lugar, cria uma espécie de colapso no sujeito, lembrando que o desafio do artista (e também do psicanalista), é de encontrar o corte certo entre estrutura e colapso.” (p.3).

Entre os excessos e as insuficiências nas psicoses, o que podem os recursos artísticos?

A prática clínica com psicóticos é sempre confrontada pelo impacto da impossibilidade de representação que assola esses sujeitos, tornando a comunicação difícil e prejudicada. Na psicose, o sujeito psíquico está a esmo e o ato de criar pode então tomar forma de um ensaio de inscrição, possibilitando sair do vazio da significação. Quinet (2006), diz que a obra de arte na psicose tem como função “servir de pasto ao olhar sedento do Outro que visa o ser do sujeito, fixando na obra e, portanto, desviando de si, o olhar mortífero do Outro” (p. 218). É Lacan (1992) quem nos convoca a agir e pensar formas de trabalho ao dizer que não se deve recuar diante da psicose. Além da metáfora delirante (de constituição imaginária), e da emergência do *sinthoma* (em que ocorre a junção do simbólico com o real), pode colocar-se como uma possibilidade de pontos de estabilização dessa estrutura a arte, sendo esta capaz de ocupar uma posição de juntura, fazendo um arranjo reparador do nó que ata e organiza a experiência subjetiva.

Concebê-los como capazes de construir respostas, implica deslocá-los de uma posição de deficitários, infantilizados, incapazes, para a de sujeitos responsáveis pelas produções que realizam, sejam elas delírios, atos, obras ou outras. Assim, qualquer processo reabilitador só se reveste de interesse na medida em que respeita o estilo do sujeito para o qual se aplica, acompanhando seus movimentos subjetivos e suas possíveis formas de enlaçamento social (Guerra et al., 2006, p. 31).

Seja fora de crise (onde o sujeito consegue se relacionar consigo próprio e com o mundo por uma ortopedia imaginária) ou imerso nela (quando o psicótico tropeça no vão, no buraco da significação absorta), as criações podem restituir ao sujeito alguma significação: a potência artística e criativa oferece continência aos impulsos anacrônicos, às intensidades, estreitando assim, os laços com a realidade externa, conforme refere a teoria winnicottiana. Para esse autor, a psicose é compreendida como “uma doença de deficiência do ambiente” (Winnicott, 1983, p.231), efeito de determinados equívocos de construção da personalidade, no processo de amadurecimento pessoal, onde o ambiente não foi facilitador o suficiente e causou marcas permanentes de pânico e aniquilamento no sujeito. A arte então propõe saídas inventivas aos conflitos psíquicos, pois na relação com os objetos transicionais, o sujeito pode manter seu encontro com o verdadeiro *self*: este objeto, segundo Winnicott (1975), surge na brincadeira em uma zona intermediária entre o dentro e o fora, a legítima matriz da experiência cultural, isolando o que subjetivamente se percebe daquilo que é concebido de forma objetiva. É justamente nesse espaço intermediário, de passagem, que ocorre um processo de diferenciação entre o meio psíquico interno e o ambiente externo. Cria-se assim, uma área de ilusão, que na criança manifesta-se no lúdico e no adulto, na arte (Winnicott, 1975). Esse jogo de sincronicidade da relação entre dentro e fora, entre eu e

outro, evidencia a questão do corpo: sabe-se que na psicose, o corpo não é nem unificado, nem próprio — ele continua como uma extensão, um complemento do corpo de um outro especular.

Pankow (1989), psicanalista que também se dedica ao estudo das psicoses, trabalhou em uma perspectiva de oferecer ao sujeito outras formas de sensações corporais táteis na intenção de conduzi-lo a reconhecer os limites de seu próprio corpo, onde a arte entra como um recurso mediador fazendo com que o corpo não seja totalmente invadido pelo Outro. De qualquer maneira, o corpo é referenciado como lugar no qual as experiências subjetivas podem ser comunicadas de forma individual, próprias de cada um, por isso Calligaris (2004) afirma que a psicanálise não é atacadista, ela trabalha no varejo: o desejo e a fantasia só obtêm seu sentido nas vidas singulares. Forjada nesse embasamento, é que Neubarth (2009), ao trabalhar com pacientes psicóticos em oficinas de criatividade de um hospital psiquiátrico, demarcou sua prática na singularização e também na inclusão, sempre certificando a eles, possibilidades:

Assim, na leitura daquele pedaço de mundo, persegui com afinco a viabilização daquelas pessoas. Observando-os em suas pequenas descobertas, suas conquistas, em algum traço peculiar, um brilho no olhar, um afago, e, até, nas suas bizarrices, nas manhas ou nas chatices. Enfim busquei conhecê-los no seu jeito de ser e estar no mundo, em suas diferenças, naquilo que, tirando-os do anonimato, lhes dava um lugar de sujeito (Neubarth, 2009, p. 26).

Aquilo que é singular de cada sujeito, ainda que identificados em uma mesma estrutura clínica, é a tônica da vertente psicanalítica. Mas se o psicótico se encontra fragilmente estruturado fora do discurso, ele necessita, de alguma forma, de uma significação subjetiva. Posto isso, aquilo que ele cria artisticamente, produz um objeto de gozo separado de si — fora do corpo (no caso da esquizofrenia) ou fora do campo do Outro (no caso da paranóia), onde o sujeito pode inventar as suplências necessárias para reconstrução de sentidos, para reedificar a realidade que rejeitou, e em ambas situações, emerge qualquer coisa remetida a um outro, sinalizando assim, algo próximo a um laço social.

Para Goidanich (2004), o ato criativo pode ser visto como “aquele movimento que estabelece algum corte, que desenha uma borda, que instituiu um contorno, delimita uma fronteira.” (p.106). A criações materiais, que abrangem todo leque do campo plástico-visual, surgem como possibilidades de o sujeito lidar com as excitações mentais e corpóreas que lhe importunam e até lhe aniquilam, e de singularmente manifestar-se, dizer-se. Para algumas psicanalistas como Mannoni (1999) e Dolto (1984), os desenhos se colocam como uma alternativa do sujeito falar de si, não como o interino da palavra, mas como um suporte para evocá-la.

Segundo Read (1983), a “psique fragmentada também deve ser reconstruída e a terapia criativa — a que chamamos arte — oferecesse essa possibilidade.” (p.15). Reiterando essa alegação, para Silva e Alencar (2009), aquilo o que for produzido pelo sujeito psicótico poderá estar conexo com o seu trabalho psíquico, e isto “é mais importante do que a aceitação social de sua produção, no sentido estético, ou seja, o importante é que essa produção possa fixar um lugar para seu inventor.” (p.6).

Utilizando-se dos elementos que o psicótico traz, o analista deve escutar qual a saída que cada sujeito aponta como sendo aquela que lhe é possível. Há aqueles que podem fazer uma suplência pela escrita, pela arte, pela identificação(...) o que está em jogo na psicose é “o que pode o sujeito” (Ferreira e Trópia, 2000, p. 148).

Na psicose, o sujeito, sem guia central, percorre todos os caminhos. No manejo clínico, as criações artísticas são processuais e podem estabelecer uma temporalidade, como coordenadas simbólicas que norteiam o psiquismo à deriva, contabilizando e cifrando o gozo, em uma tentativa de se descolar da posição de objeto do Outro.

Os sujeitos psicóticos precisam envolver-se de algum modo com o princípio e o fim das coisas. E se é justamente os começos e os fins das coisas que não podem ser prontamente simbolizados, usando uma grade de significação preexistente, o sujeito psicótico precisa reinventar. Esse ato pode incluir a fala, mas implica também uma criação material: escrever, desenhar, pintar, esculpir ou qualquer prática humana de cunhagem ou inscrição (Leader, 2011, p.364).

O indizível emerge quando o psicótico escreve com a cor, pinta com o cheiro, molda com o som — sem recalçamento, tudo está a flor da pele: se a palavra não lhe chega, o sujeito pode *fazer* com ela. Na letra escrita, na modelagem da peça, na pincelada de tinta, marcas se produzem no papel, na argila, na tela...e se a isso pudessem ser somadas palavras que endereçassem um sentido? Não seria possível, utilizar-se das marcas materialmente registradas para construir também algumas formas de inscrições psíquicas que promovessem uma certa significação, localizando a libido e permitindo uma distância segura do Outro? O dispositivo da arte propicia ao sujeito psicótico formas de lidar com os excessos pulsionais e com a insuficiência da ordenação subjetiva, em um fazer criativo que favorece um trabalho ao nível da articulação significante.

A ética da psicanálise: a dimensão intersubjetiva que sustenta o lugar do sujeito

Lacan (1997), ao legitimar que “toda verdade tem uma estrutura de ficção” (p.22), foi taxativo no que se refere à questão da ética da psicanálise: nem a veracidade sintomática do sujeito neurótico ou delirante do psicótico, e tão pouco a austeridade científica, esteiam a verdade absoluta. O lugar do psicanalista precisa ser vazio para que o paciente aconteça, exista — e isso pode dar-se através da fala ou de qualquer outra condição que o sujeito consiga criar para comunicar algo.

É lamentavelmente injusto reduzir a criação artística a um mero passatempo em detrimento ao ócio, ou a uma maneira poética de o louco se expressar. E ainda que ela circule pelo discurso do direito à cidadania e à reinserção social, que pleiteia o *cuidado* em oposição à *cura*, a arte deve ser encarada como via de acesso para sinalizar aquilo que é da ordem do real, do

não simbolizado, e que serve de catapulta para encontrar um meio de inscrição mínima, que forja cisões e contrastes, e ajuda o psicótico, trabalhando com pequenos gestos e ações, a produzir atos significantes.

Como afirma Artaud (1995), a arte é uma ferramenta, um recurso para se dizer e fazer ouvir questões que a vida social impõe calar, asfixiar. Nessa proposta, o que está em jogo é o compromisso terapêutico que sempre aposta na existência de um sujeito, e que de tudo fará para oferecer o apaziguamento dos fenômenos invasivos e ininterruptos, mas sempre sustentando a ideia de que os pontos de estabilização e de ancoragem são compreendidos enquanto conceitos, e não como uma teoria propriamente dita. Ou seja, ambos conceitos implicam operações mais ou menos frágeis do psiquismo, possibilitando ao sujeito psicótico constituir alguma forma de endereçamento com o campo social que não seja uma relação objetual reduzida ao mero assujeitamento.

Talvez, todo segredo da psicoterapia das psicoses resida nesse dom da observação que nos permite apreender a menor modificação dos mundos parciais e suas respectivas relações. A aproximação dos fragmentos é por isso da maior importância. É possível unir, soldar partes. No entanto, ainda não sabemos se esse novo solo tem resistência suficiente (Pankow, 1989, p. 247).

Trata-se, portanto, de dispor-se a caminhar com esse sujeito — por onde quer que ele transite. Longe de ambicionar um saber pleno, a psicanálise assevera que qualquer esforço de alcançar toda a verdade está predestinado ao malogro. Na clínica das psicoses, o profissional ocupa um outro lugar, não o de sujeito do suposto saber, mas o de *secretário do sujeito alienado*, termo cunhado por Lacan (1985), para promover a suplência da metáfora paterna. Em outras palavras,

[...] para muitos sujeitos psicóticos, o mundo já significa coisas demais. Se tudo lhes envia uma mensagem, talvez a última coisa que eles queiram seja outra mensagem. E se, em sua infância, as pessoas que cuidavam deles sempre sabiam demais, observando-os sem cessar, ou afirmando conhecer seus pensamentos e intenções, o clínico deve adotar, uma postura muito diferente, intervindo não de um lugar de saber e significação, mas ao contrário, de um ponto de não saber: mais como estudante do que como professor. (Leader, 2011, p. 347-348).

Se no campo da neurose, no encontro do corpo com a fala, algo desapparece, o chamado objeto *a* (Lacan, 2005a), na psicose, isso não se perde — e o efeito dessa equação é que o mundo inteiro gira ao redor do sujeito e quer algo dele, e para se proteger, ele diz: *não!* Ao não haver queda do objeto, se não há a falta da falta, o gozo torna-se um imperativo que invade o corpo. Nesse manejo, o lugar ocupado pelo profissional deve ser o de pequeno outro — um semelhante, que não o coloca no lugar de objeto, de dejetivo, pois a identificação do psicótico a este lugar de resto, é um dos motivos que tolhe o seu posicionamento na trama do saber, e por isso, ele se defende pela recusa, pelo silenciamento.

É preciso escutar — e suportar — aquilo que o psicótico consegue manifestar a seu turno, sem perseguir um ideal de normalização, influenciado pela própria constituição neurótica do profissional. Conforme Monachesi a presença daquele que atua na clínica das psicoses, indubitavelmente é

[...] reservada, disponível e confiável. Oferece espaço, tempo e suporte para os conteúdos e experiências que surgirem. Facilita o trânsito e a comunicação. [...] mantém-se neutro, ouve tudo sem preferir nada em especial, suspende seus julgamentos morais e espera o que está por vir. (Monachesi, 2005, p. 177).

Cabe sublinhar que o conceito de cura se circunscreve cada vez mais aos termos saída, estabilização, ancoragem, e, portanto, é forjado na ética da psicanálise que se pauta o empenho em não institucionalizar as criações artísticas, colocando-as de forma programática e engessada como parte de um tratamento, que pode estar muito mais a serviço do regozijo do técnico do que da resignificação do sujeito através da *sua* reconstrução de sentidos. Os processos de expressões artísticas recobrem-se de relevância se, de fato, honrarem a subjetividade de cada sujeito: a operacionalidade reside, precisamente, no acaso, e não no *a priori*. Se o trabalhador da saúde mental se colocar no lugar demandante do Outro avassalador, pode provocar situações injuntivas frente às quais o sujeito responde com nova crise, justamente pela ausência de uma sustentação simbólica possível.

O compromisso ético da psicanálise permeia o itinerário da escuta, do testemunho, e por isso vale ressaltar que os sujeitos psicóticos raramente enlaçam-se aos ideais fálicos impostos pela malha social, e quando assim o fazem, é pela colagem imaginária de uma relação especular mimetizadora: daí a importância de observar seus arranjos enunciativos, e quem sabe, andar ao seu lado, apostando na construção de alguma mínima posição desejante dentro de sua própria ficção.

Considerações finais

O questionamento sobre a psicose, em sua constituição singular, sempre esteve presente no percurso acadêmico da autora, acentuado ainda mais pelo contato com uma instituição manicomial pautada pelo tradicional modelo da internação asilar — foi nesse período que a investigação de outras formas de manejo clínico, que contribuíssem para o tratamento do sofrimento e do adoecimento psíquico, se fez tão proeminente.

A prática clínica das psicoses, até os dias atuais, continua sendo acometida pelo impacto da fragilidade e, muitas vezes, da impossibilidade de confronto com as relações simbólicas. Visto que o traumático, lançado para fora do psiquismo, não obtém essa representação capaz de ligar-se a uma ideia, as palavras tornam-se reais e, é no real do corpo, que recai a experiência do sofrimento. Com essa dificuldade constantemente imposta, suscita-se outras alternativas de intervenção — articulações que possibilitem a escuta, através de estratégias que façam avivar o discurso do sujeito, buscando a (re)construção de sentidos, de possíveis cenários de existência.

Se o inventor da psicanálise buscou obstinadamente um estatuto científico para sua obra, ao mesmo tempo, ele parece nunca ter abandonado suas fontes primárias: a fiel companhia da arte, em toda sua constelação. Propor os recursos provenientes do campo artístico como um dispositivo

terapêutico da psicose, parte da ideia que, no trabalho psicanalítico, por trás de algo produzido artisticamente, há sempre alguma coisa que lhe dá uma perspectiva, e, portanto, também são os *ditos* do sujeito. Moldar, pintar, desenhar ou falar, é tanto expor, como ocultar. Dado que a arte pode ser uma oportunidade de o sujeito dizer, ou não, de si, pode haver, obstante a uma condição mínima, um certo deslizamento da posição subjetiva, estabilizando a estrutura psicótica através de pequenas inscrições no psiquismo: se pelas criações artísticas de alguma forma o sujeito se manifesta, a posição ocupada de objeto pode, mesmo que momentaneamente, ficar em suspenso.

Mas para tanto, parece fundamental que o profissional se mantenha vigilante para não incorrer em exigências que ainda supostamente bem-intencionadas, acabem por mostrar-se em demasia. Sem ocupar um lugar de autoridade ou de especialista, o técnico precisa reconhecer que cada tratamento é único e não uma adaptação aos preceitos convencionais. Impor o recurso da arte como uma atividade obrigatória, sem que haja interesse do indivíduo, com tentativas ortopédicas de, forçosamente, querer dar ao sujeito uma significação, seria potencializar ainda mais a demanda do Outro para o psicótico, que seguiria sentindo-se invadido e tomado no lugar objetual: com o excesso de presença, a recusa continuaria sendo a melhor defesa.

Tal como na neurose ou na perversão, também a psicose demanda uma clínica que não faz calar o sujeito, pelo contrário, se propõe a escutar as construções delirantes, sem eliminar as produções sintomáticas. Seu contraponto é frente ao modelo normativo: é sempre a ética da psicanálise que sustenta todas as práticas, pois não silencia as diferenças na busca hegemônica do padrão dominante — o psicanalista faz função testemunhal, acompanhando, artesanalmente, a edificação de algo socialmente viável, sem apresentar receitas definitivas. É uma aposta na particularidade de existência de um sujeito, quem quer que este seja.

A aproximação entre a arte e a psicanálise e a psicose precisam ser tomadas para além de um arranjo de complementariedade: estes campos fazem vizinhança, entretanto, não se trata de algo contínuo e que ocorra em todas as suas extensões. Encontrar no ato criativo, na produção de uma obra que faça suplência ao arranjo estrutural, é ofertar um dispositivo para a estabilização psicótica. E a potência da psicanálise, ao incitar aberturas e fechamentos, provoca descontinuidades, irrupções nos fluxos errantes, viabilizando a esses sujeitos outras alternativas de *ser e estar* no mundo, outras tramas e tessituras no enlaçamento social.

Chegado ao fim dessa pesquisa, elaborar uma conclusão é sempre o momento mais inquieto da produção de uma escrita — de maneira paradoxal, parece ser a fatia mais inconcludente, uma vez que se abrem novos enigmas quando se cai no engodo de se ter conseguido responder plenamente ao primeiro problema. A autora, enquanto sujeito desejante, arriscou-se, na dimensão subjetiva da escrita, denunciar, pela grafia, as suas insuficiências e instabilidades: no transcorrer dessas páginas, quiçá haja ideias ainda a serem desdobradas neste ou em outros lugares, para que o assunto não se encerre: a psicanálise, enquanto corpo teórico vivo, sempre se deixa interrogar.

Alguns pontos foram modestamente observados, com a ousadia de quem ousa ensaiar a cartografia de um mapa, talvez para utilização pessoal futura da autora. Por hora, fica-se com as sementes plantadas em um terreno, hipoteticamente, fertilizado. Fora isso, nada mais pode-se concluir, pois, assim como a arte e a psicanálise e a psicose foram aqui propostas enquanto lugares que se conversam, se freqüentam e não se esgotam em si, assim como as considerações finais aqui descritas, que mais compactuam com sinal de reticências do que com ponto final.

Referências

- Artaud, A. (1995). *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva.
- Balbo, G. & Berges, J. (2003). *Há um infantil da psicose?* Porto Alegre: CMC.
- Calligaris, C. (1989). *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Calligaris, C. (2004). *Cartas a um Jovem terapeuta*. São Paulo: Alegro.
- Coriat, E. (1997). *Psicanálise e clínica de bebês*. Porto Alegre: Arte de Ofícios.
- Descartes, R. (2001). *Discurso do método*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Dolto, F. (1984). *No jogo do desejo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, C. M. R.; Trópia, M. R. A. B. (2000). *O escriturário das suplências*. Curinga, Belo Horizonte, n. 14, p. 144-149.
- Freud, S. (1969a). *Escritores criativos e devaneios*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. vol. 9. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969b). *Neurose e Psicose*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. vol. 19. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969c). *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. vol. 17. Rio de Janeiro: Imago.
- Goidanich, M. (2004). *Prisioneiros da passagem. A clínica psicanalítica como potencializadora do trabalho com psicóticos na saúde pública*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 144.
- Guerra, A. M. C. et al. (2006). A função da obra na estabilização psicótica: análise do caso do Profeta Gentileza. *Interações*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 29-56.
- Lacan, J. (1964). *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1984). *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, Livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, Livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1997). *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005a). *O Seminário, Livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005b). *O Seminário, Livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacét, C. (2004). Da forclusão do Nome-do-Pai à forclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 243-262.
- Leader, D. (2011). *O que é loucura: delírio e sanidade na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Leite, M. P. S. (2007). *Psicanálise Lacaniana: cinco seminários para analistas kleinianos*. São Paulo: Iluminuras.
- Lima, E. F. A. (2009). *Arte, clínica e loucura: territórios em mutação*. São Paulo: Summus editorial/FAPESP.
- Lispector, C. (1980). *Água viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Mannoni, M. (1999). *A criança, sua doença e os outros*. São Paulo: Via Lettera.
- Melman, C. (1991). *Estrutura lacaniana das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Monachesi, A. R. O lugar do psicanalista em uma clínica das psicoses: algumas reflexões. *Psyche*, São Paulo. 9, n. 16, p. 165-182, 2005.
- Morais, M. B. L. (2006). Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, n. 29, p. 45-56.
- Neubarth, B. E. (2009). *No final da linha do bonde um tapete voa-dor: a oficina de criatividade do hospital São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis*. Tese (Doutorado em Educação) Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 289.
- Pankow, G. (1989). *O homem e sua psicose*. Campinas: Papirus.
- Quinet, A. (2006). *Teoria e clínica da psicose*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Ravasio, M. T. H. (2016). *Considerações sobre a pesquisa em psicanálise*. Salão do Conhecimento UNIJUI. Recuperado <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/7016>.
- Read, H. (1983). *Arte e alienação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. e Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Silva, T. J. F. & Alencar, M. L. O. A. (2009). Invenção e endereçamento na oficina terapêutica em um centro de atenção diária. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 12, n. 3, p. 524-538.
- Silva, L. B. C. (2001). *Doença mental, psicose e loucura: representações e práticas da equipe multiprofissional de um hospital dia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, E. L. A. (2014). A transgressão que salva. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 17, n. 3, p. 787-796.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
-

O corpo no divã

The body on the couch

Natália Medeiros Petitemberg¹ e Elisabete Beatriz Maldaner²

Resumo: Diante da frequente demanda psicossomática que chega à clínica psicanalítica, esta pesquisa qualitativa exploratória objetivou conhecer os desafios da prática clínica psicanalítica com pacientes psicossomáticos. Para tanto foram entrevistados quatro psicanalistas. O material coletado foi submetido à análise de conteúdo de Bardin. Os resultados apontaram o desafio de formular uma demanda de tratamento e ingressar no processo analítico com um paciente que está preso ao real do seu corpo, que traz em seu discurso uma fala concreta e um distanciamento afetivo. Destaca-se a importância do desejo do analista, assim como a necessidade de uma disponibilidade maior para realizar essa escuta. Evidenciou-se que a clínica psicanalítica com pacientes psicossomáticos impõe alguns desafios, na medida em que este paciente encontra-se tomado pelo corpo, sendo a primeira tarefa da análise um resgate desse sujeito e a formulação de uma demanda de tratamento, que venha possibilitar a formação de sintomas.

Palavras-chave: Psicossomática; Clínica Psicanalítica; Formação de sintomas.

Abstract: Viewing the frequent psychosomatic demand that reaches the psychoanalytic clinic, this exploratory qualitative research aimed to know the challenges of psychoanalytic clinical practice with psychosomatic patients. Four psychoanalysts were interviewed, and the collected material was submitted to Bardin content analysis. Results pointed the challenge of formulating a demand for treatment and entering the analytical process with a patient who is tied to the real body, bringing a concrete speech, and an affective distancing. The importance of the analyst's desire is highlighted, as well as the need for greater availability to perform this listening. It was evidenced the psychoanalytical clinic with psychosomatic patients imposes some challenges, as this patient is taken by the body, being the first task of the analysis a rescue of this subject and the formulation of a treatment demand that will permit the formation of symptoms.

Keywords: Psychosomatics; Psychoanalytic Clinic; Symptom formation.

¹ Graduada de Psicologia - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA/Guaíba. E-mail: natipetit.psico@outlook.com .

² Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUCRS), Formação em Terapia de Casal e Família. E-mail: maldaner@terra.com.br .

Introdução

Desde o princípio a psicanálise é perpassada pelas questões do corpo. Sua fundação está marcada pelos estudos que Freud desenvolveu acerca das manifestações corpóreas que as históricas apresentavam. Segundo Lanius (2015) o corpo é sede dos eventos de toda ordem, abarcando desde o conflito histórico, até o comprometimento orgânico presente nos fenômenos psicossomáticos.

Apesar de não ter especificamente mencionado e explorado o termo psicossomática, Freud funda a psicanálise interrogando o corpo e em seu legado deixa as primeiras tentativas de compreensão da influência da dinâmica psíquica no corpo físico. Enquanto buscava descrever e compreender os tipos de neuroses, o autor descreve o que ficaria conhecido como “neuroses atuais” – separando-as em neurastenia e neurose de angústia – sendo a manifestação de um quadro clínico, que surge a partir de um conflito sexual que é atual, do momento presente da vida do paciente, diferenciando-se das psiconeuroses, nas quais o conflito tem origem infantil (Freud, 1898/1994).

Como manifestações típicas da neurastenia Freud (1898/1994) aponta: “pressão intracraniana, propensão à fadiga, dispepsia, constipação, irritação espinhal etc” (p.255). Tal apresentação difere em termos de causa e de mecanismos de formação quanto às psiconeuroses de defesa. Laplanche e Pontalis (2016) apontam que na descrição dos sintomas “atuais” desenvolvida por Freud encontramos principalmente uma origem somática e que a concepção de neurose atual parece nos remeter ao que hoje se compreende como afecções psicossomáticas.

Segundo Dál-Col e Poli (2016), entre as manifestações patológicas que se apresentam através do corpo e que podem chegar tanto à clínica médica, quanto à clínica psicanalítica, se sobressaem as doenças psicossomáticas, sintomas históricos e a angústia. Para a psicanálise todo fenômeno persistente, que não se enquadra nas explicações biológicas médicas, nem nos sintomas de neuroses clássicas, são considerados doença psicossomática (Galdi & Campos, 2017).

Para diferenciar a manifestação psicossomática do sintoma histórico, Galdi e Campos (2017) pontuam que o sintoma conversivo não se manifesta através do corpo real, mas sim pelo corpo erógeno, estando este carregado de significados e obedecendo a uma estrutura de linguagem. Por outro lado, o fenômeno psicossomático não tem carga de significados inconscientes incidindo sob o corpo real.

Os autores Fernandes, Reys, Besset e Veras (2015) referem que a relação com o outro presente no conflito da formação do sintoma histórico está ausente na manifestação do fenômeno psicossomático. Apesar disso, destaca-se que não se está falando de uma estrutura específica, e sim de um fenômeno que pode se apresentar dentro da estrutura neurótica, psicótica ou perversa (Dál-col & Poli, 2016; Fernandes e cols., 2015).

Castro e Rinaldi (2017) referem-se ao uso do termo psicossomático para determinar a posição no discurso de um sujeito que apresenta uma doença referida como psicossomática, a qual a causa não pode ser apontada. Na condição de uma posição no discurso esta pode modificar-se, portanto, corroborando com a ideia de que não estamos tratando de uma estrutura.

Lacan, em “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” (1954-1955/1987) sinaliza que as reações psicossomáticas estão fora do campo das construções neuróticas, pois não se referem a uma relação ao objeto, e sim a algo que se passa no limite das elaborações. Pontuando que “as relações

psicossomáticas estão no nível do real” (p.127). Essa ideia remete que parte do corpo ainda pertence ao real biológico, não aderindo à linguagem e ficando fora das elaborações simbólicas (Rinaldi, Nicolau & Pitanga, 2013).

Em “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964/1985), Lacan afirma que o “inconsciente é estruturado como uma linguagem” (p.25). O autor pontua que a natureza, antes mesmo do estabelecimento das relações propriamente humanas, fornece significantes. Refere que antes de se reconhecer como eu, o homem precisa existir, e segundo ele, “um significante é o que representa um sujeito para um outro significante” (p.197).

Dor (1989), sobressalta que segundo Lacan, aceitar o sujeito como dividido é assumir que só há sujeito em ser falante. Nesse sentido, o autor salienta que a causa do sujeito está na consumação do inconsciente. Segundo ele, “em outras palavras é aceitar, que é a ordem do significante que causa o sujeito, estruturando-o num processo de divisão que faz advir o inconsciente” (p.103).

Lacan (1964/1985) esclarece que:

A psicossomática é algo que não é um significante, mas que, mesmo assim só é concebível na medida em que a indução significante, no nível do sujeito, se passou de maneira que não põe em jogo a afânise do sujeito (p.215).

Nesse sentido, Rinaldi e cols. (2013) pontuam que não ocorrendo a afânise do sujeito, não há intervalo no primeiro par da dupla de significantes S1 (significante mestre, ou significante materno) e S2 (significante da metáfora paterna). Nesse caso ocorre o que Lacan referiu como holófrase, sendo um emassamento, uma colagem, que se opera quando não ocorre a substituição do significante materno pelo significante da metáfora paterna. Segunda as autoras, diante desse emassamento o surgimento do sujeito fica impossibilitado, pois não há uma dialética na primeira dupla de significantes.

Chegaria até a formular que, quando não há intervalo entre S1 e S2, quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holófraseia, temos o modelo de toda uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar (Lacan, 1964/1985, p.225).

Segundo Fernandes e cols. (2015), o fenômeno não pode ser interpretado, pois sua estrutura é holófraseada, tornando-se tarefa analítica a leitura da holófrase, sem perder de vista as singularidades presentes em cada caso. Destacam ainda, que na presença dos fenômenos “estamos diante de um gozo específico, de um corpo marcado pela holófrase no real, como uma assinatura ou uma tatuagem indecifráveis, daí o fato de ter uma lesão correspondente” (p.558). “Os fenômenos psicossomáticos parecem mostrar no corpo uma escrita apenas como marcas registradas que não se inserem numa história, numa escrita da história libidinal capaz de ser contada, reconstruída, como nos sintomas neuróticos” (Dál-Col & poli, 2016, p.137-138).

Guir (1993) refere que no discurso desse paciente se encontram as holófrases, e que “em uma palavra encontra-se toda uma frase” (p.85). O autor salienta que durante as entrevistas iniciais, quando o perguntarmos sobre uma explicação, que não a médica, acerca da sua doença, o sujeito produzirá

significantes holófrases, estes podem ser encontrados também em sonhos, já na segunda etapa do tratamento.

Ventura e Nicolau (2014) descrevem essa clínica como desafiadora, pois a fala do paciente está voltada para sua escrita no corpo, e não passa pela via da transferência de amor e de saber. Caracterizam a fala do sujeito como vazia e que não permite manejo pela via simbólica, sendo que a escrita no corpo não é legível e precisa ser decifrada, para que possa avançar na produção de sentido.

Segundo Germano (2010), seguindo uma linha de pensamento laciana se compreende que o corpo para o psicossomático é fonte ilimitada de gozo. O autor pontua, que diferentemente do que ocorre na histeria de conversão, a palavra está fora dessa manifestação, promovendo uma escrita no corpo que não se pode ler.

Diante de um fenômeno, que está para além da técnica interpretativa, essa pesquisa se justifica pela frequência com que a demanda psicossomática apresenta-se na clínica psicanalítica contemporânea (Cordeiro & Ortiz, 2015; Martins, 2017). Assim como pela importância de se conhecer os relatos e as discussões em torno do tema, para que se possa avançar na compreensão desses fenômenos e do processo clínico de tratamento (Cordeiro & Ortiz, 2015).

Para tanto se objetivou conhecer os desafios da prática clínica psicanalítica com pacientes psicossomáticos, buscando explorar o manejo clínico utilizado com pacientes psicossomáticos; investigar se através da clínica psicanalítica ocorre o esbatimento dos sintomas físicos; identificar se é possível construir com o paciente a subjetivação dos sintomas somáticos e descrever as diferenças no posicionamento do analista na clínica psicanalítica com pacientes psicossomáticos.

Método

O método utilizado neste estudo tem natureza qualitativa exploratória. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (CEP HMIPV) sob o número do parecer 3.207.685 em 19 de março de 2019.

Participaram deste estudo quatro psicanalistas. Os critérios de inclusão foram tempo mínimo de cinco anos de graduação em psicologia, formação em psicanálise e experiência no atendimento clínico de pacientes psicossomáticos. Como critérios de exclusão adotou-se não ter formação em psicanálise, ou estar atuando apenas no campo teórico.

Para a busca dos participantes, o primeiro entrevistado foi escolhido por conveniência e os demais a partir do método bola de neve, no qual um participante indica outro que atenda aos critérios de inclusão da pesquisa. Cada entrevista foi agendada de acordo com a disponibilidade dos participantes, e antes de iniciar a coleta de dados eles leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como instrumento para coleta de dados utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada, formulada a partir dos objetivos da pesquisa. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Os resultados foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin (1977), na qual os dados passam por leitura detalhada e posteriormente são organizados em categorias, para que então seja possível produzir síntese e seleção dos resultados que culminarão em compreensões acerca do conteúdo coletado.

Para preservar o anonimato dos participantes, os profissionais serão

identificados de forma genérica com o termo “psi” acompanhado de numerais variando de 1 a 4, conforme a ordem da realização das entrevistas.

A psi 1 é doutora em psicanálise clínica e pesquisa e atua na clínica há 17 anos, sendo também docente em curso de pós-graduação e coordenadora de grupos de estudos. A psi 2 tem especialização em psicossomática e psicanálise, atualmente é docente em curso de formação de analistas, realiza trabalho de cunho social e atua na clínica há 32 anos. A psi 3 é doutoranda em medicina, atua na clínica há 28 anos e é vinculada a um centro de formação. O psi 4 atua na clínica há 39 anos, é membro fundador de uma instituição que forma analistas e participa de grupo de estudos.

Resultados e discussão

As entrevistas realizadas forneceram grande quantidade de material para ser analisado. A princípio não se objetivou analisar e discutir os aspectos do paciente, contudo o discurso do paciente está presente na fala de todos os entrevistados, como um aspecto que insere as questões clínicas que serão discutidas, tornando-se indispensável apresentar e discutir essa categoria, mesmo que brevemente. Diante disto, foram criadas três categorias de resultados que atendessem aos objetivos da pesquisa: *discurso do paciente, a prática clínica e o posicionamento do analista*.

A primeira categoria refere-se ao *discurso do paciente* psicossomático, versando sobre como este se apresenta à clínica psicanalítica. Os entrevistados descrevem certa dificuldade do paciente em relacionar o que ocorre em sua vida e o que acontece em seu corpo, pobreza de associações e um distanciamento afetivo que se apresenta em um discurso concreto. No recorte abaixo esses aspectos se evidenciam:

[...] alguma impossibilidade de se apropriar no seu discurso, alguma coisa do seu ser está em suspenso, alguns pontos cegos assim... [...] Ele não vê conexão ali, não vê nenhuma associação e a capacidade de associar as ideias assim como a gente diz em psicanálise, associação livre de ideias, é bastante pobre, um discurso muito linear, mesmo quando formula uma queixa, é uma queixa bem sem nuance (psi 2).

Rinaldi e cols. (2013) discutem a prática analítica com sujeitos que apresentam fenômenos psicossomáticos através de duas experiências clínicas. Corroborando com a descrição apresentada nas entrevistas, as autoras apontam no discurso do paciente dificuldade em abandonar sua doença, mantendo-o nos sintomas corporais e não construindo uma demanda endereçada ao analista. Elas descrevem um discurso permeado por uma fala descritiva e concreta.

Figueiredo (2016), a partir de um caso clínico, aborda aspectos da clínica psicanalítica com pacientes psicossomáticos. A autora sinaliza a presença desses fenômenos descrevendo que o discurso da paciente era voltado a queixas do que ocorria em seu corpo não fazendo relação com o simbólico, assim não se apresentando no campo da linguagem. Segundo Germano (2010), diante de um intenso investimento que ocorre no próprio corpo, no discurso desses pacientes percebe-se a carência e certa impossibilidade que está posta para associação livre, pois faltam palavras para o sujeito psicossomático.

Dessa dificuldade em conectar o que lhe acontece com o que sente, de

trazer isso para seu discurso, decorre um entrave à entrada no processo de análise, conforme pode ser evidenciado na fala da psi 1: “[...] *ele tem muita dificuldade em fazer uma relação entre o que lhe acomete, a doença que lhe acomete e a sua própria implicação subjetiva*”.

A partir da forma como esse paciente se apresenta em seu discurso, nos aproximamos da próxima categoria, a *prática clínica*, que irá explorar alguns aspectos da prática analítica com esses pacientes.

Os entrevistados apontam que os pacientes psicossomáticos tendem a buscar a clínica médica e com facilidade se entregam ao saber da medicina, pois entendem que o que acontece em seu corpo se relaciona apenas com o orgânico. Porém, quando chegam à clínica psicanalítica, sejam encaminhados pelo médico, ou atravessados por outro motivo, com dificuldade se constrói uma relação transferencial.

Volich (2016) aponta que na maioria dos casos esses pacientes vêm encaminhados pelo médico e não compreendem o sentido da indicação. Pontua que essa não compreensão e, por vezes, até certa desvalorização, pode aparecer ainda no primeiro contato clínico. Quando chegam à clínica psicanalítica, os pacientes psicossomáticos já tiveram seu sofrimento nomeado, passando o corpo a ser referência do que estão sentindo, a partir disso apresentam dificuldade de construir um novo sentido para o que lhe acontece, tornando-se esta uma barreira para o processo de análise (Germano, 2010).

Segundo Nicolau (2008), diante da impossibilidade de apontar uma referência orgânica para a doença, mas frente à lesão, a medicina tende a oferecer rótulos como “stress” e “doença psicossomática”. Complementa informando ao paciente que ele não tem nada e o encaminha ao psicólogo. Esse paciente, que já chega à clínica rotulado como psicossomático, apresenta dificuldade em se analisar, visto que seu sofrimento está referido a dimensão corporal e dificilmente consegue subjetivá-lo (Figueiredo, 2016; Nicolau, 2008).

Os entrevistados pontuam que primeiramente o psicanalista deve realizar uma escuta e um diagnóstico, para então conduzir as intervenções de acordo com o que se apresenta. As autoras Rinaldi e cols. (2013) apontam que para a medicina, o que se apresenta sem causa orgânica é diagnosticado como doença psicossomática, todavia para a psicanálise é indispensável conduzir a uma diferenciação entre sintoma e fenômeno psicossomático.

Nesse sentido os resultados remetem a diferença presente na escuta oferecida na clínica psicanalítica, que está para além da oportunizada na clínica médica, que toma apenas o corpo real. Como pode ser ilustrado no recorte a seguir: “[...] *eu não vou escutar as tripas dela, eu não tô escutando o estômago dela, eu tô escutando a dificuldade dela em subjetivar, em erotizar, em se queixar, colocar palavras nesse corpo, sobre esse corpo*” (psi 2).

Corroborando com essa diferença apontada, Figueiredo (2016) e Germano (2010) referem que a psicanálise não se propõe a deslocar o sentido para o da causalidade, não se limitando a estabelecer relação de causa e efeito entre o orgânico e o psíquico, pois sua escuta é dirigida à singularidade de cada sujeito.

Os resultados salientam que ao realizar a escuta desse discurso que privilegia o sofrimento do corpo e identificar a presença do fenômeno psicossomático, está posto o desafio de avançar na formulação da demanda de tratamento. Esse processo analítico tende a exigir maior investimento nas entrevistas iniciais, possibilitar a esse paciente o tempo que ele precisa para se implicar no tratamento analítico e avançar em direção à transferência. Em referência a esse aspecto desafiador, a fala da psi 1 evidencia:

[...] que ele saia daquela queixa pra fazer uma demanda... então se demora. Muitas vezes falam que o trabalho com psicossomático seria uma pré-análise, vamos dizer assim, ou seja, que demora um período a mais nas entrevistas iniciais que a gente chama pra que o paciente comece a se engajar no tratamento, é um trabalho maior pré-analítico do que na análise propriamente dita.

Freud (1913/1996) nos adverte sobre um processo prévio no tratamento, em que se deve oportunizar ao paciente a fala e dentro disso intervir ou explicar apenas o necessário para manutenção do discurso do paciente. As autoras Rinaldi e Cols. (2013), esclarecem que durante esse processo inicial “a tarefa do analista é de escuta, atenção flutuante ao que está sendo comunicado, até que algo se defina como uma demanda” (p.99).

Guir (1988), em referência as entrevistas iniciais, pontua que esse paciente está capturado por suas lesões referindo a importância de se construir certo afastamento simbólico das mesmas. Orienta que é preciso buscar conhecer o percurso médico e tratamentos realizados até então, considerando também os nomes dos medicamentos utilizados, as ocasiões em que os fenômenos já se apresentaram, aspectos familiares, datas e acontecimentos. Sugere também solicitar uma explicação natural sobre a doença e sua lembrança mais antiga. Ele aponta que as entrevistas iniciais podem se estender por meses e até anos, dirigindo-se o sujeito ao divã quando ele não precisa mais da imagem do analista para se sustentar.

Santos Filho (2010) demarca que as manifestações psicossomáticas têm uma forte correlação com datas, que referem-se a comemorações universais ou pessoais, e acontecimentos, que remetem a eventos de perda e separação, seja através da morte, desemprego, rompimento nas relações, entre outros. Na busca do sentido dessa correlação se constitui a primeira tarefa do analista, promover uma reconstrução histórica e cronológica que possa propiciar integração das datas e acontecimentos com as manifestações somáticas. Segundo o autor esse movimento pode possibilitar que o paciente se direcione as primeiras construções de relação entre seus sintomas orgânicos e aspectos da sua vivência, podendo produzir significado para o tratamento.

Percebe-se a importância de se investir nas entrevistas iniciais, e buscar junto a esse paciente a construção de uma história em torno da sua queixa corporal, uma narrativa que faça sentido e possa ir em direção à formulação de uma demanda de tratamento.

Segundo Lanius (2015), um fenômeno psicossomático tomado sozinho não corresponde a nada, pois se remete a uma constelação de signos comprometidos entre si. Dessa forma, a autora salienta a necessidade de buscar junto à história familiar do paciente uma referência, algo que possa transpor a sua própria história. Rotta (2015) refere que as doenças somáticas surgem quando a vida do sujeito lhe impõe exigências para além dos recursos que este dispõe para lidar, provocando uma desorganização na economia psicossomática.

Nesse sentido, o trabalho com paciente psicossomático precisa cruzar os ciclos de repetição, é preciso acompanhá-lo por um longo período e verificar que este já tem outras formas de lidar com os acontecimentos da sua vida. Esse aspecto pode ser evidenciado na fala da psi 1: “*tem que ter um trabalho contínuo de pelo menos um certo período em que se vê que não se repete mais, se começa a constatar que ali onde deveria se repetir, porque era o mecanismo, não se repete mais*”.

Em relação às dificuldades encontradas na condução desse tratamento, os resultados também apontam o desafio de se instalar o fenômeno transfe-rencial com pacientes psicossomáticos, pois dele depende a relação com esse outro que sabe algo sobre ele, se deparando com o desafio de ter que descobrir algo sobre si mesmo. Os resultados indicam a importância de o analista estar investindo nesse processo analítico ainda mais com o seu desejo. A fala dos entrevistados psi 2 e psi 4, trazem esses aspectos:

[...] essa transferência ela é difícil de se instalar no paciente, a relação com esse outro que sabe é muito difícil. Ele não se importa em oferecer seu corpo para a ciência, pro saber da ciência, isso em nada vai tocar no saber dele, em nada vai deslocar o que tá ali nele, mas sabe que quando ele tá na presença do inconsciente, porque se ele tá na presença do analista, tá na presença do inconsciente também, ele sobressalta, ele resiste, ele embarreira (psi 2).

[...] o vínculo em análise é a transferência do paciente, se há um estabelecimento da transferência ou não é uma maneira de descrever isso, e quando há, pro lado do paciente, por mais inconsciente que isso seja, é que esse que me escuta saberá me dizer do que eu sou [...] onde há essa suposição de saber se instala a transferência (psi 4).

Segundo Lacan (1964/1985), “a transferência é um fenômeno em que estão incluídos, juntos, o sujeito e o psicanalista” (p. 219). O autor pontua que para que haja transferência é necessário que em algum lugar tenhamos o sujeito suposto saber (S.S.).

Nessa perspectiva as autoras Rinaldi e cols. (2013) pontuam que inicialmente, com pacientes psicossomáticos, não parece se constituir as condições mínimas do final das entrevistas iniciais e a entrada em análise, com a articulação da demanda e endereçamento dela ao outro, como suposto saber. Segundo as autoras “a instauração do ato analítico só se realiza com a demanda, por parte do analisante, de se desembaraçar de um sintoma” (p.99).

Todavia, não se trata de pensar uma modalidade própria de transferência, mas de saber que esta será instalada com particular dificuldade, visto que esse paciente está impossibilitado de endereçar ao analista uma demanda subjetiva, pois seu gozo está fixado no real do seu corpo (Figueiredo, 2016). E, é nesse cenário que o desejo do analista deve operar, para permitir que um saber seja construído.

As entrevistas reforçam que é muito difícil trabalhar esse conteúdo na clínica, visto que a posição em que o sujeito se encontra é de estar fixado nesse gozo do corpo. Nesse sentido, ainda que frente a uma enfermidade real, é preciso ir conduzindo o trabalho dentro do conteúdo que o paciente está trazendo, pois no lugar de analista não há urgência, o tempo do tratamento é o tempo do paciente.

[...] o psicanalista não tem urgência, não é preciso salvar a vida daquele paciente, é preciso sim escutar o que de vida fala

nele, e são as pulsões de morte [...] é saber com isso respeitar o tempo do paciente, e quem marca o tempo do paciente é ele, na sua fala dirigida ao analista” (psi 4).

Mesmo que preso ao real do corpo será pela via da fala do paciente que se encontrará um caminho que faça enlaçamento entre inconsciente e fenômeno psicossomático avançando assim em direção a um sujeito suposto saber, que posteriormente terá que ser destituído, para que assim se construa uma via de fala endereçada ao Outro (Ventura, 2011). Inicialmente o psicanalista irá ocupar o lugar de Outro para este analisando, porém com o tempo esse lugar aos poucos irá se destituindo para que este que fala possa se autorepresentar (Ribeiro, 2016).

Apesar de difícil e exigente, os entrevistados sinalizam que é possível avançar na relação analítica, e que diante disso o paciente tem a possibilidade de ir ao encontro de uma integração entre seu corpo e inconsciente, passando a modificar a forma como se relaciona com o mundo e com as pessoas, e a ressignificar a sua vida.

O trabalho clínico, como pontua a psi 3 vai “[...] ajudando ele a integrar corpo e mente, a se conectar melhor com suas emoções, compreender sua história e a se cuidar melhor, adoecer melhor, ou melhorar de doenças e sintomas”. O que a clínica psicanalítica busca, é trazer o corpo simbólico para o tratamento analítico, permitir que esse paciente simbolize o suficiente esse corpo real, a ponto de poder formar seus sintomas. Conforme apontado pela psi 1 “[...] ali onde há fenômeno psicossomático não há sujeito. Uma vez que a gente descongela ali essa lesão, advém um sujeito, advindo um sujeito ele tem a possibilidade de representação através de um significante”.

Martins (2017) refere que é possível construir uma nova forma de expressar o significante encarnado no corpo. A partir de seu entendimento, o sujeito tem a possibilidade de expressá-lo pela palavra, produzindo metáfora. Dessa forma irá romper com o silêncio provocado por seu sofrimento, que até então só pôde ser expresso através do fenômeno psicossomático. Salienta que se busca nessa clínica a ressignificação da doença e a possibilidade de externar o conteúdo inconsciente metaforicamente. Se isso for possível, haverá uma melhora das afecções apresentadas. Corroborando com o que a psi 2 salienta:

[...] quando eles conseguem fazer outros sintomas aí a gente sabe que ele tá metaforizando, a gente tem paciente pra tratar, a gente tá trabalhando, ele tá produzindo, ele tá se analisando, e ele vai na direção também de deslocamento desses sintomas ele vai construindo na verdade, como se ele tivesse construindo uma narrativa outra né, uma outra narrativa da sua própria história.

Fernandes e cols. (2015) acerca da prática analítica com pacientes psicossomáticos asseveram que se deve buscar identificar o momento em que se deu o congelamento dos significantes, tratando-se de uma clínica da leitura do que se apresenta como holófrase. Para os autores esses casos apontam para “uma clínica onde prevalece um modo de gozo circunscrito no corpo, refratário ao simbólico” (p.557), sendo necessário um esforço por parte do analista, para permitir um tratamento através da fala do gozo que está fixado na lesão.

Ainda sobre a prática clínica, Lanius (2015) pontua que com fenômenos

psicossomáticos não se trata de uma interpretação de metáfora, visto que não se trata de metáfora, mas sim de realizar uma possibilidade de passagem daquilo que está escrito no corpo, para o campo da fala.

Os aspectos do fazer clínico evidenciados refletem-se no posicionamento do analista, questão que foi ressaltada nas entrevistas, e que gerou a terceira e última categoria: o *posicionamento do analista*.

Em relação ao posicionamento do analista, o psi 4 orienta:

A primeira questão é a atitude, o posicionamento do analista, onde, se o sujeito traz queixas em relação ao seu corpo, ao funcionamento do corpo, algum sintoma, se o analista presta atenção pra isso, se ele escuta isso, se isso faz questão pra ele [...] a primeira coisa é o analista não fazer dissociação entre corpo e mente. [...] o lugar do analista é poder ser digamos, quem recebe tudo quanto que o paciente tenha pra dizer, e em sendo destinatário, de tudo quanto que o paciente tenha pra dizer, o paciente vai colocando em sua fala o analista em diferentes posições.

Evidencia-se a importância de um analista que acolhe esse corpo real que está sendo falado, que ofereça escuta a essas queixas. Nesse sentido, como pôde ser evidenciado o analista precisa permitir que esse corpo real seja escutado, e posteriormente simbolizado, conforme a psi 2 especifica:

Eu digo que se existe uma psicossomática da psicanálise é essa... de acolher o paciente que com sua dor psíquica, falada no corpo, trazida no corpo, mas dar condições a ele de escutá-la, escutar o que ele diz dela, o que ele tem a dizer dela, essa é a especificidade, ficar muito firme nesse propósito, não perder isso de vista nunca.

Os resultados ressaltam que a clínica com pacientes psicossomáticos exige do analista uma disponibilidade maior para escuta, uma disposição para ser mais ativo e estar investindo ainda mais nesse tratamento com o seu desejo.

Figueiredo (2016) pontua que se trata de deixar o paciente falar e através da fala anunciar sua doença. Essa fala deve ser sustentada pelo desejo do analista insistindo em apostar que na medida em que se anuncia o fenômeno psicossomático será colocado em questão, promovendo então um deslocamento entre a fala e a doença, e acreditando que enquanto o paciente fala algo do sujeito pode surgir.

Rinaldi e cols. (2013) referem que em sustentar a análise com o seu desejo, o analista opera em manutenção do desejo do paciente, podendo conduzir o sujeito a uma mudança em referência a sua posição frente ao saber. O desejo do analista está em provocar no analisante o desejo de saber a verdade sobre si mesmo, sendo que é o saber do inconsciente que irá sustentar o lugar do analista e não seu saber teórico (Figueiredo, 2016; Ventura, 2011).

Nesse sentido, Jorge (2017) aponta que existe diferença entre o desejo do analista e o desejo de ser analista. A partir de uma situação clínica de Laurence Bataille, o autor ilustra que ao desejar representar algo para o sujeito, mesmo

que isso signifique o papel de analista, isso representa um deslocamento do desejo do analista para o de ser analista.

Esse apontamento corrobora com o risco que os entrevistados sinalizaram, referenciando que para além da dificuldade do paciente em se implicar no processo analítico, tem a questão de se o analista tem condições de suportar essa transferência, se ele está ciente de suas limitações. Nesse sentido eles advertem a importância do analista estar muito bem analisado, em conformidade com suas questões internas e ciente de que não será o salvador do seu paciente, muito menos desejar sê-lo. A fala da psi 2 adverte:

Se o analista não tá realmente bem advertido no seu desejo de escutar, no limite da sua prática, e se ele tá apenas encarnado nessa suposição de saber como se fosse uma realidade né, eu sei, vou dar conta, é ter esse cuidado. Se o caso é realmente tratável por ele, isso é um desafio.

O analista precisa estar muito bem advertido disso, e conter algumas interpretações, sendo essa, uma análise que exige maior tato e cuidado no que concerne às intervenções. Esse aspecto pode ser ilustrado no recorte da fala da psi 2:

[...] esses pacientes eles exigem da gente certo rigor maior de escuta, de intervenção e muito cuidado, a gente não pode nunca com paciente em situação psicossomática fazer alguma intervenção muito fechada, a gente tem que ter muito cuidado pra não deixar ele lidar com sua angústia, de uma maneira que não acue, que não o aterrorize, saber que tem um outro atrás no divã, ou na frente, na poltrona, não importa, mas que está ali para acolher a sua angústia, para que ele se encoraje e não para aumentá-la.

Aisenstein (2015) observa que o tratamento do paciente psicossomático precisa se diferenciar da clínica do neurótico. Em referência a considerações técnicas, a autora caracteriza sessões que ocorram face a face, salienta a importância de apoio por parte do analista e atenção especial para possíveis alterações qualitativas no que se refere ao funcionamento psíquico. A tarefa da interpretação, nesses casos, está dificultada, enquanto o uso de técnicas associativas facilita o processo de conversação. A autora pontua ainda a importância de um investimento por parte do analista para promover envolvimento do paciente com o processo, auxiliando-o a perceber que todos têm uma história que vale a pena ser contada.

Germano (2010) também corrobora que a clínica com pacientes psicossomáticos exige muito mais do analista, pois a interpretação simbólica não tem o mesmo efeito que na clínica com o neurótico, exigindo uma entrega maior de paciência e disponibilidade interior para se manter nessa posição, que muito se distancia da comumente desempenhada com o neurótico. Como pode ser ilustrado através da fala da psi 2: *“tu tem que garimpar a subjetividade do paciente, isso é um processo muito delicado, muito difícil de fazer”*. Ela ainda salienta: *“poucos analistas suportam fazer, a gente fica numa posição puramente livresca, e compreendendo disposições teóricas da psicanálise, a gente não faz esse tipo de intervenção, que é da especificidade da psicossomática”*.

Nasio (1993) pontua que na posição do analista existe a necessidade de nomear essas formações. Segundo o autor, isso significa dar nome à lesão, é dizer algo para permitir que o paciente também diga, é nomear para que o outro nomeie. Lanius (2015) corrobora apontando que frente ao paciente psicossomático uma possibilidade de trabalho para o analista seria comunicar em palavras para este o que se está vendo, para que o mesmo possa escutar e a partir disso atribuir a estas palavras diferentes sentidos. Nesse sentido cabe ao analista disponibilizar ao paciente as palavras que lhe faltam (Germano, 2010).

Considerações finais

Considerando os aspectos que se apresentam na clínica com pacientes psicossomáticos evidenciou-se a importância que as entrevistas iniciais têm nesse tratamento, visto que delas depende um endereçamento da demanda por parte do paciente em relação ao analista. É nesse aspecto que essa clínica irá se diferenciar, pois exigirá maior tempo e investimento nessa parte do processo, sendo esse também o desafio dessa prática analítica.

O corpo real apresenta-se marcado no discurso desse paciente, que é permeado por queixas físicas. E é a partir da escuta dessas queixas que parecem não dizer nada, que se partirá para buscar junto a esses pacientes acontecimentos e fatos da sua vivência, que ao longo do processo desvelarão a possibilidade da construção de uma demanda de tratamento endereçada a esse analista.

Cabe ao analista investir nesse processo de tratamento com o seu desejo, fazer-se presente e estar disponível. A escuta, como em todo processo analítico, está em destaque como ferramenta para o analista, e é através dela que se dará todo o processo. Salienta-se, a importância de acolher esse corpo e tolerar a escuta dessa fala, que parece não fazer questão a esse trabalho.

O desejo do analista aparece como peça fundamental na manutenção desse tratamento, visto que o paciente está envolto em suas queixas do corpo real, e é essa insistência em apostar na possibilidade de o paciente avançar em direção ao seu inconsciente, que inicialmente sustentará a análise.

A pesquisa evidenciou que é possível o paciente avançar em direção à simbolização e a formação de sintomas, para além da descarga no corpo, beneficiando-se do campo da fala. Contudo, salienta-se que o tratamento é longo, e que é preciso acompanhar esse paciente por diferentes estágios da vida, atravessando junto com ele os ciclos de repetição.

Compreende-se que a chave deste tratamento está na condição criada nas entrevistas iniciais, nas quais o analista deverá acolher esse corpo, acolher essa queixa, e então dar a esse paciente voz e espaço; permitir que esse corpo fale; se expresse e se organize; se simbolize e se direcione a algo do sujeito que parece não estar presente, mas que através do corpo se mostra, grita e anuncia sua presença, mesmo que ele não queira saber nada sobre isso.

Aponta-se que essa pesquisa apresenta limitações quanto à compreensão oferecida acerca do sujeito psicossomático, assim como quanto aos objetivos que se tornaram demasiadamente amplos para serem abordados com a especificidade e profundidade que mereciam. Enfatiza-se, que dada à amplitude e complexidade da temática, as entrevistas realizadas ofereceram vasto conteúdo que poderia também ser explorado e discutido.

Salienta-se também a importância de que mais estudos sejam realizados acerca da prática clínica com pacientes psicossomáticos, explorando esse pro-

cesso inicial do tratamento e as especificidades presentes no posicionamento do analista, visto que se verificou que essas manifestações têm se apresentando com frequência na clínica psicanalítica tornando-se indispensável que se produza mais conhecimento sobre esse fazer analítico.

Destaca-se também a relevância de se produzir estudos em referência a descrição e compreensão de quem é o paciente psicossomático, uma vez que dentro da própria psicanálise encontram-se diferentes entendimentos e abordagens, reforçando a relevância em se produzir mais pesquisas nessa área, para que seja possível avançar em compreensões mais sólidas.

Para finalizar, volta-se ao corpo que chega à clínica, e como salienta Nasio (1993), o corpo para a psicanálise não é o carnal, e sim um corpo que perdemos e recuperamos repetidas vezes. “É um corpo do “entre-dois”, um corpo do intervalo – e é preciso fazer um esforço enorme para habituar-se à ideia de que o corpo do paciente deitado não é o corpo que se encontra no divã” (p.86).

Referências

- Aisenstein, M. (2015). Abordagem psicodinâmica do paciente psicossomático. Em C. L. Eizirik, R. W. Aguiar, S. S. Schestatsky (orgs.), *Psicoterapia de Orientação Analítica: Fundamentos Teóricos e Clínicos* (3a ed., pp. 659-667). Porto Alegre: Artmed.
- Bardin L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Castro, J. L., & Rinaldi, D. (2017). A psicossomática no discurso. *Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.*, 20(2), 263-277. Recuperado em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v20n2/1415-4714-rlpf-20-2-0263.pdf>
- Cordeiro, S. N., & Ortiz, N. D. (2015). Quando o corpo se faz presente como meio de existência do sujeito: um caso de psicossomática. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(1), 83-94. Recuperado em: http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=171
- Dal-Cól, D. M. L., & Poli, M. C. (2016). Fenômenos Psicossomáticos: uma questão para a Psicanálise. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 11(2), 122-140. Recuperado em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_22/pdf/11-Fenomenos_psicossomaticos_Uma_questao_para_a_psicanalise.pdf
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Fernandes, C. O., Revs, B. N., Besset, V. L. & Veras, M. F. A. dos S. (2015). Corpo e fenômeno psicossomático na clínica psicanalítica. *Psicologia em Revista*, 21(3), 547-561. Recuperado em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n3/v21n3a09.pdf>
- Figueiredo, I. (2016). *Fenômenos Psicossomáticos: o manejo da transferência*. Curitiba, Apriis.
- Freud, S. (1994). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standard brasileira, Volume 3. Primeiras publicações psicanalíticas* (3a ed., pp. 249-270). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1898).
- Freud, S. (1996). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise I). In: S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standard brasileira, Volume 12. O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (pp. 137-158). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1913).
- Galdi, M. B., & Campos, E. B. V. (2017). Modelos Teóricos em Psicossomática Psicanalítica: Uma Revisão. *Temas em Psicologia*, 25(1), 29-40. Recuperado em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2017000100003

-
- Germano, Z. (2010). A clínica da Psicossomática (Considerações Psicanalítica). *Revista Olhar Científico - Faculdades Associadas de Ariquemes*, 1(2), 154-167. Recuperado em: <http://olharcientifico.kinghost.net/index.php/olhar/article/view/43/27>
- Guir, J. (1993). Seminário V. In: J. -D., Nasio. *Psicossomática: as formações do objeto a*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Guir, J. (1988). *A psicossomática na clínica lacaniana*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jorge, M. A. C. (2017). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1987). Introdução ao Entwrf. In: J. Lacan. O seminário livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (pp. 123-133). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1954-1955).
- Lacan, J. (1985). O inconsciente freudiano e o nosso. In: J. Lacan. *O seminário livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (pp. 23-32). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (1985). O sujeito e o outro (I): a alienação. In: J. Lacan. *O seminário livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (pp. 193-204). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (1985). O sujeito e o outro (II) a afânise. In: J. Lacan. *O seminário livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (pp. 205-217). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (1985). Do sujeito suposto saber, da díade primeira e do bem. In: J. Lacan. *O seminário livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (pp. 218-230). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lanius, M. (2015). *Corpo à mostra as consequências clínicas da relação corpo/discurso*. Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2016). *Vocabulário da Psicanálise* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes – selo Martins.
- Martins, A. J. F. (2017) *O corpo em ato na clínica de orientação psicanalítica contemporânea*. Dissertação de Mestrado, Fundação Universidade Federal da Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil.
- Nasio, J. -D. (1993). *Psicossomática: as formações do objeto a*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nicolau, R. F. (2008) A psicossomática e a escrita do real. *Revista Mal-estar e subjetividade*, 8(4) 959-990. Recuperado em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v8n4/06.pdf>
- Ribeiro, I. L. (2016). *Psicoterapia de orientação psicanalítica: transferência, contratransferência e o imperativo do gozo na contemporaneidade*. Tese de Mestrado, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil.
- Rinaldi D., Nicolau R. F. & Pitanga, Claudia Escórcio Gurgel do Amaral (2013). Do fenômeno psicossomático ao sintoma: a aderência do sujeito ao diagnóstico médico e ao trabalho analítico. *Ágora na.spe* (16), 95-108. Recuperado em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v16nspe/07.pdf>
- Rotta, A. S. B. P. (2015). Do vazio à constituição da simbolização. Um caso de artrite reumatoide. In: A. M., Soares, C. R., Rua, R. M., Volich, M. E. P., Labaki (orgs.), *Psicanálise e Psicossomática: Casos clínicos, construções* (pp. 183-198) São Paulo: Escuta.
- Santos Filho, O. C. dos (2010). Psicoterapia Psicanalítica do paciente somático. In J. de Mello Filho, M. Burd. (orgs.), *Psicossomática Hoje* (2a ed., pp. 481-490). Porto Alegre: Artmed.
- Ventura, I. de F. (2011). *O manejo da transferência na clínica dos fenômenos psicossomáticos: o que pode ser enodado*. Tese de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
- Ventura, I. de F., Nicolau R. F. (2014). A direção do tratamento na clínica dos fenômenos psicossomáticos. *Revista Subjetividades*, 14(2) 250-256. Recuperado em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v14n2/07.pdf>
-

Caça aos corpos rebeldes: Federici e Foucault entre bruxas

A rebel bodies hunting: Federici and Foucault among witches

Carolina Sarzeda Reis Couto¹

Resumo: No trabalho aqui proposto, resumimos as principais discussões feitas na pesquisa monográfica para conclusão de curso em Psicologia na Universidade Federal Fluminense. Na ocasião, optou-se por analisar alguns dos temas apresentados por Silvia Federici em *Calibã e a bruxa*. Neste livro, a autora toma a caça às bruxas como marco inaugural do capitalismo e segue demonstrando, a partir de dados historiográficos, o que significaria dizer que “a história das mulheres é a história de classes”. A obra subtítulo e localiza três vias críticas presentes em seu texto - *mulheres, corpo e acumulação primitiva* - as quais atravessam-se todas justamente no acontecimento da caça às mulheres, segundo poderemos perceber ao fazer esta discussão. Em particular, esse trabalho se interessa em analisar aquilo que a autora discute acerca do corpo. Ainda mais precisamente: como e por que suas discussões sobre o corpo resumem uma tão grande crítica ao modo como este aparece no trabalho foucaultiano. Assim, seguimos as pistas deixadas na investigação sobre a caça às bruxas na virada para a modernidade na tentativa de reiterar a questão que ela mesma propõe: o que podemos aprender, passado e presente, ao ouvir o que as bruxas têm a dizer? A partir de uma escrita que prescinde ético-politicamente da neutralidade, os textos de Federici e Foucault aparecem aqui grifados pelos afetos, acontecimentos, geografias e temperaturas do processo de escritura. Federici e Foucault, portanto, aparecerão ambos entre bruxas e serão por elas inquiridos. O mapeamento dessas ressonâncias, finalmente, nos dará lastro corporal e teórico para as tensões entre os dois autores de modo a fazer emergir novas palavras, novas leituras conceituais e, sobretudo, novos corpos e fragmentos de corpos que possam sustentar o peso das bruxas resistindo às fogueiras.

Palavras-chave: Caça às bruxas; Disciplina; Trabalho reprodutivo; Acumulação primitiva; Feminização; Processos de subjetivação.

Abstract: The present paper summarizes the main discussions held throughout a previous work, the last being a final project in conclusion of the degree in Psychology at Universidade Federal Fluminense. At the time, some of the subjects presented by Silvia Federici in *Caliban and the witch* (unpublished in a Portuguese edition until 2017) were privileged in our analysis. In the book, the author places witch-hunting as the initial point of capitalism and therefore demonstrates, by historical data analysis, how “women’s history is class history”. Her work maps out three critical threads which will appear - not as sheer coincidence - as *Caliban and the witch’s* subtitle: *women, body and primitive accumulation*. It is precisely in the event of witch-hunting these three threads will cross over. This paper intended particularly to analyse the contribution of Silvia Federici to the matter of the body. More specifically, why and in which way this matter when taken by Federici will set, as we read in the book, a critique against Foucault. That being said, we will then retrace some steps women-hunting suggest us in the transition to Modern Ages, trying most importantly to remake the very question the event proposes: what can we learn, past and present, listening to what witches say? Both Federici and Foucault discussions will appear outlined by the affects, events, cartographies and fevers of my own writing process, since we build this project on deviating research neutrality by an ethico-political choice. Both Federici and Foucault will meet witches and will be then inquired by them. As a result of the suggested process, we may find significant corporeal and theoretical assets to face the problems earlier mentioned. As a conclusion, words and some new conceptual readings will emerge and, finally, we may notice new bodies or body fragments looming to witness witches resisting to the fire.

Keywords: Witch-hunting; Discipline; Reproductive work; Primitive Accumulation; Feminization; Processes of subjectivation.

¹ Psicóloga pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: carolinasarzeda@gmail.com .

Introdução

Há alguns livros que, uma vez abertos, escancaram múltiplas rachaduras e caminhos desconhecidos: idas e vindas, voltas e revoltas. *Calibã e a bruxa*, de Silvia Federici, é deles. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* escreve a história da formação do mundo capitalista encarando um esquecimento sintomático das historiografias: toma como ponto de partida a caça às bruxas. Um processo que condenou e assassinou centenas de milhares de mulheres no lapso de aproximadamente três séculos da história da Europa ocidental – bem como o fez no “além-mar”, em agenciamento com a colonização, espalhando a Grande Inquisição ao Novo Mundo e territórios pelos quais a devastação europeia fez tocar. A história do extermínio dessas mulheres é usualmente contada tal como se tratasse de uma poesia folclórica, um conto infantil. Como se as fogueiras que queimaram as bruxas tivessem sido ateadas por seres fantásticos e que a carne incendiada não ardesse. Bruxas que não eram humanas assim como tudo o que perdeu a disputa contra o homem europeu, único a usufruir do estatuto humano. Por isso, reler o capitalismo a partir de seus bastidores invisíveis, como se propõe Federici, recoloca inteiramente seu processo de formação. Atravessamos os acontecimentos da transição para o capitalismo no movimento das palavras de Federici e seus aliados: páginas que recifram a história para decifrá-la novamente.

As hipóteses de Federici interrogam a história trazendo ruídos até então deixados de fora. Ler a história a partir dessas coincidências, descobrindo passagens entre um acontecimento e outro, nos faria perceber, eventualmente, que não se trata tanto de acaso como de *co-incidências*. Incidências concomitantes, pressuposições recíprocas.

Mulheres, corpo e acumulação primitiva são, logo, ferramentas essenciais para repensar o capitalismo neste trabalho realizado por Federici e estão referidos a certos pontos de partida de sua trajetória. As categorias que subtulam a obra se referem, respectivamente, a discussões do movimento feminista, a leituras foucaultianas e ao pensamento marxista. A partir delas é que a autora acessa uma questão e outra.

Federici enxerta a história das mulheres na história do capitalismo. Se ainda não o fizemos, o faremos: ler histórias de mulheres e fazer ler a partir de histórias das mulheres. A história das mulheres é a história das classes (Federici, 2017) – ao que acrescentaríamos ainda o cuidado dos plurais.

Ler Federici pelo meio faz as histórias das bruxas encontrarem as proposições de Foucault para corpo e poder. O encontro das bruxas com Foucault, lá pelas tantas da noite, lá pelo meio do livro, faz até presumir certa afinidade. Mas não é exatamente isso que narra Federici. Instiga especialmente que as críticas com as quais a autora introduz seu trabalho não reparem qualquer afinidade, mas demarquem, com boa acidez, apenas o antagonismo entre ambos. Mas, se à primeira leitura parecemos certas de que conjuraremos todo gesto foucaultiano, lá pelo meio do livro, as bruxas parecem inferir nos conceitos de Foucault um corte mais profundo do que sanguinolento.

Ensaio dizer que o livro engrenaria efeitos politicamente mais interessantes tomássemos essa crítica menos como interdição e mais como provocação. Assim, proponho-me a ler a crítica de Federici a Foucault; ler, a partir de Federici, as categorias privilegiadas de cada autor no estudo da virada à modernidade e as histórias que elas contam sobre o mundo.

Parece-me que investigar a crítica de *Calibã e a bruxa* a Foucault é um movimento em direção a levar a sério esse estudo, comprometer-se com o encontro com as bruxas e, dele, desdobrar as consequências. Não se trata,

assim, de vertê-las às histórias que já contamos sobre nossos mundos, mas tentar justamente o oposto: verter nossas histórias e nossos mundos a partir do que elas têm a dizer. Sustento que atravessar a questão a partir do corpo será sumamente necessário se nos quisermos rígosos frente ao problema que suscitamos pensar. As bruxas têm mais a dizer do que Federici pode delas falar. Interessaria a esse trabalho levar o livro a alguns de seus limites, testar algumas de suas hipóteses, estudar algumas das críticas que tece. Enredá-lo em teias mais espessas de pontos de partida e chegada: conceitos, acontecimentos, palavras, corporeidades.

Um Vento de bruxa

Círculo conspiratório

Invocar bruxas entre filósofos não é um grito histórico, mas histórico. Se Federici chega às bruxas é, sem dúvidas, para disputar o presente. Disputa, com isso, uma genealogia do capitalismo e também da história das mulheres. Usa um para operar o outro. O capitalismo, argumenta Federici, é um acontecimento incontornável para a história das mulheres, bem como a caça às bruxas é um acontecimento visceral para a história do capitalismo. Há uma descontinuidade na história das mulheres, precisamente na gestação do mundo capitalista. Uma dupla operação que põe a opressão contra as mulheres na gênese do capitalismo enquanto aponta o início das relações capitalistas como marco fundante da opressão contra as mulheres. Há um vínculo congênito, uma relação mutuamente fundacional entre essas histórias, um selo entre patriarcado e capitalismo que ainda é preciso decifrar.

Querela dos começos

Lê-se: o dinheiro é transformado em capital; do capital, produz-se a mais-valia e, da mais-valia, produz-se mais capital. Daí que a acumulação de capital pressupõe a mais-valia, a mais-valia pressupõe a produção capitalista e esta, ainda, só seja possível sob a condição de que haja de partida um grande acúmulo de capital e força de trabalho retido em poucos pares de mãos oligarcas. Um ciclo que se retroalimenta, em uma maquinaria viciosa. Pensar o início dessa engrenagem logo nos leva a supor um momento de acumulação prévia em que uma concentração foi forjada, sem a qual o capitalismo jamais se reproduziria. Com o mesmo papel que, para a teologia, tem o pecado original na condenação da uma história humana ao profano, diria Marx (2013, p. 785), a acumulação primitiva é a mácula primeira que torna possível as relações capitalistas.

A acumulação primitiva, a pré-história do capital, demonstra o que é matriz no capitalismo: terror e violência. As terras comunais, os rebeldes e o além-mar: terrenos de conquista de um poder que lhes pretendia sugar até o osso a vida para transformar-lhes em lucro. Marx (2013, p. 831) talvez o escrevesse como um parcelamento do solo e dos demais meios de produção, tido que o esquadrinhamento organiza corpos e espaço de modo a lhes delimitar formas e funções específicas. Sobre as terras comunais, pôs-se a cerca; à balbúrdia do cultivo de subsistência, reuniões, preguiça e festa, pôs-se ordem. Formas e funções específicas limpam terreno e corpo para garantir um produto ótimo, alcançado pelo aproveitamento último tanto de um quanto de outro no trabalho de produção.

E, oras, “deu-se, assim, que os primeiros acumularam riquezas e os últimos acabaram sem ter nada para vender, a não ser sua própria pele”

(Marx, 2013, p. 785). Deu-se, assim, que o proletário nada tivesse a oferecer. Não disporia de bem algum senão de sua própria força de trabalho e de sua prole, condição que lhe cunha o próprio nome. O proletário tem a si e a sua família a vender ao capitalista que, uma vez em posse dessas vidas, digo, força de trabalho, o enxerta nas máquinas de fazer dinheiro. O proletário, formalmente livre, mas praticamente exaurido do dispêndio que é vender sua força de trabalho, retorna da fábrica ao seio de sua família; recebe apenas o lapso de vida que lhe é próprio ao encontrar filhos e mulher, com vassoura e louças dispendo um espaço intervalar à velocidade da linha de produção. O que chamam de amor, nós chamamos de trabalho não remunerado, sorri Silvia (Tzul Tzul, 2017).

É certo que, desde Marx, para ativistas e acadêmicos, tem sido passo obrigatório remontar à gênese do capitalismo, convencidos de que a primeira tarefa na agenda do mundo é fazer alternativa à maneira que ele se organiza (Federici, 2017, p. 23). O que está em jogo em *Calibã e a bruxa*, portanto, é também uma querela² dos começos. O que está em jogo é grifar, a partir de uma perspectiva feminina, os acontecimentos que traçam o germinar do capitalismo para forjar novas ferramentas de redesenhar o atual. Temos parido, sem poder abortar, a força de trabalho. Temos diariamente trabalhado sem salário na reprodução da vida que, nesse mundo, tão pouco dura antes de ser devorada pelo capital. Silvia Federici disputa, entre outros autores, o trabalho de parto do mundo capitalístico no intuito de fazer nascer uma perspectiva a mais.

Ora, se Federici lê Marx, o faz certamente modulando algumas divergências. Acaba por descobrir que um ponto de partida feminista à história implica fundamentalmente uma redefinição das categorias a serem analisadas, justamente porque recoloca todo seu processo de formação. Sem dúvidas, muitas, as heranças de Marx, mas foi necessária uma divisão sexual do trabalho para que o capitalismo acontecesse, diz Silvia. O que esta divisão invoca, de saída, é a cisão entre trabalho e vida doméstica a fim de que se libere os fluxos de capital para sua livre circulação.

Ocorre que o divórcio entre produção e reprodução não se dá ao acaso, mas constrói-se sobre uma diferença de gênero fazendo acumular, sobre masculino e feminino, desigualdades gritantes. O negro é que há um agenciamento retroalimentar entre capitalismo e patriarcado, como bem demonstra Federici no curso de suas pesquisas. E que, em última instância, há uma necessidade de que a mulher ocupe o lugar a que ela se designa, uma vez que este lugar é o de reprodução da força de trabalho sem a qual não há produção de capital.

A caça às bruxas é, assim, uma pista primordial nessa cartografia. O capitalismo surge – contam-nos as bruxas – como uma resposta às lutas camponesas e, sobretudo, às possibilidades que estas mesmas faziam despontar. Ora, o que há de incontornável para Federici é precisamente que a transição para o capitalismo, na verdade, teria de ser lida enquanto uma contrarrevolução, dado o esforço de erradicar as vias abertas pelas lutas camponesas. As elites europeias tiveram de destruir todo um modo de existência que, na Baixa Idade Média, ameaçava-lhes o poder político e econômico (Federici, 2017, p. 368). Destruir, assim, todos os modos de vida incompatíveis à disciplina e à ordenação do *socius* pelo trabalho. E destruição, aqui, é denotativo.

Em resumo, argumenta a autora, há uma divisão sexual do trabalho

que divide os trabalhos produtivo e reprodutivo de modo que, amparado da degradação do lugar da mulher, o trabalhador esteja o mais livre do cuidado de sua existência quanto possível para empregar-se na produção de valor capital – ou, ter seu trabalho útil extraído – e que o trabalho doméstico seja tão sem valor a ponto de que não antagonize com o trabalho produtivo. A história das mulheres é a história das classes. Pois bem, se a divisão de classes é necessária para que o corpo proletário produza um mais-valor do qual não toma parte nos dividendos, assim também a divisão sexual do trabalho: cliva trabalhador de suas condições de trabalho e vida, produzindo uma clivagem dentro da própria classe proletária. Ora, o que podemos perceber é que também a divisão entre gênero, o patriarcado do salário, presta continência a uma organização capitalística da vida porque garante que o corpo proletário masculino opere, disciplinado, tão somente sobre aquelas atividades produtivas ao capitalismo. Os efeitos disso é que a disciplina do trabalho só pode ser forjada a partir de um trabalho de manutenção incumbido às mulheres. Ou: a feminilidade é a produção de uma forma-corpo e uma função-trabalho que cuida caprichosamente da reprodução da maquinaria capitalística.

Por que, ainda hoje, é necessário refazer a história das mulheres? A grosso modo, pode-se dizer que, ao eleger “mulheres” enquanto categoria de análise, Federici (2017, p. 31) as elege também como protagonistas e argumenta em favor do privilégio desta ferramenta. É que, se o capitalismo se funda nas engrenagens de um corpo “feminino” – forjando, às mulheres, uma identidade sexual e suas funções – ainda não podemos transcender o gênero para travar as discussões contra o patriarcado nem tampouco contra o capitalismo.

Nossas existências são, de certa forma, residuais dos processos produtivos que lhes articularam historicamente: a pertinência de operar a história a partir do gênero será a de investigar o passado partindo de certos resíduos – recolhidos, aqui, a partir dos corpos feminizados. Pistas inscritas nas peles depiladas, na gordura lipoaspirada, nos úteros catequizados, na leitura matinal das revistas de beleza. Pistas até nos corpos femininos de plástico: os manequins tamanho pp, as bonecas infláveis louras, parte de todas nós.

Federici (en)contra Foucault

A condição para o acúmulo de capital foi tanto a expropriação de terras quanto a expropriação dos corpos femininos. Foi necessário, assim, expropriar os corpos femininos – cercá-lo com limites e interdições e, ao mesmo tempo, fixar nele algumas engrenagens fundamentais – para que os fluxos do capital fossem garantidos. Necessário expropriá-los, travar uma luta contra as mulheres, para liberar seus corpos de obstáculos que lhes impedissem de funcionar como máquinas para produzir mão de obra. O capitalismo incide aí, na produção desse corpo feminino, e o maquina para uma quase livre circulação dos fluxos capitais, bem como o faz com o cercamento de terras. Trata-se de um violento, embora engenhoso, trabalho de intervenção: tão essencial quanto os cercamentos. À mulher, seu corpo: linha de montagem da força de trabalho.

Os invisíveis do corpo dócil são os corpos queimados na fogueira, torturados, escravizados e exterminados nas fogueiras e nas colônias. Instaurada a balbúrdia: há ainda mais segredos sobre corpo e acumulação primitiva. Segredo matriciais.

O que Foucault teria aprendido, não tivesse caído no sintomático es-

² Aqui, faço referência às querelles des femmes, movimentos que colocam em questão a posição das mulheres na sociedade e que movimentam, sobretudo, debates sobre a desigualdade entre homens e mulheres. (Federici, 2017, p. 200).

quecimento das bruxas caçadas pela história, é que a “história não pode ser escrita do ponto de vista de um sujeito universal, abstrato, assexuado. Além disso, teria reconhecido que a tortura e a morte podem se colocar a serviço da ‘vida’, ou melhor, a serviço da produção da força de trabalho, dado que o objetivo da sociedade capitalista é transformar a vida em capacidade para trabalhar e em ‘trabalho morto.’” (Federici, 2017, p. 36). Sim, faz-se viver! E, no entanto, continuam fazendo-nos morrer.

Uma aprendizagem ou *Malleus Maleficarum*

37 menções a Foucault

37 menções a Foucault no decorrer de algumas centenas de páginas.

O que Foucault teria aprendido se tivesse partido da história da luta das mulheres? (Federici, 2017, p. 36). O acontecimento que dá partida às formulações de Foucault privilegiam certos tantos aspectos. Certos tantos nódulos de tensão de seu tempo, de seu corpo. Seu ponto de partida, o acontecimento enquanto analisador, evidencia certa diagramação do jogo de poder. Ora, essa parcialidade de perspectiva é justamente seu privilégio uma vez que o aterra, o localiza, contorna seus relevos. E apenas isso, a singularidade, é o que pode testemunhar por seu rigor, por sua consistência e pertinência enquanto trabalho. Ao não incluir a parcialidade enquanto método, todavia, desdobra-se dela uma descrição universalizante do poder e abstrativa do corpo (e vice-versa). E se Foucault fosse mulher... Tentemos, então, realizar essa hipótese: Foucault mulher - há urgência em toda fala. Urgência no tornar-se mulher de Foucault.

O que podemos aprender sobre o desdobramento capitalista, passado e presente, quando examinado sob perspectiva feminista?³ Fazer história de uma perspectiva feminista é, antes de reivindicar o gênero, marcar a partir de onde se faz qualquer história; demarcar a parcialidade necessária de todo ponto de partida. É, de saída, demonstrar que mesmo no que se chama universal há um corpo, há uma ou várias marcas locais e assim defender que uma história feita a partir de um corpo *de mulher* não é menos objetiva, menos rigorosa do que qualquer outra: há sempre carne, há sempre corpo, há sempre história na composição de uma perspectiva. Essa análise, assim, subverte a objetividade científica argumentando que enquanto ela se baseia em uma pretensa neutralidade - o que Donna Haraway (1995) chama por olhos de Deus - não se trabalha no sentido de sua objetivação, mas, ao contrário, sentido a sua desarticulação. Objetividade, então, passa a ter a ver com as conexões, as localidades, as coordenadas territoriais que compõem uma investigação. Quanto mais articulado de suas localidades, mais objetivo torna-se um estudo.

Bem como a perspectiva de Calibã foi outrora um recurso para recontar a narrativa do Próspero de Shakespeare - tendo um importante papel nas lutas decoloniais - há um importante argumento em Federici que é o de afirmar o disciplinamento das mulheres enquanto um acontecimento a partir do qual se pode aprender também sobre o disciplinamento do proletariado masculino. O disciplinamento das mulheres faz parte da história de todos nós, independentemente do gênero sob o qual inscrevemos nossa identidade, dado que o processo de montagem do corpo de trabalho - os corpos dóceis, disciplinados - é gestado também na guerra contra as mulheres. Se Silvia parece escandalizar com um grito que diz “a história das mulheres é a história

das classes” (Federici, 2017, p. 31), não pretende com isso militar por um novo horizonte universal da História, mas afirmar que a caça às bruxas nos concerne por estar na instituição mesmo do capitalismo. Precisamos também de mais essa perspectiva para o enfrentamento ao capitalismo. E, no entanto, afirmá-lo não significa dizer que precisamos de mais *apenas* essa. É antes - o que parece ser a maior aprendizagem de uma perspectiva feminista - o compromisso com a parcialidade, com o inacabamento, com a fractalização perspectiva, com a proliferação de versões da história. É à companhia do proletariado masculino - bem como à companhia dos outros movimentos minoritários - que esse livro se escreve.

Trata-se, portanto, de desfazer o feitiço da imperceptibilidade - a neutralidade - e desfazer a fusão entre as histórias feminina e masculina - que, como sabemos, não apenas funde uma a outra como confunde a versão masculina como a História Universal. Quando Federici parte da história das mulheres, está realizando todos esses movimentos, ainda que nem sempre explicitamente. A todo tempo, estamos relendo as histórias que formularam nossa realidade a partir de eventos recalçados, esquecidos, ignorados.

As consequências da pretensa neutralidade, ao que sustenta Federici e ao que ecoam as feministas, é, primeiramente, a confusão de uma história do homem europeu por uma história universal. Isso se desdobra, a seguir, em análises do capitalismo, das técnicas de poder e das disciplinas mais desencarnadas e, com efeito, menos articuladas, menos interessantes: politicamente menos consistentes. A lembrança à caça às bruxas, portanto, inscreve uma polifonia à história da disciplina, à história da sexualidade e, enfim, à história do capitalismo.

Acumulação primitiva de desigualdades - a misoginia é uma caça à indisciplina

As mulheres o sentem e dizem - se Foucault fosse mulher - mesmas palavras em outra voz - teria sabido, não teria esquecido, teria grifado a caça às bruxas no mínimo em um livro inteiro. Foucault faz uma história indiferenciada e, ora, “o Poder que produz o corpo aparece como uma entidade autossuficiente, metafísica, ubíqua, desconectada das relações sociais e econômicas, e tão misteriosa em suas variações quanto uma força motriz divina.” (Federici, 2017, p. 34). A história das mulheres faz incontornável o problema da violência. Foucault, diz Silvia, a partir dos acontecimentos que toma por privilegiados e omissões históricas colossais, não consegue notar como o horror e a repressão podem se colocar a serviço da vida. Silvia insiste - se Foucault fosse mulher, não poderia ter-se esquivado do caráter expressamente repressivo, denotativamente destrutivo na administração e produção das forças vitais.

Federici admite a importância dos estudos de Foucault e toma o disciplinamento do corpo como marco para o capitalismo. A autora reafirma a criação da disciplina-trabalho como marco essencial para um proletariado engajado na produção. É o corpo a primeira máquina do capitalismo moderno. É a produção do corpo, portanto, o trabalho de engenharia e construção da máquina capitalística por excelência.⁴

O disciplinamento é, pois, a criação de uma memória corporal feita na medida e sob demanda do trabalho. A disciplina cria no corpo, assim, a medida do trabalho: uma memória corporal, uma subjetivação, um disciplinamento.

³ Ver Federici, 2017, p. 25.

⁴ Ver Federici, 2017, pp. 166, 240, 247, 249, 268, 271.

Decerto, é via atuação das instituições disciplinares que o corpo é moldado. Bastante acertada pois, dirá Silvia, a intuição foucaultiana de investigar as histórias de produção dos corpos a partir das instituições que o realizam. Mas também no corpo proletário coletivo – aqui tomado como semelhante ao corpo dócil cuja produção descreve Foucault – são esquadrihadas divisões. O corpo proletário coletivo é dividido e arregimentado: a proletarização é fractalizada em muito mais relações do que apenas aquela entre patrão e trabalhador. Dessa maneira, as divisões multiplicam-se e acumulam-se desigualmente nos corpos enquanto desigualdades. O que percebemos é que os processos de disciplinamento são situados, localizados e estão sempre em vias de transformar as diferenças em subalternidade e lucro. Portanto, investigar as histórias da produção de corpos úteis para o capitalismo requer também minúcia de aprender que não poderemos contar uma única história desse corpo servil.

O processo de subjetivação da disciplina capitalística, o processo de corporização da função trabalho só se forja a custos de derramamento de sangue. Sublinhe-se como evidência disso a estranhíssima coexistência dos algoritmos e o marketing de big data a acontecimentos dignos da acumulação primitiva narrada por Marx.⁵

O abate dos animais sem memória – os indisciplinados, os selvagens, os inumanos, os imorais – é um acontecimento matricial para a emergência de um corpo memorativo – da disciplina, da civilidade, da humanidade e de sua distinta moralidade. As palavras de Nietzsche na voz de Silvia: “Foram necessários o sangue e a tortura para ‘criar um animal’ capaz de um comportamento regular, homogêneo e uniforme, marcado a fogo com o sinal das novas regras.” (Nietzsche, 1965 como citado em Federici, 2017, p. 262).

Silvia segue saltando de uma referência a outra no desenvolvimento da “máquina humana” (Federici, 2017, p. 267) demonstrando que este foi não somente o mais importante salto tecnológico do capitalismo na produção como foi também um trabalho em comum entre a anatomia e a fábrica, a família e a igreja, a sexualidade e a escola. Uma co-parentagem entre as instituições na criação de corpos bem ajustados. Esse processo tem suas funções e sentido evidenciados, segundo a autora, pela análise da acumulação primitiva. A acumulação primitiva, em palavras de Silvia (2017, p. 121), é um procedimento pelo qual acumulou-se tanto trabalho morto – na forma de bens roubados – quanto trabalho vivo – na forma de seres humanos colocados à disposição para a exploração capitalista. Ora, essa reaproximação a um capitalismo ainda em vias de se fazer auxilia a investigação no tanto que ajuda a perceber em busca de quais efeitos, criam-se as divisões, as organizações e as funções entre a população campesina na sua transformação em proletariado. Retomar a acumulação primitiva, assim, grifa os efeitos capitais que as operações político-subjetivas de nosso tempo têm.

Novamente Silvia fraseia o problema do biopoder – Foucault usou a noção de biopolítica para descrever uma nova forma do poder que surgiu na Europa

no século dezoito e foi exercido a partir da regulação do processo vital, tal como [a administração] da saúde, da doença e da procriação⁶. O capitalismo, desde seus começos e no processo de se firmar como uma operação autossuficiente, vê-se no impasse entre a necessidade de maximização da exploração versus sua necessidade de reprodução. Quer dizer, se por um lado há de se lucrar o máximo possível fazendo uso de quais meios forem necessários, por outro, a maximização da violência do capital põe em risco o contingente de matéria prima do lucro: a vida, o acúmulo de força de trabalho. A maximização da violência esbarra no perigo das crises populacionais. Assim, a extorsão da força de trabalho, ou a transformação das forças vitais em trabalho, como a autora argumenta, segue sempre sua tendência escravocrata e genocida, sofrendo desvios apenas no ponto em que ameaça extinguir a força de trabalho – as crises populacionais são crises de reprodução do capitalismo⁷.

E, ora, Federici finalmente chega ao ponto que queríamos, desde o início, chegar. A expropriação dos corpos das mulheres e de sua capacidade reprodutiva pelo Estado foi o início da regulamentação, da administração estatal de seus ‘recursos humanos’. Assim sendo, esse processo foi também sua primeira intervenção ‘biopolítica’ na leitura foucaultiana do termo e, finalmente, sua primeira contribuição para a acumulação de capital na medida em que é, essencialmente, a multiplicação do proletariado.⁸

“Descobrimos que as hierarquias sexuais quase sempre estão a serviço de um projeto de dominação que só pode se sustentar por meio da divisão, constantemente renovada, daqueles a quem se pretende governar”. (Federici, 2017, p. 18). Ora, temos visto, uma divisão sexual do trabalho torna a classe proletária mais facilmente governável, porque produz trabalhadores mais facilmente exploráveis. O disciplinamento, assim, é um investimento na administração desta querela. O imbróglio entre produção e reprodução. Trabalho vivo e trabalho morto.⁹

Posto que os corpos femininos são tomados a serviço de um trabalho reprodutivo, a sexualidade feminina, finalmente, não poderia ser contada a partir de uma história da sexualidade feita indiferenciada. Ora, uma perspectiva feminista desta história demonstra como já haveria um verdadeiro catecismo sexual em curso na Idade Média e a gestação de uma política da sexualidade sobre os corpos femininos.

A autora reivindica a caça às bruxas e a concomitante demonização da sexualidade feminina como acontecimento privilegiado, uma vez que expressa com precisão a virada do poder para a produção e administração da vida. A caça às bruxas produz uma feminilidade submissa e procriativa, a morte das mulheres pervertidas e, em consequência, um proletariado mais produtivo.¹⁰ Parece haver – dirão as bruxas – uma relação muito peculiar entre o entre o desmantelamento das relações comunitárias e a demonização de membros das comunidades afetadas. Isso faz com que a caça às bruxas seja um instrumento efetivo de privatização econômica e social.¹¹

⁵ Ver Federici, 2018, pp. 13-4.

⁶ “Foucault used the concept of ‘biopolitics’ to describe a new form of power that emerged in Europe in the eighteenth century and was exercised through the regulation of life process, such as health, disease and procreation”. (Federici, 2019, p. 24).

⁷ Ver Federici, 2017, pp. 121-22, 161.

⁸ “At the same time, the state’s appropriation of women’s bodies and their reproductive capacity was the beginning of its regulation of ‘human resources’, its first ‘biopolitical’ intervention, in the Foucauldian sense of the word, and its contribution to the accumulation of capital insofar as this essentially the multiplication of the proletariat.” (Federici, 2019, p. 17).

⁹ Ver Federici, 2017, p. 126.

¹⁰ Ver Federici, 2017, p. 344

¹¹ Ver Federici, 2018, p. 15.

A produção da mulher pervertida demonstraria uma outra versão da história da sexualidade.¹²

À interrogação do trabalho reprodutivo, Federici sintetiza alguns conceitos. Aqui, parecem-me que patriarcado do salário, disciplinamento das mulheres e divisão sexual do trabalho surgem como operações conceituais e importantes inflexões sobre os trabalhos de Marx e Foucault.¹³

O disciplinamento das mulheres faz dois problemas aparecerem para Federici. O problema do biopoder – na *produção* de corpos dóceis; na *administração* da vida – e o problema da acumulação primitiva – uma vez que diz de um movimento de extermínio, e não apenas produção e administração, contra os corpos femininos. Assim, é que desdobramos a transversalidade entre as vias críticas. Pensar a história das mulheres faz urgente pensar um corpo e seus processos de feitura. Que, por sua vez, não pode escapar de ambas as marcas da disciplina e da violência e, portanto, de leituras do biopoder e da acumulação primitiva. As mulheres são o sítio privilegiado de reprodução do mundo tal como o conhecemos. Daí que das análises de Federici desdobrem-se pontos antes invisíveis a Marx e a Foucault: o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho, a construção de uma nova ordem patriarcal (assalariada) e a mecanização dos corpos proletários.

A divisão sexual do trabalho é uma investida para garantir a reprodução autossuficiente do capitalismo. O trabalho de reprodução do capitalismo, logo, se baseia em um processo de proletarianização autossustentável e isso depende literalmente de um serviço uterino das mulheres. Assim, a função mulher do trabalho não só garante a mão de obra, como é fundamental ao processo de produção de corpos dóceis e repressão de corpos rebeldes. A conquista do corpo feminino continua sendo uma condição atual para o capitalismo pelo lugar privilegiado à criação de vida (força de trabalho) que as mulheres têm. A conquista do corpo feminino continua sendo – atualmente – determinante para a acumulação de capital.¹⁴

A desigualdade entre os gêneros, uma acumulação desigual de desigualdades, trava uma relação de pressuposição recíproca com a acumulação de capital. É só com uma posição degradada das mulheres – resumida no patriarcado do salário – que se pode forjar uma máquina de reprodução de força de trabalho que garanta ritmo e previsibilidade industriais. Frente a toda crise reprodutiva, atualizam-se as tecnologias de poder do disciplinamento das mulheres. A cada nova crise de reprodução do capitalismo, uma nova estratégia de disciplinamento e guerra contra as mulheres se faz necessária. As evidências de nosso tempo não nos permitiriam a esquiva: tortura e morte, fogueira e repressão fazem parte essencial do jogo de fazer viver – força de trabalho.

A violência não é residual, mas matricial, reprodutiva, *mater*: mãe do

capitalismo. A violência vem antes na lógica capital (ainda que apareça concomitante a outras tecnologias do poder).¹⁵

Descobrimos em sabá: a feminilidade é uma função-trabalho. Ser mulher é uma ocupação, um labor, um ofício – tal como ser proletário. Isso que chamamos instinto materno, capricho, toque feminino, relógio biológico, amor. A tudo isso que se naturaliza ou se sedimenta enquanto próprio da mulher, demos seus nomes próprios: trabalho de reprodução, função sexual do trabalho. A mulher é uma função-trabalho, a sexualidade feminina é uma função-trabalho. As identidades coloniais, todas elas também funções de trabalho: subjetivações identitárias são um exercício do inconsciente a serviço do capital, um trabalho também, portanto. Há proletarianizações fractais operando máquinas, que sempre são de gerar lucro. A misoginia, em nosso caso, tem muito bem deliberadas as reprimendas contra as mulheres que não exercitam suas funções como devem. No limite, há sempre a fumaça das mulheres antes de nós e as notícias das mulheres a nosso redor para no *olvidar* – quando abrir as pernas e quando fechar, quando abrir a boca e quando silenciar. Tudo isso é ofício – enfiado goela abaixo, encenado nas novelas, exposto nas revistas, ensinado desde menininha. Busco rapidamente em minha mochila um livro que nunca saiu de lá. Com Clarice Lispector e o Martelo das feiticeiras em mãos: uma aprendizagem ou *Malleus Maleficarum*¹⁶.

Uma ou várias bruxas contra o capitalismo

Colonização co-extensiva

Bruxas eram, literalmente, modos de vida concorrentes à disciplina capitalística.¹⁷ Um corpo, para se transformar em máquina de trabalho, teve de matar seus desvios. Um corpo coletivo, para se tornar disciplinado ao trabalho, teve de matar as mulheres. Isso significaria dizer tanto que há um trabalho de disciplinamento do corpo que burila os detalhes e erradica a indisciplina – a rebeldia – quanto que há um trabalho que casa com este primeiro de erradicar aqueles corpos que são indisciplinados em demasia.

Há uma violência primária em toda disciplina. Um derramamento de sangue simultâneo ao esquadramento do corpo. Há fogueiras que coexistem às réguas. É por isso também que o surgimento dessa nova tecnologia do poder não significa um progresso entre a destruição em direção a armas mais sofisticadas. Para se re-atualizar, o capitalismo dispõe sempre de um trabalho de forjar acúmulo, de expropriar vidas. A atualização capitalística não é tanto progressiva, como é cumulativa de estratégias e tecnologias de poder.

O capitalismo necessita de corpos previsíveis e confiáveis, replicantes e

¹² Ver Federici, 2017, p. 349.

¹³ Ver Federici, 2017, p. 129.

¹⁴ Ver Federici, 2017, p. 367-8.

¹⁵ “O empobrecimento, as rebeliões e a escalada do ‘crime’ são elementos estruturais da acumulação capitalista, na mesma medida em que o capitalismo deve despojar a força de trabalho de seus meios de reprodução para impor seu domínio. O fato de que as formas mais extremas de miséria e de rebeldia tenham desaparecido nas regiões europeias que se industrializaram durante o século XIX não é uma prova contrária a tal afirmação. A miséria e a rebeldia proletárias não pararam ali; apenas diminuíram ao grau em que a superexploração dos trabalhadores teve que ser exportada, por meio da institucionalização da escravidão, num primeiro momento, e, posteriormente, por meio da expansão da dominação colonial.” (Federici, 2017, p. 161).

¹⁶ *Malleus Maleficarum* (Kramer & Sprenger, 2014), que a depender da tradução varia entre *Martelo de Bruxa* ou da Feiticeira, foi um dos mais importantes e contundentes escritos a respeito das bruxas, de seus fazeres e heresias. O documento tem papel irrevogável enquanto manual de identificação, justificação, punição e tortura das mulheres percebidas bruxas.

¹⁷ “The witch was the communist and terrorist of her time, which required a ‘civilizing’ drive to produce the new ‘subjectivity’ and sexual division of labor on which the capitalist work would rely on.” (Federici, 2018, pp. 33, 27).

replicáveis para se impor e se reproduzir.¹⁸ A luta contra o corpo rebelde (ao que Federici chama *repressão*) é também a luta de constituição de um certo corpo-organismo-disciplinado-trabalhador (ao que chamaria *produção*). O corpo organismo, dócil e confiável para a função trabalho, é o resultado tanto de uma dimensão produtiva do poder, quanto da aniquilação de corpos rebeldes. Tudo acontece como se uma história apenas não dissesse o suficiente sobre o que foi colonizar. Há como que uma colonização co-extensiva que cinde os corpos a partir de certas diferenças – sobretudo aquelas diferenças que podemos observar e vigiar para então punir – e sobre elas acumula desigualdades. A colonização como gênese das desigualdades. As desigualdades como gênese do capitalismo. As divisões – de gênero, de raça, de sexualidade, de capacidade e assim por diante – no proletariado têm a função de multiplicar o processo de proletarização. Multiplicar, pela fractalização, a colonização. Multiplicar no tempo e no espaço. Torná-la perene e sintomática. Reincidente.

Funções corporais de trabalho

Os grandes cercamentos¹⁹ – episódios descritos por Marx em seu capítulo sobre a acumulação primitiva e relatados por Federici como reincidentes nos dias atuais em países pobres – se desdobram na finalidade de liberação de certos fluxos. Uma vez operado em nome do capital, a liberação da qual se trata nesse caso é a da reserva de trabalho e, portanto, dos fluxos de capital. Assim, a violência de expropriar, destituindo as terras dos usos comuns, concomitante ao cercamento de um espaço, produzindo um local pelo contorno das cercas. Atos que se atravessam: o de cercar e expropriar.²⁰ O que as investigações sobre essa história das mulheres nos faz perceber é que há um mecanismo deveras semelhante a este, característico da Acumulação Primitiva de capital, responsável por lançar bruxas à fogueira e circunscrever em tamanho e ato a feminilidade. A caça às bruxas, segundo demonstrado por Federici é extensiva dos grandes cercamentos e vice-versa. A violência de castigar na fogueira concomitante à produção de uma identidade feminina servil ao trabalho.²¹ A violência de expropriar as terras de seu uso comum concomitante ao cercamento que esquadriha o espaço e localiza. O processo primeiro, este que inaugura o capitalismo, remete então a grandes expropriações e cercamentos: físicos, metafísicos e microfísicos. Nos fazendo supor, a essa altura afiadas de palavras, que o capitalismo opera por meio do primado de uma *colonização co-extensiva*²². As relações de trabalho, assim, se organizam desde a inauguração do capitalismo tanto a partir do chão de fábrica quanto a partir das *plantations* (Mbembe, 2018). A cena inaugural é composta tanto de terror quanto de disciplina. A morte final e as mortes diárias: ambas em função da sobrevivência do capital. Em 2019, o inimigo é todo o sul, todo negro, toda mulher, toda selvageria, todo trabalhador, todo corpo que pulsa, toda experimentação que mistura, toda vida que desvia.

Disciplinamento do corpo diz respeito a um processo de transformação do corpo em máquina e força de trabalho. Colocar o trabalho ao lado do disciplinamento permite Federici demonstrar que o disciplinamento, apesar de ser a inauguração de uma tecnologia, não é independente da lógica do capital. Propõe com isso, finalmente, que leiamos um pelo outro. Explico: analisar o trabalho pela tecnologia disciplinar que se inscreve nos corpos atualiza, corporifica o trabalho. Torna-se possível enxertar – e, consequentemente, enxergar – a diferença dentro do ciclo vicioso do capitalismo. Trabalho ganha um plural: *funções-trabalho*. Por outro lado, ler a disciplina a partir das funções trabalho, lhe confere uma tradução em termos econômicos. Ambos ganham corpo. A organização e distribuição de *funções-corporais-de-trabalho*, poderíamos assim sintetizar.

Os corpos precisam se transformar em máquinas, em funções-corporais-de-trabalho. Funções, no plural, porque os trabalhos não são os mesmos. Os corpos são diferentes e, sobre estas diferenças, é necessária a inscrição de desigualdades. Os corpos dos trabalhadores sofrem degradações diferentes ao vender sua força de trabalho. Às mulheres europeias um processo de feminização, a produção de uma identidade feminina, de uma subjetividade feminizada, de um modo de fazer e querer também feminizados. E a concomitante guerra contra seus corpos, violência contra seus atos, degradação de tudo aquilo que se entenderia por feminino.

A luta das mulheres, assim insisto, coloca o problema do comum. Coloca o problema do conectar-se, do habitar, co-existir, experimentar. Coloca o problema do viver. Coloca esses problemas. Ainda porque esta é senão *uma* história de mulheres. Há muitas outras a se contar: a partir de outros marcadores de diferenças. As bruxas são as terroristas, as comunistas de nosso tempo. São os traficantes, os funkeiros, as prostitutas, os transviados. Aprender com as bruxas é aprender, então, que a gênese de nosso mundo não tem apenas uma versão. Será preciso aprender insistentemente as novas versões de nossas histórias. As histórias de bruxa são essas: histórias das rebeldias, das resistências. As histórias das bruxas agenciam uma comunidade trans-histórica, que transitam entre espaço e também no cronos, para dar de comer aos rebeldes de todos os tempos. A dar de beber aos heréticos de todas as épocas. A dar liame pra loucura e espaço pros feitiços.

Considerações finais ou carta a corpos rebeldes

Marx nos manuscritos de 1844 é um vitalista. Escreve: algo que é da ordem do viver, da ordem da garantia e expansão da vida – o trabalho, a invenção, a produção, a criação, a feitura – se torna capital pois sujeito à universalidade da privatização enquanto experiência no *socius*. (Marx, 2010) Descola-se e é estranhada do trabalhador/criador/produzidor. Algo que pudera inscrever-se

¹⁸ Ver Federici, 2018. p. 21-2.

¹⁹ “Enclosures were an English phenomenon whereby landlords and well-to-do peasants fenced off the common land, putting an end to customary rights and evicting the population of farmers and squatters that depended on them for their survival.” (Federici, 2018. p. 16).

²⁰ Ver Federici, 2017, pp. 50, 131-2, 163.

²¹ Sobre esse tema, Flora de Tristán, 4 anos antes da publicação do manifesto comunista, já discutia em sua União Operária algo semelhante a um “trabalho reprodutivo”: “Repito, a mulher é tudo na vida de um operário: como mãe tem influência sobre ele durante a infância; é dela e unicamente dela que ele adquire as primeiras noções desta ciência importante a adquirir, a ciência da vida, esta que nos ensina a viver de forma conveniente para nós e para os outros de acordo com o meio em que o acaso nos colocou. – Como amante ela tem influência sobre ele durante toda a juventude, e que ação poderosa poderia exercer uma jovem bela e amada! – Como esposa, tem influência sobre ele por três quartos de sua vida. – E por fim, como filha tem influência sobre ele durante a velhice.” (Tristán, 2015. p. 121-2).

²² Ver Federici, 2017, p. 162-3.

em um plano conectivo de efeitos vitais – multiplicando vida, multiplicando vida – se inscreve a uma relação (ou regime) monogâmica(o) absoluta(o) universal totalitária(o) fiel simbiótica com o capital. Estamos, assim, a partir dos disciplinamentos, casados em absoluta e universal totalidade. Fiéis à simbiose capitalística de desefetivar a vida ao passo que efetiva-se (a função-trabalho) em forma-trabalho-morto.

A forma trabalho-morto, são não somente os produtos, também as identidades coloniais. São os cristais, os resíduos de um processo alienado, esquecido, invisível. Ser a mulher, portanto, – a bela, recatada e do lar – é tocar a morte em vida. É ser trabalho morto. Tentá-lo ser, ao menos. Aí a armadilha da mulher. Do tornar-se mulher. Do devir mulher.

Vir a ser mulher só funcionaria no sentido de um devir, um tornar-se feminista do masculino e do feminino – um tornar-se que, justamente, não se dá nem em um nem em outro pólo das identidades coloniais. Só funciona enquanto devir revolucionário, enquanto um rebelar-se. Todas as palavras seguidas de ponto final são perigosas.

Devir mulher para um homem pode ser libertador ao passo que chamar-se *mulher*, ter sido chamado *mulher*, ou melhor: ter-se transformado como mulher (socio-historicamente, corpóreo-subjetivamente, epistemo-politicamente) não está exatamente no sentido de liberação, mas o contrário.

Assim, por mais que tornar-se mulher – afirmar a fofoca, o batom, a menstruação, a histeria, o cuidado, o corpo, o afeto, o território, a maternagem – seja muito potente, o é apenas na medida em que prescinde de sua função-trabalho e de sua disciplina capitalística. O é apenas na medida que desfaça os cercamentos e expropriações, as acumulações primitivas. Para um homem, “devir mulher” pode significar conectar-se com o corporal, com a minoridade, conectar-se com o comum – tudo aquilo que não é suficientemente importante para ser masculino – e dele cuidar. Pode ser um devir desindividualizante, que o abra para o mundo, e, assim, tarefa caríssima às filiações identitárias do homem branco, não deficiente, são, não viado, não louco, não marginal. À masculinidade, o contato com o feminino é uma possibilidade de devir algo de outro. Precisamente porque a masculinidade tem uma função totalizante, universal, colonizadora, mental (ou sem corpo), racional, civilizada, absoluta. (Não que qualquer homem jamais o seja, mas o fantasma do homem maior que deveriam ser está sempre ora incorporado ora o assombrando.) Então, encontrar o feminino, o parcial, local, colonial, corporal, emocional, o selvagem, o insuficiente pode ser uma experiência, sim, muitíssimo potente.

No entanto, para as mulheres – presas às cercas daquilo que foi tomado por “feminino”, expropriadas de tudo aquilo que exercesse poder “masculino” – o devir como experiência prática é outra coisa. Parte de outros pontos e portanto tem de responder de outras formas para ser efetivamente anti-capitalística. O movimento não será aprender a ser “como” essa mulher de que foi chamada, mas ser “com” as mulheres.

A rebeldia de mulheres e homens será encontrar-se e desaprender suas respectivas identidades coloniais. Teremos de deixar de fazer militância por palavras absolutas e slogans dogmáticos. Sem confundir isso com uma luta de quaisquer palavras e o vale-tudo. As palavras têm de ser precisas, atuais: no que tocam o problema e no que tornam-se obsoletas junto à passagem de seu tempo próprio. Não teremos salvação, tão apenas o presente, pereclitante.

Contra a indústria, somos corpo; contra o organismo somos máquina. Se nos quiserem neutras, somos mulheres. Queiram-nos mulheres, seremos

monstros. Feministas serão estas; serão monstros de corpo indiscernível, mas jamais amorfo, incalculável, mas jamais zeroado, sanguinolentas, mas também sem filho, sem útero, sem ovário, com testículos, sem menstruação. Feministas é o nome que escolhemos nos dar pra fazer caber tanto as dores do que somos quanto as delícias do que queremos ser – e, com rebeldia, já somos.

Federici é marxista aos foucaultianos, foucaultiana aos marxistas e feminista com e contra ambos. Contra a anatomia, somos históricas. Contra a histeria, fazemos história.

Referências

- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (Sycorax, Trad.). São Paulo: Elefante.
- Federici, S. (2019). On Primitive Accumulation, Glocalization, and Reproduction. In: S. Federici, *Re-enchanting the World: Feminism and the Politics of the Commons* (pp. 15-25). Oakland: PM Press.
- Federici, Silvia. (2018). *Witches, Witch-hunting, and Women*. Oakland: PM Press.
- Gagnebin, J. M., Roque, T. & Rodrigues, C. (2018). *Elasim#* (Série pandemia). São Paulo: n-1 edições.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, (5), 07-41. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>
- Kramer, H; Sprenger, J. (2014). *O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum*. (25a ed.). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- Marx, K. (2013). A assim chamada acumulação primitiva. In: K. Marx. *O capital: crítica da economia política*. (Vol. 1, Cap. 24, pp. 785-830). São Paulo: Boitempo.
- Marx, K. (2010). Trabalho estranhado e propriedade privada. In: K. Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos*. (pp. 79-91). São Paulo: Boitempo.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. (3a ed.). São Paulo: n-1 edições.
- Tristán, F. (2015). Por que eu menciono as mulheres. In: F. Tristan. *União Operária*. (pp. 109-131). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Tzul Tzul, G. (2017). *El Patriarcado del Salario: 'Lo que llaman amor, nosotras lo llamamos trabajo no pagado'*. Recuperado de <http://www.resumenlatinoamericano.org/2017/02/14/el-patriarcado-del-salario-lo-que-llaman-amor-nosotras-lo-llamamos-trabajo-no-pagado/>

Fake news e sua categoria tipológica de violência na contemporaneidade

Fake news and its typological category of contemporary violence

Henrique Borba Bittencourt¹ e Gabriel Licoski dos Santos²

Resumo: O presente estudo teve como objetivo investigar o conceito de *fake news* e sua tipologia de violência na contemporaneidade. Nesse sentido, foi realizado levantamento bibliográfico nas bases de dados Lilacs, Pepsic, Scielo e Medline. Foram utilizadas as palavras-chave “*Fake News*”, “*Violência*” e “*Contemporaneidade*”. Com os artigos achados e pesquisas externas foram selecionados um total de 25 referências que possuíam relação com tal temática entre elas livros, notícias e artigos. A literatura consultada aponta que as *fakes news* podem se enquadrar em todas as categorias tipológicas da violência contemporânea. Ao longo desta pesquisa verificou-se que a história da violência está intrinsecamente conectada com a história da comunicação e da tecnologia. Nesse sentido, registra-se aqui que ainda se faz necessário um maior aprofundamento a respeito do tema tendo em vista a pouca produção quando comparada aos impactos de tal temática vem causando na sociedade.

Palavras-chave: Fake news; Violência; Contemporaneidade.

Abstract: This study aimed to investigate the concept of fake news and its typology of violence in contemporary times. In this sense, a bibliographic survey was performed in the databases Lilacs, Pepsic, Scielo and Medline. The keywords “Fake News”, “Violence” and “Contemporaneity” were used. With the article findings and external research, a total of 25 references were selected that were related to such theme among them books, news and articles. The consulted literature points out that fake news can fit into all typological categories of contemporary violence. Throughout this research it was found that the history of violence is intrinsically connected with the history of communication and technology. In this sense, it is noted here that there is still a need to deepen the theme in view of the low production compared to the impacts that such theme has been having on society.

Keywords: Fake news; Violence; Contemporaneity.

¹ Graduando do curso de Psicologia da UNICNEC de Osório/RS. E-mail: iqueb2@gmail.com .

² Graduando do curso de Psicologia da UNICNEC de Osório/RS. E-mail: biellicoski@gmail.com .

Introdução

O presente artigo tem por objetivo investigar acerca da classificação tipológica e categórica de violência, na qual a *fake news* está inserida; recapitulando alguns conceitos e fatos históricos, além de analisar seus efeitos na sociedade contemporânea, com o fim de tentar identificar a categoria de violência na qual o conceito de *fake news* poderia ser enquadrado, aumentando assim as possibilidades e ferramentas de prevenção e posvenção.

A escolha deste tema justifica-se por meio da atualidade do tema; a abrangência do termo; e seu impacto na atualidade. Ao final deste apresenta-se a análise dos efeitos da *fake news* e a violência na contemporaneidade, tecendo a narrativa, por meio dos escritos produzidos por Recueiro, Moura, Braga, além dos autores clássicos, como Freud, Foucault e Hannah Arendt e suas respectivas versões de violência e poder, num paralelo com a contemporaneidade.

Metodologia

A metodologia escolhida para tal projeto foi a de revisão de literatura, exploratória. Desse modo, foram selecionados artigos contendo as seguintes palavras-chave, "*Fake News*", "Violência" e "Contemporaneidade". Nas bases de dados: Lilacs, Pepsic, Scielo e Medline. Foram critérios de inclusão utilizados neste estudo, artigos de 2009 à mais recentes e que dissertem sobre a tipologia da violência das *fake news*. Após a leitura dos títulos dos artigos, notou-se a repetição de alguns e a ineqüação de outros que não preenchiam os critérios definidos anteriormente.

Devido ao pequeno número de artigos restantes, foram utilizados sites externos fora as plataformas supracitadas. Restando um total de 24 referências utilizadas que preenchiam os critérios para utilização neste estudo entre elas revisões bibliográficas, do relatório mundial de violência e saúde produzido pela Organização Mundial da Saúde,

Conceito de violência

Ainda não há um conceito fechado de violência, mas dentre os conceitos mais aceitos, temos o da Organização Mundial de Saúde (OMS), o qual define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.³

É válido observar que nessa definição é utilizada a palavra poder junto do termo força física, como um dos objetos ativos para a realização da violência, fugindo do conceito popular de violência, o qual seguindo Moreira "é o uso da força de alguém para alguém com objetivo de dano", pois quando abordamos a palavra poder, saímos do simples plano concreto e dirigimos os olhares também para o simbólico, no qual a violência também se faz presente, seja como abuso moral, psicológico, por omissão e negligência, dentre outros, podendo gerar um resultado até mesmo mais patológico, que a violência física por si só.

É importante enfatizar que a violência psicológica causa, por si só, graves problemas de natureza emocional e física. Independentemente de sua relação com a violência física, a violência psicológica deve ser identificada, em especial pelos profissionais que atuam nos serviços públicos, sejam estes de saúde, segurança ou educação. Não raro, são detectadas situações graves de saúde, fruto do sofrimento psicológico, dentre as quais se destacam: dores crônicas (costas, cabeça, pernas, braços etc), síndrome do pânico, depressão, tentativa de suicídio e distúrbios alimentares. Como já dito anteriormente, isso significa que a violência psicológica deve ser enfrentada como um problema de saúde pública pelos profissionais que ali atuam, independentemente de eclodir ou não a violência física. (Coelho & Caponi, p.8, 2007)

A conceitualização da OMS(2002) permite questionar não apenas a forma pela qual a violência se manifesta, mas também sua intencionalidade, e os seus impactos para o agressor(es) e para a(s) vítima(s) seja(m) ela(s) direta(s) ou indireta(s). Sobre a intencionalidade dentro do ato de violência, o WRVH⁴ produzido pela OMS (2002) relata que devemos observar os alguns fatores. Primeiramente, mesmo que ocorram atos de violência não intencionais que acabem por produzir ferimentos, a intenção de usar a "força" em determinado ato não significa que há invariavelmente a intenção de causar dano. Desse modo, uma grande disparidade entre o comportamento intencional e a consequência intencional. O agressor pode cometer um ato de forma intencional que, de forma objetiva, pode ser considerado perigoso e, possivelmente, ter resultados adversos para a vítima, mas não o perceber assim. Tal padrão de comportamento é percebido no exemplo relatado por Arendt (p. 17, 1963):

A atitude de Eichmann era diferente. Em primeiro lugar, a acusação de assassinato estava errada: "Com o assassinato dos judeus não tive nada a ver. Nunca matei um judeu, nem um não-judeu — nunca matei nenhum ser humano. Nunca dei uma ordem para matar fosse um judeu fosse um não judeu; simplesmente não fiz isso", ou, conforme confirmaria depois: "Acontece [...] que nenhuma vez eu fiz isso" — pois não deixou nenhuma dúvida de que teria matado o próprio pai se houvesse recebido ordem nesse sentido.

O segundo fator comentado no WRVH(2002), é que se deve distinguir a intenção de ferir e a intenção de "usar violência", a qual é culturalmente determinada, havendo pessoas que querem ferir ou prejudicar outras, mas segundo sua formação cultural e crenças, não consideram seus atos violentos. Por exemplo, bater nos seus dependentes e parceiros(as), atos esses que podem ser vistos por certas pessoas como práticas culturais aceitáveis, mas são considerados atos violentos com importantes efeitos na saúde do indivíduo.

De forma geral, segundo Minayo (2005) a violência é um fato humano e social, não havendo evidências de que alguma sociedade ao longo da civilização humana foi totalmente isenta de violência. Sempre consistindo no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar

³ No Original: "The intentional use of physical force or power, threatened or actual, against oneself, another person, or against a group or community, that either results in or has a high likelihood of resulting in injury, death, psychological harm, maldevelopment or deprivation". Recuperado em: https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_en.pdf. Acessado em: 28/06/2019. tradução do autor.

⁴ World report on violence and health

danos a terceiros, sejam eles indivíduos, grupos e coletividades, o fato de haver sociedades mais violentas do que outras, acaba por evidenciar o peso da cultura no processo de solução de conflitos, de forma que a violência acaba por se tornar histórica, visto que em cada sociedade, dentro de épocas específicas, apresenta suas particularidades. Por exemplo, o modelo de violência social, política e econômica da época colonial brasileira que era manifestada, não é a mesma que se vivencia hoje, num mundo que passa por grandes transformações, ocorrendo então uma atualização da tipologia e manifestação da violência, com o passar dos tempos.

Tipologia da violência contemporânea

Segundo o WRVH (2002) existem poucas tipologias para as violências, não sendo nenhuma muito abrangente. A tipologia aqui proposta pela OMS no WRVH (2002) divide este fenômeno em três categorias, separadas de acordo com as singularidades do agressor perante seu ato: violência autodirigida, violência interpessoal e violência coletiva.

Estas categorias estabelecem entre si as diferenças entre a violência que uma pessoa inflige a si mesma, aquela realizada por outro indivíduo ou por um pequeno grupo de indivíduos e a violência feita por grupos maiores, como estados, grupos políticos organizados, grupos de milícia e organizações terroristas. Estas três grandes categorias são ainda subdivididas, a fim de categorizar ainda mais os tipos específicos do espectro da violência.

Assim, segundo o WRVH (2002), a violência autodirigida está subdividida em comportamento suicida e agressão auto infligida. O primeiro inclui ideação suicida, tentativas de suicídio e suicídios propriamente ditos, enquanto a autoagressão inclui comportamentos de automutilação ou autolesão. Violência interpessoal divide-se em duas subcategorias: a. violência de família e de parceiros íntimos: ocorre principalmente entre membros da família ou entre parceiros íntimos; b. violência na comunidade: entre indivíduos sem relação pessoal, podendo ou não serem conhecidos, geralmente ocorrendo fora dos lares.

O primeiro grupo inclui tendenciosamente formas de violência como abuso infantil, violência entre parceiros íntimos e maus-tratos de idosos. O segundo grupo inclui violência da juventude, atos variados de violência, estupro ou ataque sexual por desconhecidos e violência em instituições como escolas, locais de trabalho, prisões e lares geriátricos.

A violência coletiva, por sua vez, encontra-se subdividida em violência social, política e econômica. E diferentemente das demais categorias, suas subcategorias sugerem possíveis motivos para que ocorram atos de violência por parte de grandes grupos ou por países. A violência social é cometida com o fim de realizar um plano específico, este podendo gerar um grande impacto social o que inclui, por exemplo, crimes de ódio, praticados por grupos organizados, atos terroristas, dentre outros.

A violência política engloba a guerra e conflitos violentos a ela relacionados, violência do estado e atos afins praticados por grandes grupos. Violência econômica inclui ataques de grandes grupos motivados pelo lucro econômico, tais como ataques realizados com o propósito de desintegrar a atividade econômica, impedindo o acesso aos serviços essenciais, ou criando divisão e fragmentação econômica. Sendo certo que os atos praticados por grandes grupos podem conter múltiplas motivações e intenções.

Conceito de fake news

A propagação de notícias falsas ou mentirosas tomou os holofotes da comunidade internacional, passando a serem descritas como *fake news*. Segundo Braga (p. 205 2019) a *fake news* pode ser conceituada como “a disseminação, por qualquer meio de comunicação, de notícias sabidamente falsas com o intuito de atrair a atenção para desinformar ou obter vantagem política ou econômica”.

Em alinhamento com as ideias de Braga, temos a visão de Allcot e Gentzkow (2017) os quais também conceituam a *fake news* como “sinais distorcidos não relacionados com a verdade”. Assim o caráter de abrangência da *fake news* em nossos tempos se dá na medida em se torna possível a inclusão do uso de diferentes formas de comunicação, próprias das atualidades, como propagadoras de informações inverídicas.

Já para Soprana e Varella (2018) “o termo *fake news* está sujeito a interpretações de várias nuances. A depender do contexto, pode significar informação imprecisa, manchete sensacionalista, peça humorística, charge irônica, discurso de ódio ou conteúdo propagandístico” dando a entender que esta é dotada de uma intencionalidade voltada para a possibilidade de enganar o leitor, visto que suas informações são certificadamente falsas.

Em meio a construção das mentiras organizadas rotuladas de *fake news*, e amplamente divulgada pelas pessoas em geral, voltamo-nos para uma questão de “anestesia” moral, o que segundo Ramos (2017) contribui no afastamento da relação do “nós” e os “outros”, o que por sua vez nos aproxima de um regime totalitário e alienado de informações dúbias.

Eis, portanto, alguns dos ingredientes que conduziram à anestesia moral que presidiu a política de extermínio do III Reich: mentira organizada, massas indiferentes à vida pública e à política, in diferença mordaz em relação à morte e desprezo cínico em relação à vida e ao outro.

É válido lembrar que após os escândalos ocorridos sobre a influência das *fake news* no resultado eleitoral norte americano do ano de 2016, a expressão *fake news* veio a ser eleita em 2017, pelo dicionário Collins como a palavra a palavra do ano, designando o significado como “falsa, frequentemente sensacionalista, informação disseminada sob o disfarce de reportagem”⁵.

Pós-verdade

Para entender melhor o conceito de *fake news*, é preciso entender o conceito de pós-verdade, visto que essa terminologia foi sua precursora. Segundo Mereles (2017) o termo pós-verdade existe há mais de uma década, embora o dicionário Oxford tenha percebido uma alta no uso da palavra exatamente no ano de 2016, se referindo principalmente a saída do Reino Unido da União Europeia e das eleições estadunidenses. Além disso, se mostrou bastante usado na forma de termo comum a política, posteriormente adotando a alcunha de pós-verdade nesta área, tendo seu destaque durante os eventos supracitados principalmente devido às diversas notícias falsas que foram publicadas via sites, em páginas de Facebook, Youtube, chamando atenção

⁵ No original: false, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting. Tradução do autor.

como o público as absorveu como verdadeiras exatamente porque gostariam que fossem verdadeiras.

Para Mereles (2017) “um mundo com a pós-verdade é uma realidade em que acreditar, ter crença e fé de que algo é verdade é mais importante do que isso ser um fato realmente”. Desta forma, essa terminologia aparece num período no qual a sociedade internacional de forma ampla propaga mentiras, fofocas e boatos num ritmo acelerado, formando um ambiente global propício para a formação de grupos ideológicos nos quais os integrantes confiam mais uns nos outros do que em qualquer órgão tradicional da imprensa, ou até mesmo das definições de verdades, concebidas pela comunidade científica, se atendo ao conceito de verdade utilizado pelo seu grupo.

Segundo o dicionário Cambridge a definição proposta é a seguinte: “[o que é] relacionado a uma situação em que as pessoas são mais propensas a aceitar um argumento baseado em suas emoções e crenças, ao invés de um baseado em fatos”⁶, consolidando a definição anteriormente referida, ao dizer que a torcida pessoal ou opinião do grupo vale mais do que os fatos, mantendo assim a ideia de bolha social. (Branco, 2017)

Para o psicanalista Christian Dunker (p. 29, 2017), há três traços que marcam discursivamente a pós-verdade:

a. A aceleração, entendida como sendo um “fenômeno da cultura da performance generalizada, derivada do universo da produção e da soberania do resultado”, se referindo ao número demasiado de informações que em muitas vezes acabam dificultando a compreensão cautelosa dos fatos.

b. A retórica icônica desses discursos, grandes quantidades de informação sendo apresentada em blocos, exigindo que a leitura seja feita “toda de uma vez”, o que proporciona, com a mesma intensidade, o domínio da informação e o seu total esquecimento.

c. O traço discursivo, onde a pós-verdade “está muito ligada a certos esquemas de ação e protocolos de funcionamento” (p. 30), evidenciando por meio da pós-verdade o caráter cognitivo das convicções, enquanto traz à tona uma pré-programação de determinados estados de pensamento e seus consequentes esquemas de ação. Ou seja, aqui os discursos de pós-verdade se estruturam, cognitivamente, através de certos esquemas de pensamento os quais orientam, de maneira semelhante todos os “crentes”, o modo padrão de funcionamento dos discursos. Há, desta maneira, uma relação de validade para cada discurso de pós-verdade, de forma que não se obedece ao critério de veracidade epistêmica, mas sim a critérios de racionalidade, como os regimes de convicção.

Ainda para Dunker (p. 38, 2017)

[...] alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa de referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de

fontes. Penso que o fenômeno é mais complexo que isso, pois ele envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira.

Mais uma vez apresentando um alinhamento de pensamento semelhante com o de Braga (2018), onde apesar que parte da informação seja verdadeira, ainda é intrinsecamente compenetrada de interesses e falsidade.

História da *fake news* e da pós-verdade

As *fake news* e a pós-verdades embora sejam bem atuais, não tiveram seu começo na última década, no decorrer da história da humanidade, múltiplas *fake news* foram utilizadas como mecanismo de controle das massas, inúmeros fatos de pós-verdade utilizados para impulsionar essas mesmas, movidos por uma força coletiva, provinda de líderes invisíveis que determinam, os mais diversos aspectos da sociedade, por meio dos atos de propaganda, levando a humanidade a tomar diversas vezes rumos duvidosos, ou até mesmo catastróficos.

Há governantes invisíveis que controlam os destinos de milhões. Geralmente, não se percebe até que ponto as palavras e ações de nossos mais influentes homens públicos são ditados por pessoas astutas que operam por trás das cenas. Nem o que é ainda mais importante, a extensão quais nossos pensamentos e hábitos são modificados por autoridades. (Bernais, p.35, 1928)⁷

Como alguns fatos históricos mundiais, podemos citar os boatos que levaram inúmeras vítimas à morte, por acusação de bruxaria durante a Idade Média, fato este que voltou a se repetir entre 1692 e 1693, na cidade de Salem com a execução de vinte pessoas e a morte em prisão de outras cinco, também pela acusação de bruxaria (Lincolins, 2019). O assassinato de judeus, ainda durante a idade média, pela acusação de serem os responsáveis de envenenar os poços de água, propagando a peste negra para assim serem protegidos por Satã, não contraindo a doença, além de serem acusados de sacrificarem crianças em seus rituais (Lincolins, 2019).

Uma outra *fake news* que teve grande impacto na história do mundo foi o *Protocolo dos Sábios de Sião*, um livro publicado originalmente na Rússia em 1903, que continha supostas atas de uma reunião do fim do século 19, contendo conspirações de como os judeus dominariam o mundo, controlando a imprensa e a economia mundial. O conteúdo foi traduzido para vários idiomas tendo uma grande propagação no passado. Com a Ascensão nazista em 1933, o conteúdo foi usado como propaganda contra os judeus.

Com a Alemanha inflamada pelos ideais partidários de Adolf Hitler, difundidos por meio do Ministério de propaganda, comandado por Goebbels, cuja a frase célebre “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade.” se faz presente até hoje (Araujo, 2018, p.58) apoiou massivamente os princípios

⁶ No original: relating to a situation in which people are more likely to accept an argument based on their emotions and beliefs, rather than one based on facts. Tradução do autor.

⁷ No original: There are invisible rulers who control the destinies of millions. It is not generally realized to what extent the words and actions of our most influential public men are dictated by shrewd persons operating behind the scenes. Nor, what is still more important, the extent to which our thoughts and habits are modified by authorities. BERNALS. Edward. Propaganda. P.35. Tradução do autor.

de seu líder, dentre os quais fazia-se presente o ódio antisemita, princípio este que cresceu rapidamente, promovido pelo regime nazista, propagando ele forma intensa e repleta de *fake news*, através de programas de rádio, jornais, filmes, dentre outros, movimentando o povo por meio de sua paixão nacional extremista, característica essa, comum da pós-verdade. Em meio a essas *fake news*, e de tanta desinformação surgem os princípios de bolhas psicossociais (Moura, 2018, p.42)

Os rumores são uma importante forma de comunicação social, e a sua disseminação tem um papel significativo numa variedade de relações humanas. A disseminação de rumores pode moldar a opinião pública num país, impactar fortemente os mercados financeiros, e causar pânico numa sociedade durante guerras ou surtos de epidemias. O conteúdo informativo dos rumores pode ir desde o simples boato até propaganda avançada ou material de marketing. Os mecanismos de rumor formam a base do fenômeno do marketing viral, onde as empresas exploram as redes sociais dos seus clientes na Internet de forma a promoverem o seu produto através da chamada “palavra-de-e-mail” e da “palavra-da-web”. Finalmente, os rumores formam a base de uma importante classe de protocolos de comunicação, chamados algoritmos de boato, que são usados para disseminação em grande escala de informação na Internet, e em aplicações de partilha de ficheiros *peer-to-peer* (Moreno et al, 2007, pp. 457-470).⁸

Segundo Moura (P.42-43) essas bolhas psicossociais coexistem de forma fracionada, dentro da esfera pública, essa sendo o espaço de diálogo e participação política das pessoas que compõem a sociedade. Entre os espaços encontrados dentro desta, há a esfera política, sendo mais fechada que a anterior. Considerando que é domínio da esfera pública que a sociedade forma a opinião sua opinião, visto que este é de forma propicia um espaço de discussão e tomada de decisão. Esta esfera necessita da participação de meios intermediários, sendo estes os mecanismos de comunicação de massas, que por sua vez constroem a ligação entre a esfera pública, a esfera privada e a esfera política.

Atualmente com o advento da globalização por meio da internet, se tornou facilmente possível pôr em contraposição às sociedades fechadas, visto que agora as informações são acessíveis a qualquer indivíduo, se considerarmos a ideia de que “a Internet compreende um espaço público sem intermediários ou reguladores institucionais, possibilitando novas maneiras dos sujeitos conviverem, pensarem e se manifestarem.” (Medeiros, 2013, pp. 27-28). Atravessado com o pensamento de Medeiros, Moura (2018, p. 43) diz que “a internet e as redes sociais não são mais do que uma extensão dessa esfera pública, “sendo um novo espaço social reconfigurado, apresentando com novas regras para a interação da massa e novos preceitos para a normativa social, que vem se desenvolvendo por meio da fobia aos processos “desinformativos”.

Efeitos da *fake news* e a violência na contemporaneidade

Como um dos efeitos históricos das *fake news* na sociedade, também propiciado pelo avanço tecnológico, temos segundo Recuero (2009) a criação de microesferas públicas, visto que as redes sociais fragmentaram-se ideologicamente, se reconstituindo em “bolhas” onde apenas algumas opiniões e ideias transitam com liberdade, de forma que mesmo dentro das comunidades virtuais, essas que são pequenas esferas sociais, onde o espaço de debate mesmo que democrático, se torna fechado, ambiente este mais que propício para a reprodução de fatos de pós-verdade, que por sua vez potencializam o processo de radicalização das pessoas que estão dentro dessas bolhas, promovendo ainda mais as *fake news*.

Com a radicalização das pessoas introduzidas nessas bolhas, vem ocorrendo em seu introspecto a polarização dessas microesferas, e em um mundo tão polarizado, esse antagonismo, faz com que a sociedade se inflame como outrora a Alemanha durante o regime nazista, Segundo Moura (2018, p. 43), como essas pessoas não se confrontam com opiniões diferente a delas, suas crenças pessoais se polarizam cada vez mais. E não acontece apenas nas redes sociais, mas em toda a internet por meio de algoritmos, que se constroem de forma personalizada, com o fim de que usuário possa ter acesso fácil aos conteúdos que já lhe interessam.

Assim mais uma vez pondo em voga a frase de Goebbels, porém alinhada com o pensamento de Braga (2019, p.205) acerca da temática na contemporaneidade “se uma mentira repetida mil vezes se torna verdade, com o advento da internet uma mentira pode ser repetida, cantada, recitada, filmada e fotografada um milhão de vezes, atraindo a atenção de um grupo incontável de usuários que buscam informações na internet”, com a crescente busca pela “verdade”, contida em um oceano de informações, a única ferramenta segura a ser utilizada é o pensamento crítico apolar, em encontra a busca genuína pela informação, mesmo que ela seja contradita as opiniões pré-formadas detidas pelo seu interlocutor.

Em meio ao processo de alienação das microesferas, acabamos por vezes aderindo de forma patológica ao princípio do mal-estar na civilização trazido por Freud (1930, pp. 48-49), segundo o qual, ao trocar nossa liberdade por segurança, agimos de forma violenta contra nossos princípios (auto-violência) na intenção de se manter seguro e tendo sensação de validação fornecida, por essa microesfera.

Numa neurose individual, tomamos como nosso ponto de partida o contraste que distingue o paciente do seu meio ambiente, o qual se presume ser ‘normal’. Para um grupo de que todos os membros estejam afetados pelo mesmo distúrbio, não poderia existir esse pano de fundo; ele teria de ser buscado em outro lugar (1930, p. 48).

Traçando um paralelo entre a micro e macrofísica do poder de Foucault (1987, p. 288) com o conceito de violência contemporânea e pós-verdade,

⁸ No original: Rumours are an important form of social communications, and their spreading plays a significant role in a variety of human affairs. The spread of rumours can shape the public opinion in a country [1], greatly impact financial markets [2,3] and cause panic in a society during wars and epidemics outbreaks. The information content of rumours can range from simple gossip to advanced propaganda and marketing material. Rumourlike mechanisms form the basis for the phenomena of viral marketing, where companies exploit social networks of their customers on the Internet in order to promote their products via the so-called ‘word-of-email’ and ‘word-of-web’ [4]. Finally, rumour-mongering forms the basis for an important class of communication protocols, called gossip algorithms, which are used for large-scale information dissemination on the Internet, and in peer-to-peer file sharing applications. Nekovee, A., Moreno, Y., Bianconic, G., Marsilic, M., Theory of rumour spreading in complex social networks. in *Physica A*, vol. 374. 2007, pp. 457–470. Tradução do autor.

pode-se dizer que, de forma ampla, a sociedade se institucionalizou dentro dessas esferas públicas, isto por meio de uma violência auto infligida à sua liberdade plena, via técnicas disciplinares atuais, e já integrado com o meio no qual está inserido. Assim, passa a atuar de forma macro em seu meio, sendo mais que apenas integrante da sua verdade, mas propagador e senhor da mesma, determinando assim realidade dela para os outros, como uma forma de violência interpessoal.

As técnicas disciplinares, por sua vez, fazem emergir séries individuais: descoberta de uma evolução em termos de “gênese”. Progresso das sociedades, gênese dos indivíduos, essas duas grandes “descobertas” do século XVIII são talvez correlatas das novas técnicas de poder e, mais precisamente, de uma nova maneira de gerir o tempo e torná-lo útil, por recorte segmentar, por serialização, por síntese e totalização. Uma macro e uma microfísica do poder permitiram, não certamente a invenção da história (já há um bom tempo ela não precisava mais ser inventada), mas a integração de uma dimensão temporal, unitária, cumulativa no exercício dos controles e na prática das dominações (Foucault, 1987, p. 186).

Num último paralelo teórico contemporâneo, analisa-se a partir do conceito de banalidade do mal, de Arendt: refere-se àquele no qual o agressor realiza o ato sem a intencionalidade do fim útil de prejudicar o outro, sendo apenas uma ferramenta a ser utilizada, pelos “governantes invisíveis” (Bernais, 2017, p.35), classificando assim uma violência social, é um mal realizado sem se ter um pensamento crítico e reflexivo, ignorando as possíveis consequências de seus atos, ignorância esse fruto de uma consciência alienada e subserviente a qual não realiza o exercício do pensar. Esse nos faz mais que humano, nos faz pessoas e segundo Arendt “maior mal perpetrado é o mal cometido por ninguém, isto é, por um ser humano que se recusa a ser pessoa” (Arendt, Hannah, 2008. apud. Tassarolo. Felipe, 2016. sobre a banalidade do mal.)

Considerações finais

Por meio desta pesquisa, observamos que as *fake news* podem se enquadrar em todas as categorias tipológicas da violência contemporânea, apesar de não apresentar um sentido fixo de enquadramento, isso visto a fluidez pela qual a temática transita nas categorias tipológicas atuais. É possível inferir acerca da importância do pensamento crítico como fator humanizante, sobretudo em tempos de conflitos e guerras, e também como esse fator vai se perdendo e se reconstruindo no decorrer da história humana.

Ao longo desta investigação verificou-se que a história da violência está intrinsecamente conectada com a história da comunicação e da tecnologia. Assim, ao avançar de uma delas, a tríade toda tende a se descolar rumo ao novo, em consequência desta nova vertente conceitual e de produção, fortalecendo assim os laços que unificam suas histórias de maneira associativa. Como consideração final, registra-se aqui que em relação à temática da *fake news* foi constatado que ainda se faz necessário um maior aprofundamento do tema por meio de produções acadêmicas nacionais, visto a disparidade da proporção de artigos nacionais com o tamanho dos impactos causados por esse tema na realidade social brasileira.

Referências

- Adorno, S. (2013). *A banalidade da violência contemporânea: o problema da anestesia moral*. pp. 79-101. Recuperado em 30 de junho de 2019, de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3484013/mod_resource/content/1/Eichmann%20em%20Jerusal%C3%A9m%2050%20anos%20depois%20Cap.%20S%C3%A9rgio%20Adorno%20pp%20pb.pdf.
- Allcott, Hunt; Gentzkow, Matthew. (2017), P. 213, Apud Araujo, Felipe, 2018, P. 55. *As fake news e os desafios da liberdade de expressão*, 2018. Recuperado em 29 de junho de 2019, de: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192590/TCC_Felipe_Molenda_Araujo.pdf?sequence=1&isAllowed=y.
- Arendt, Hannah. (1963). Pg 17. *Eichmann em Jerusalém / Hannah Arendt*; tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- Arendt, Hannah, (2008). Apud. TESSAROLO. Felipe, (2016). Sobre a Banalidade do Mal. 2016. *Jornal de Debates*. Edição 886. Recuperado em 03 de julho de 2019, de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/sobre-a-banalidade-do-mal/>.
- Bernais, Edward. (2017) *Propaganda*. P.35. Recuperado em 02 de julho de 2019, de: <https://www.pdf-archive.com/2017/01/17/edward-bernays-propaganda-1928/edward-bernays-propaganda-1928.pdf>.
- Botelho, José. (2016). *Quem descobriu o Brasil*, Recuperado em 02 de julho de 2019, de: <https://super.abril.com.br/historia/descobridores-do-novo-mundo/>.
- Braga, Renê. (2018). *A indústria das fake news e o discurso de ódio*. Recuperado em 30 de junho de 2019, de: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4813>.
- Branco, S. (2017). *Fake News e os Caminhos para Fora da Bolha*. Recuperado em 30 de junho de 2019, de: http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/4758/2017_branco_fake_news%20_caminhos.pdf?sequence=1.
- Conceito de Fake News segundo o Dicionário Collins (2019). Recuperado em 30 de junho de 2019, de: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news>.
- Conceito de Pós-Verdade segundo o dicionário Cambridge (2019). Recuperado em 30 de junho de 2019, de: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/post-truth>.
- Dunker, Christian. (2017). *Subjetividade em tempos de pós-verdade*, P. 29. In: Dunker, Christian et al. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre/São Paulo: DUBLINENSE.
- Fake News é eleita palavra do ano e ganhará menção em dicionário britânico. (2017) Recuperado em 30 de junho de 2019, de: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695#orb-banner>.
- Foucault, Michael. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhe. p. 288. Recuperado em 03 de julho de 2019, de: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf.
- Freud, Sigmund. (1930). *O Mal-Estar na Civilização*. pp.48-49, Recuperado em 03 de julho de 2019, de: [http://www.desenredo.com.br/0%20Mal-Estar%20na%20Civilizacao%20%20\(Sigmund%20Freud\).pdf](http://www.desenredo.com.br/0%20Mal-Estar%20na%20Civilizacao%20%20(Sigmund%20Freud).pdf).
- IHU. (2009). Redes sociais são grupos de atores, Entrevista com Raquel Recuero. *Revista IHU On-Line*. Recuperado em 02 de julho de 2019, <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/23660-redes-sociais-sao-grupos-de-atores-entrevista-com-raquel-recuero>.
- Lincolins, Thiago. (2019). *Boatos que matam: os 10 casos mais destrutivos de fake news na história*, Recuperado em 02 de julho de 2019, <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/10-fake-news-historia.html>.
- Medeiros, Jackson. (2013). *Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política*. p.27-28 Recuperado em 02 de julho de 2019, em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v25n1/a03v25n1.pdf>.

-
- Mereles, Carla. (2017). *Notícias falsas e pós-verdade: o mundo das fake news e da (des)informação*. Recuperado em 30 de junho de 2019, em: <https://www.politize.com.br/noticias-falsas-pos-verdade/>.
- Moreira, Raquel. (2012). *A designação de violência em dicionários de língua Portuguesa*. Recuperado em 27 de junho de 2019, em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/6752/4074>.
- Moura, Zita. (2018). *Da mentira que se quer verdade: fake news, uma velha chaga em novos tempos*, P.42. Recuperado em 29 de junho de 2019, em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/82557>.
- Nekovee, A., Moreno, Y., Bianconic, G., Marsilic, M. (2007), *Theory of rumour spreading in complex social networks*. Recuperado em 03 de julho de 2019, de: <http://leonidzhukov.net/hse/2015/socialnetworks/papers/Nekovee2007.pdf>.
- Organização Mundial da Saúde. (2002). *World report on violence and health*, p.23. Recuperado em https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_en.pdf. Acessado em 30 de junho de 2019.
- Paiva, Vitor. (2018). *8 Fake News que mudaram o curso da história antes da era Trump*. Recuperado em 02 de julho de 2019, de: <https://www.hypeness.com.br/2018/08/pega-na-mentira-8-fake-news-que-mudaram-o-curso-da-historia-antes-da-era-trump/>.
- Ramos, D. (2017). *A violência a partir do número e suas modelizações: mapeamento inicial*. Recuperado em 30 de junho de 2019, de: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0279-1.pdf>.
- Silva, L. Coelho, E. Caponi. N. (2007). *Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica*. Recuperado em 27 de junho de 2019, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000100009.
- Soprana, Paula; Varella, Gabriela. (2017). *Ecos da guerra aos fatos: Políticos e governantes de todo canto do mundo repetiram em 2017 o mantra de Donald Trump e classificaram reportagens e fatos de fake news*. Recuperado em 29 de junho de 2019, de: <https://epoca.globo.com/tecnologia/experiencias-digitais/noticia/2018/01/ecos-da-guerra-aos-fatos.html>.

A revolução do processo: os afetos e o devir revolucionário

The process's revolution: the affects and the revolutionary devir

Carolina Licks Carvalho¹

Resumo: Este trabalho caminha pelas conversas sobre resistência, devir-revolucionário e os processos onde escapam as linhas duras de movimentos sociais. Junto das paralizações dos professores do Centro Universitário Metodista em abril e maio de 2018, um movimento estudantil construiu espaços de diferença em uma instituição endurecida e que vêm sofrendo desmanches significativos. Nesse sentido, os objetivos deste trabalho foram mapear os afetos que se engendraram dentro do movimento estudantil, cartografar as linhas de fuga e os devires revolucionários que deram vida a um espaço onde movimentos de luta não costumavam acontecer. Movendo-se por processos cartográficos e genealógicos, a metodologia dá-se por cartografar caminhos que escaparam, que fizeram fugir as linhas duras desse movimento estudantil. Nesse sentido, o texto se torna parte desse processo de resistência também. Ainda assim, é um trabalho feito com arte, criação e invenção; referenciada em uma escrita teatral; não se propõe a trazer grandes verdades nem conclusões; o texto é parte do encontro da autora com o movimento estudantil e com seu processo de escrita, dando vazão para os atravessamentos implicados. O movimento estudantil dentro do IPA construiu processos revolucionários - outros nem tanto -, fez-se grandioso por meios minoritários de resistência, tentou traçar também caminhos cristalizados de linhas duras e fez fugir pela diferença. A esse texto interessa o meio, o entre, a duração, pois, alinhado às perspectivas pós-estruturalistas, sobretudo à filosofia de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, a revolução não está no produto final, mas no processo.

Palavras-chave: Devir-revolucionário; Afetos; Resistência; Movimento estudantil; Cartografia.

Abstract: This work goes through the conversations about resistance, revolutionary devir and the processes where the hard lines of social movements escape. Along with the paralyzes of the teachers of the Centro Universitário Metodista IPA, in April and May of 2018, a student movement made to construct spaces of difference in a hardened institution and that has been suffering significant disruptions. In this sense, the objectives of this work were to map the affections that were engendered within the student movement, to map the lines of scape and the revolutionary's devir that gave life to a space where fighting movements did not usually happen. Moving through cartographic and genealogical processes, the methodology is based on mapping out paths that have escaped the hard lines of this student movement. In this sense, the text becomes part of this process of resistance as well. Still, it is a work done with art, creation and invention; referenced in a theatrical writing; it does not propose to bring great truths or conclusions; the text is part of the author's encounter with the student movement and its writing process, giving vent to the involved crossings. The student movement within the IPA built revolutionary processes - others not so much -, made great by minority means of resistance, tried to also trace crystallized paths of hard lines and made escape by difference. This text concerns the medium, the between, the duration, because, aligned with the poststructuralist perspectives, especially the philosophy of Gilles Deleuze, Félix Guattari and Michel Foucault, the revolution is not in the final product, but in the process.

Keywords: Revolutionary devir; Affects; Resistance; Student movement; Cartography.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Metodista – IPA. E-mail: carol.licks@gmail.com .

Prólogo

Ao ler esse prólogo, tu irás perceber que ele pouco se parece com um prólogo. Assim como esse trabalho irá pouco se parecer com um trabalho de conclusão de curso. Tudo bem, explico-te logo sobre isso. É que os acontecimentos que serão cartografados, os devires revolucionários, as linhas de fuga e os afetos alegres que serão mapeados não dão conta de serem escritos nos modos acadêmicos mais comuns – até poderiam, mas confesso que não me interessa em simplificá-los às discussões puramente teóricas. Há de se usar da arte, de se criar algo novo, justamente porque a potência de toda duração – daquilo que se sente, não da quantidade tempo, como pontuado por Bergson – que tentarei traçar neste trabalho é muito sensível para “apenas” elucidarções intelectuais.

Desse modo, retifico então, que este será um trabalho escrito com arte, se propõe a ser parte do rizoma como “a grama: ela transborda de tanto ser sóbria. Ela brota entre: é o próprio caminho.” (Deleuze & Guattari, 1995) – que teve uma grande expansão nos períodos das greves dos/as docentes do Centro Universitário Metodista – IPA – que compõe o movimento estudantil do qual decidi escrever. A proposta é a seguinte: uma peça teatral; não necessariamente uma peça teatral em seu modelo, mas uma criação referenciada em uma escrita teatral. Aliás, como a escrita também faz parte desse processo criativo, é bem possível que a proposta não aconteça exatamente dentro dos moldes do que se espera de uma peça teatral, afinal de contas, não estipulei moldes, assim como o movimento estudantil dentro do IPA não o fez. O texto será composto em três atos, parecido como uma peça de teatro. Em cada ato temos as cenas, e em cada cena temos pausas, onde algumas personagens dialogam mais diretamente com quem está lendo. Mesmo assim, sintam-se à vontade para conversar com o texto em qualquer momento.

Ora, nesse momento, convido-te a ler esse texto deixando-se levar pela história que é vivida ao ler, que foi vivida ao cartografar e que se viveu durante as cenas, sim, com todos esses atravessamentos. É importante lembrar que o texto é atravessado por elementos virtuais e suas atualizações, denotando a presença do plano da imanência durante todo processo de escrita. Aqui entendemos esses termos a partir da ideia de que

“O presente é um dado variável medido por um tempo contínuo, ou seja, por um movimento que se supõe em uma única direção: o presente passa à medida que esse tempo se esgota. É o presente que passa, que define o atual. Mas o virtual aparece, por seu lado, em um tempo menor do que aquele que mede o mínimo de movimento em uma direção única. Por isso o virtual é “efêmero”. (Deleuze & Parnet, 1998)

Ainda assim, faz sentido retomar a importância da experimentação da leitura. Justamente porque esse trabalho não se propõe a ter um início, um meio e um fim; não tem a intenção de trazer uma conclusão e muito menos explicações e convicções sobre o que se deu dentro do IPA no primeiro semestre de 2018. A esse texto importa o entre, o meio, a duração, e percebe, tudo isso faz parte desse rizoma, inclusive a tua leitura. Por isso, não fiques triste ou decepcionado/a: não haverá moral da história; muito menos respostas e/ou soluções ao final. O que há é o processo, incessante processo.

Meu convite é a ti, pessoa que me lê, saibas que a partir de agora, em certa medida, farás parte do movimento estudantil supracitado, e espero que consigas saborear as experimentações todas que serão cartografadas e mapeadas. Pronto, agora podemos começar.

Primeiro ato

Os barulhos da multidão

Cena 1 – Estamos no campus central do Centro Universitário Metodista – IPA, bairro nobre de Porto Alegre – seja lá o que isso quer dizer. Um lugar silencioso e bonito, quanto mais na perspectiva da natureza: são muitas árvores, essas centenárias – assim como a Instituição elas compõem. Alguns prédios de arquitetura mais contemporânea e um grande prédio, aquele principal, o Prédio A (ele se parece muito com o Pantheon de Roma) e exatamente a sua frente, na sua saída principal, uma escadaria. Todos os caminhos do campus central levam ao Prédio A; ao se entrar pela entrada principal a primeira visagem é de muitas árvores, bancos e muitas calçadas que chegam até a escadaria do prédio (aos moldes europeus, essa distribuição lembra muito). É uma terça-feira letiva, final de tarde, a escadaria do Prédio A é ocupada por estudantes de todas idades, cursos e semestres possíveis. O plano de fundo é que os/as docentes dessa Instituição haviam começado a trazer à tona as situações que vinham acontecendo já há algum tempo. No dia anterior, segunda-feira, os/as docentes em reunião no Sindicato decidiram pelo indicativo de greve. E o que acontece, é o que vamos chamar de Multidão (mais a frente na história entraremos nesse conceito de modo mais profundo).

(Ainda mais cedo, estudantes de cursos diferentes confeccionam cartazes que denunciam os problemas da instituição que estudam. E um, em especial, bem grande e feito com um tecido, dizia a seguinte frase: “SE O IPA NÃO MUDAR, OS ESTUDANTES VÃO PARAR”).

Pausa na cena, a árvore do canto começa a cochichar:

Os encontros narrados nessa cena dão conta de figurar três conceitos: Sociedade de Controle; Governamentalidade e Multidão. São três conceitos muito válidos para discussões que envolvem os movimentos sociais, pois importam-se em traçar reflexões que vão para além do plano macro, que colocam no debate aspectos sociológicos e filosóficos significativos para processos genealógicos e cartográficos.

(Volta a cena)

Havia algumas pequenas combinações – entre poucos/as estudantes – referentes a esse encontro. Estudantes e representantes de centros acadêmicos sentiram a responsabilidade de mostrarem suas incomodações quando souberam dos atrasos salariais dos/as docentes. Mesmo com essa combinação, o que não se esperava era a quantidade de pessoas juntas naquele lugar. O que causa comoção é também a presença do grupo de estudantes da Universidade do Adulto Maior (UAM), pessoas mais velhas que também estudam ali, com cartazes “GREVE ATÉ A VITÓRIA” e flautas fazendo barulho. Era quase 18h quando o cartaz, aquele maior, chega em frente ao prédio, todas pessoas ali aplaudem e gritam “é isso aí”. Algumas pessoas puxam gritos de guerra “o professor é meu amigo, mexeu com ele, mexeu comigo”; “o IPA quer transparência”, etc. A partir desse momento, cada pessoa que chega ao campus e vê aquela movimentação toda, junta-se, aplaude junto, emociona-se. Muitas pessoas ainda nem sabem o que está acontecendo,

fazem interrupções e pedem explicação, nesse momento faz-se algumas falas, explica-se alguns fatos e abre-se a passagem de uma ata para assinatura que mostra o descontentamento dos/as estudantes com sua instituição de ensino e em favor do movimento dos/as docentes. Ali mesmo decide-se em conjunto a proposta de todos/as fazerem uma caminhada que percorre todo um círculo em volta do Prédio A, e que se finda no centro do prédio C para falas. Agora tem-se instrumentos de bateria, gritos de guerra e uma Multidão.

Essa aglomeração toda faz rebater muitos sentimentos, uma intensidade tamanha e muito estranha (a cada um/a, ao IPA, e ao Prédio A).

As movimentações são cheias de olhares, toques e pensamentos que dizem: - Não sei o que está acontecendo exatamente, mas nem preciso saber por exato, os/as docentes sem receber seus salários e um indicativo de greve, fazem eu me movimentar.

(O Prédio A sente, em suas escadas e com os sons que ecoam nas movimentações, as forças e as energias das pessoas que se juntam ali, são movimentos estranhos a ele. Um prédio, acostumado com o silêncio, com os passos apressados de estudantes atrasados para suas aulas, com as atividades administrativas e diplomáticas prestadas na Reitoria, na Coordenação de Graduação, no Auditório. Já vinha incomodando-se com algumas mudanças, sobretudo ao curso de Música, que viera fazer parte de sua estrutura há mais ou menos um ano, trazendo sons e experiências diversas ao de costume, um espaço que estava sendo atravessado por acontecimentos que as linhas de segmentaridade dura de Deleuze e Parnet (1998) nada gostam.)

Pausa na cena, a árvore do outro canto começa a cochichar:

Ainda na segunda metade do século passado, Foucault (1999) analisara a sociedade da opacidade do poder e transparência dos indivíduos: a Sociedade Disciplinar. Onde esses indivíduos estão sendo observados pelas instituições totais a todo momento (como a imagem do Panóptico) com as punições prontas a serem aplicadas caso alguém desobedeça: a sociedade da obediência e do enclausuramento em sua magnitude. Os processos disciplinares se aplicavam para todas instituições (família, escola, fábrica, hospital, prisão, etc), em que os sujeitos são constituídos corpos dóceis de Foucault (1993), onde se sabe exatamente quem o governa e quem o pune.

Entretanto, é perceptível que não se vive mais uma sociedade inteiramente disciplinar, assim como afirma Deleuze (1992) "Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. [...] São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares" (p.1). Nesse caso, pode-se perceber algumas diferenças entre essas Sociedades quando nas sociedades de controle a governamentalidade se dissipa em múltiplas instâncias e já não se sabe ao certo quem governa.

Costa (2004) quando fala sobre Sociedade de Controle reitera que "[o] poder hoje seria cada vez mais ilocalizável, porque disseminado entre os nós das redes. Sua ação não seria mais vertical, como anteriormente, mas horizontal e impessoal" (p. 2). Essas transformações configuram novos modos de vida do sujeito contemporâneo, assim como os seus processos de subjetivação, nesse sentido "[o] controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado" (Deleuze, 1992, p. 3).

(Volta a cena)

Ao mesmo passo o Prédio A, enquanto a movimentação das pessoas faz por ele um círculo, ele observa com atenção como aquilo tudo não faz parte de sua instituição (até um pouco irritado), como alguém que diz: - Tem algo errado, tem algo muito errado. Isso não faz parte do meu funcionamento, não é assim que sou.

São muitas pessoas, todas elas gritam juntas, caminham pelo campus, seus corpos demonstram a intensidade e a mistura dos sentimentos, mas é quase impossível encontrar palavras que alinhem uma explicação do que está acontecendo. Já as pessoas que observam a movimentação variam em reações, muitas sorriem (contentes com o que veem), outras desviam o olhar, algumas aplaudem, filmam, etc.

Pausa na cena, a árvore da frente do Prédio A começa a cochichar:

Ao pensar, portanto, nos movimentos sociais mais contemporâneos, percebe-se suas diferenças com relação às características dos movimentos sociais com longa trajetória. Nas últimas décadas os movimentos sociais tomaram forças diversas, com motivos profusos, objetivos múltiplos e os sentimentos plurais. Diferenciando-se dos movimentos do século passado, as ruas são tomadas por pessoas que nunca foram ligadas ao espaço público como lugar para reivindicar suas angústias políticas, pessoas que ocupam o mesmo espaço público de reivindicação, mas com demandas diferentes, esses "os novos movimentos sociais, a princípio, não incorporam utopias grandiosas de emancipação social que exijam clareza político ideológica" (Harvey et al., 2015, p.36). Essa diferenciação dos movimentos caracteriza as mudanças às necessidades de uma sociedade de controle.

(Volta a cena)

Mesmo com aula, quase todos/as alunos/as decidem ficar em frente ao prédio A, em suas escadarias, conversando e debatendo sobre as situações que estão aparecendo. A ata terminou a noite com mais de 300 assinaturas de estudantes. No dia seguinte, o início da greve dos/as docentes.

Última pausa na cena, a árvore do canto começa a cochichar:

É nesse contexto que o movimento estudantil do IPA expande suas forças. Dentro de uma instituição centenária, onde os movimentos sociais ainda não tinham sido realidade, os/as estudantes do primeiro semestre de 2018 experienciam as potências que se atravessam ali. O que acontece na cena apresenta "as singularidades, os coletivos de resistência, a multidão [...]", que aparecem como "processos aberrantes, monstruosos, difíceis de capturar" (Carvalho, 2016, p.13). São, portanto, as faíscas de potência que estalaram em todos/as que viveram aquela cena (inclusive, arrisco-me a dizer que essas faíscas ainda estalam).

Dessa forma, aos agenciamentos coletivos de enunciação de Deleuze e Parnet (1998), experiencia-se um lugar diferente. Um lugar que, para aquela duração foi Multidão, estranhou e estranhou-se, não quis se cristalizar.

A utopia que se entrevê nesse tom a um só tempo cáustico e terno não configura um contorno geométrico acabado com cores de um outro mundo, mas apenas prolonga as linhas de força já presentes neste mundo, em um telos coletivo e experimental da multidão (Pelbart, 2002, p.3).

Sendo assim, as intensidades inclassificáveis que são estranhadas pela instituição (e, na cena, também pelo Prédio A) são os barulhos da multidão que se espalharam pelo IPA. Esses barulhos, que “dessilenciam” o campus quieto, que amolecem a dureza da instituição, que desobedece a governamentalidade. Os barulhos da resistência, da desordem, da potência, do inclassificável, os barulhos da Multidão.

Segundo ato

A militância alegre

Cena 2 – Agora estamos no saguão dentro do Prédio A. Entre a Coordenadoria de Graduação e a Reitoria. Estudantes que se encontraram dentro do IPA poucos dias antes, agora compartilham quase todos os dias de greve juntos/as. Entre atos, falas, reuniões com diferentes autoridades, assembleias internas, entrevistas para jornais: os momentos de confecção de cartazes.

Esses momentos acontecem constantemente, haja visto a reações da instituição em sempre arrancarem os cartazes colados pelos/as estudantes no campus. Assim como mágica, menos de uma hora depois que os/as alunos/as colam os cartazes, eles desaparecem.

Pausa na cena, a árvore do canto volta a cochichar:

Quando pensamos no modo dialético, platônico e cartesiano que funciona nas sociedades historicamente e contemporaneamente, percebemos os afetos sempre divididos do pensamento racional. A binariedade pertence ainda às divisões mente/corpo, razão/emoção, pensamentos/sensações, etc. Essas compreensões dão sustentação para os modelos e ideais platônicos que permanecem sempre nos modelos que se deve tentar buscar, embora se saiba também que os modelos são inalcançáveis. Esses modos transcendentais de funcionamento da vida estão presentes desde a época de Platão até hoje, muito estratificados nos modos de subjetivação atuais. Dessa forma, é possível entender os afetos e as relações mais sensíveis ao corpo (sem diferenciação e/ou divisão mente-corpo) foram, e em certa medida ainda são, excluídos dos movimentos de luta.

(Volta a cena.)

Outra pausa, essa dramática, na cena. Os bancos da frente do Prédio A começam a conversar entre si:

Banco 1 – O Prédio A é – também – a imagem do IPA.

Banco 2 – É também o primeiro e mais importante prédio do IPA, nele fica instalada a Reitoria, a Coordenadoria de Graduação e o maior Auditório da instituição.

Banco 3 – Não podemos esquecer que a instituição foi crescendo em volta do Prédio A, fisicamente e subjetivamente.

Banco 2 – Sim, o Prédio A é quem vive o IPA desde o seu nascimento.

Banco 1 – O Prédio A é essa incessante reiteração e construção de linhas de segmentaridade dura (não à toa a escrita e a leitura dessa parte da história parece ser tão endurecida, frases curtas e cheia de pontos finais). O Prédio A vê tudo que acontece no IPA, o tempo inteiro (ou, pelo menos, parece ser o tempo inteiro para aqueles que ficam no entorno dele, não há como verificar se essa observação é constante.

Banco 3 – Sob um olhar do plano macro, acontece assim como o Panóptico de Foucault (1993). Entretanto, ele não se basta a esse aspecto, ainda que disciplinar, o Prédio A se dissolveu à tecnologias e mecanismos de controle por todo o IPA. Nós sentimos isso. E isso denota a ele, portanto, dispositivos capazes de construir muros institucionais invisíveis por todo campus, tentando fazer funcionar tudo dentro da ordem, tudo sob controle – pelo menos quase tudo.

Banco 2 – Ele já vem há algum tempo incomodando-se com a questão do curso de Música que foi realocado de outro campus para dentro do Prédio A, lembram?

Banco 1 – Sim, o prédio mais silencioso do campus central recebe um dos cursos mais barulhentos. Se a gente se incomoda aqui de “fora”, imaginem para ele.

(Feita a pausa. Voltamos para o saguão do Prédio A.)

Aliás, ele que já desconfortável com os sons constantes do curso de música, desde aquela terça-feira com os barulhos da multidão, vêm percebendo fortes sensações. As intensidades das emoções que acontecem no dia a dia durante uma paralisação de docentes (consequentemente das aulas) além de inesperadas, são surpreendentes. O campus central do IPA foi ocupado de maneiras novas e inusitadas. Para além da sala de aula, do Auditório, do Centro de Atendimento ao Aluno, da Biblioteca, do refeitório, o IPA estava sendo utilizado de maneiras novas. O que era uma escadaria, transformou-se em uma grande sala de assembleias e principal ponto de encontro entre os/as estudantes.

Isso tudo incomodava bastante o Prédio A, é como se ele fosse, a todo momento, questionado de suas funções e de sua identidade. Para ele, alunos/as deveriam estar em suas salas de aula ou esperando pelas aulas. Se não havia aula, não haveria de ter estudantes, muito menos estudantes que estavam ali para questioná-lo, com olhares atentos às falhas. Como se, aos poucos, os estudantes furassem delicadamente os dutos do Prédio, causando pequenas infiltrações.

Pausa na cena, a árvore da frente cochicha:

Não obstante, para falar de resistência, dentro da perspectiva não binária nem de oposição, é preciso entender também o poder como algo relacional, implicado em uma grande rede de relações que se transversalizam. O convite é para entender as relações de poder como parte importante na compreensão sobre as imbricações das resistências em movimentos sociais. Ao passo que os processos foram tomando caminhos binários, o próprio movimento foi resistindo também a isso, Foucault (1988) reflete sobre isso quando diz “onde há poder, há resistência” (p. 91). Nesse sentido, ainda parece ser importante destacar o modo como Foucault (1988) compõe resistências e relações de poder:

[...] não existe, com respeito ao poder, um lugar da grande Recusa — alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder (Foucault, 1988, p. 91).

Resistências, portanto, configuram-se como irregulares, transitórias e móveis provocando rompimentos e transformações na sociedade em composição com as relações de poder implicadas nesses processos. Ainda que pontos de resistência possam causar rupturas maciças, radicais e binárias em alguns momentos, é mais corrente os movimentos micro políticos e de clivagem nos modos de ser (Foucault, 1988, p. 92). Nesse sentido, ainda que em atividades como confecção de cartazes, o movimento estudantil do IPA estava resistindo, e as percepções acabam por se tornar mais sensíveis aos acontecimentos corriqueiros, aos processos menores que fazem vazar as singularidades, as dissonâncias e os devires.

(Volta a cena)

E voltamos para a confecção de cartazes dentro do saguão do Prédio A. Esses momentos são cheios de Afetos Alegres de Spinoza (2009), momentos de intensidades tantas que abrem espaço para os encontros, esses que produzem desterritorialização, potência de agir. O que diferencia afetos tristes de afetos alegres é a correspondência com a vontade de potência e a potência de agir. Ao passo que os afetos tristes estabilizam e paralisam as intensidades e as mudanças, os afetos alegres provocam movimentações importantes, que desconfiguram os processos já dados e potencializa transformações. A movimentação que esses Afetos Alegres disparam em cada corpo que está ali é, sobretudo, fruto da intensidade dos encontros.

Conversas incessantes, sobre tudo que se pode imaginar: papos sobre as situações do IPA; a vida de cada um/a; os cursos; sobre Política. Os/as estudantes, enquanto escrevem e pintam os cartazes, debatem política (da mais complexa a mais simples) dando risadas. São risadas de potência, de afetos que engrandecem a luta de cada um/a, assim como expandem as forças do movimento estudantil. São encontros afetuosos, em que estão presentes pessoas que querem estar ali, que sem obrigação alguma com provas ou notas, estão ali pela vontade de resistência. Pelo desejo de compartilhar momentos de transformação; pela intensidade dos afetos.

Pausa da cena, a árvore do outro canto volta a cochichar:

Mesmo que essas noções já tenham se dissipado com as implicações da sociedade de controle na contemporaneidade, ainda se percebe as incomodações com andamentos sensíveis ao corpo, ainda se busca meios pragmáticos de resolução. O que se esquece ou não se enxerga, porém, é a força do desejo nos processos de luta, é dos sentimentos e sensações mais variados que a potência, a resistência e as linhas fuga são construídas. Tomando os conceitos de Resistência, Relações de Poder e Linhas de Fuga, torna-se visível a importância dos afetos na construção de quaisquer mudanças sociais.

Ainda assim, é de suma importância a compreensão de Afeto para Spinoza (2009) como “as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (p. 25), em que a noção de divisão mente/corpo não está presente. Além disso, porque Spinoza traz para os afetos a força e a potência que têm. Justamente por tecer novos olhares sobre o que são as transformações sociais, entendendo, assim, as mudanças nos processos micro políticos.

(Volta a cena)

Os/as estudantes, ainda nos momentos de confecção de cartazes sentem-se subversivos. Percebem que o que conversam, o que falam e o que fazem, mesmo que em momentos micro, transformam aquele lugar. Alguns até pedem cuidado para o que falar, pois “as paredes escutam”. Realmente, o

Prédio A ouvia tudo, e percebia as transformações. Eram as Linhas de Fuga – que consistem em processos de resistência a partir da noção de devir, em que não há nada dado a priori. Linhas que quebram tanto com a delimitação de uma identidade, quanto com os modelos dialéticos. Nesse caso, são processos que perfuram as desconstroem a concretude de uma molaridade que limita e reduz os modos de ser/estar. “Há linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura, linhas de fuga, devires, sem futuro nem passado, sem memória, que resistem à máquina binária” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 22) – se infiltrando e causando pequenas rachaduras nas fortes e duras estruturas do Prédio A.

Pausa na cena, a árvore da frente cochicha:

Concomitante a esses enlances, podemos procurar observar e salientar os processos de Linhas de Fuga a partir do entendimento de Deleuze e Parnet (1998) “[s]obre as linhas de fuga, só pode haver uma coisa, a experimentação-vida” (p.39). Dessa forma, evidencia-se as singularidades presentes nesse espaço – dadas por Foucault como resistência – também como Linhas de Fuga, pois “[...] as singularidades não se deixam totalizar, capturar, instituir. Fogem, escapam – tal como água por entre dedos – à norma e a seu ideal totalizante. Portanto, as singularidades são, em si mesmas, modos de resistências” (Benevides et al., 2011, p.34). Nesse sentido, podemos incorporar os movimentos sociais de luta por minorias, e nesse caso o movimento estudantil do IPA na discussão, visto que nesses espaços observa-se as linhas de fuga diariamente, pensando ainda que “[u]ma minoria nunca existe pronta, ela só se constitui sobre linhas de fuga que são tanto maneiras de avançar quanto de atacar” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 36).

É nesse contexto que voltamos a refletir sobre os afetos e os encontros que acontecem na cena. Para Foucault (1991) “[n]ão imagine que precise ser triste para ser militante, mesmo se a coisa que combatemos é abominável. É o elo do desejo à realidade (e não sua fuga nas formas de representação) que possui uma força revolucionária” (p. 3), esse entendimento diz respeito aos processos dos/as estudantes do movimento estudantil do IPA. A cada conversa, risada e construção de intimidades compunha-se os encontros, os afetos alegres, as potências.

Cena 3– Estamos na escadaria do Prédio A, em uma assembleia. Estamos também em um grupo de Whatsapp. Estamos em pequenas reuniões internas no refeitório. O movimento estudantil começa a ter alguns processos um pouco diferente daqueles da cena anterior. Tentativas feitas por estudantes, professores, igreja e etc. de delimitar o movimento.

Intenções que dizem – “Pessoal que estiver disposto a estar no grupo, que falem o mais rápido possível. Se não é melhor deixar o movimento, precisamos de qualidade, não de quantidade”.

Pessoas mais velhas que dizem – “Vocês precisam retomar as atividades do DCE, vocês precisam fazer desse jeito, pois eu participei de movimentos estudantis há muito tempo, é assim que funciona. Vocês só vão conseguir tirar essa reitoria assim”.

São muitas vozes que dizem como o movimento deve ser, como ele deve funcionar, o que ele deve fazer. Sempre baseados em objetivos fixos e históricos concretos. Pouca margem de erro, muito contorno e planejamento. E o que mais assusta: não corresponde majoritariamente pelas múltiplas ideias de todos/as do movimento.

Pausa na cena, a árvore do canto cochicha:

Pensando agora nas tentativas de delimitação e identificação do movimento estudantil, seus processos duros e pragmáticos, Foucault (1991) faz uma importante pergunta quando toma o seguinte:

Como fazer para não se tornar fascista mesmo quando (sobretudo quando) se acredita ser um militante revolucionário? Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Como expulsar o fascismo que está incrustado em nosso comportamento? (Foucault, 1991, p. 3).

A reflexão que podemos fazer aqui é sobre a presença dos microfascismos dentro de um movimento de luta, especialmente nesse. As formas como os microfascismos aparecem dentro do movimento estudantil do IPA correspondem as dificuldades que o movimento vai apresentando de “se mostrar eficaz”, ou as capturas que vai aderindo na tentativa de se igualar ao que se entende – por uma via molar – por movimento social. Nesse sentido, retoma-se a noção de que os microfascismos estão no campo social sem precisar pertencer a um aparelho de Estado único. Além disso, de que por mais que um movimento social tenha saído do campo da segmentaridade dura, ocupando a linha flexível, ele continua em um regime ainda regulado (Deleuze & Parnet, 1998). Onde há possibilidade do buraco negro em que podem aparecer “os Stálines de pequenos grupos, os justiceiros de bairro, os microfascismos de bandos” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 113).

(Volta a cena)

O pragmatismo em sua magnitude, buscando assim como diz um aluno – “coisas efetivas que sejam plausíveis”.

O Ressentimento e os Ideais Ascéticos de Nietzsche (2009) como montante de força tentando combater qualquer tipo de diferença que apareça durante o movimento estudantil. Agindo em busca da grande transformação, sem perceber as transformações que já estavam acontecendo, ou se percebendo, não validando como aquele objetivo a ser alcançado.

O que acontece é que o movimento estudantil vem também em processos singulares e imanentes. E os atravessamentos identitários e restritivos são, em alguma medida, abafados. A multiplicidade do movimento responde a esses atravessamentos com a classe e a ponderação de quem examina com cuidado as Relações de Poder envolvidas. Essas como Foucault (1988) afirma:

“Que o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhes são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações; as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de

recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor.” (Foucault, 1988, p. 89)

Nesse sentido, a multiplicidade também busca, com criatividade e inventividade fazer fugir às capturas dos mecanismos de controle que o Prédio A construiu e segue reconstruindo junto com a sociedade contemporânea.

Pausa na cena, a árvore do outro canto cochicha:

Percebe-se também a intensa presença dos processos de experimentação, de diferenciação, de resistências. Muito em consonância com os movimentos de luta da contemporaneidade, o movimento estudantil do IPA encontra na multiplicidade, nos afetos e nas criações a força e a potência para construir novos modos de lutar. Assim como afirma Pelbart (2002):

Trata-se de construir, no não-lugar que as desconstruções das últimas décadas deixaram, um lugar novo. A partir da sinergia da multidão, tecer ontologicamente novas determinações do humano, de vida. Daí a nova imagem do militante na era pós-moderna, diante da dissolução da figura do povo. O militante não “representa” ninguém, e ao lado dos que se revoltam contra o reino do capital, ele resiste de maneira criativa, investindo dispositivos cooperativos de produção e de comunidade a partir de dentro do Império (não há como colocar-se “fora” dele). (Pelbart, 2002, p.3)

Desse modo, as infiltrações provocadas no Prédio A (nosso personagem principal), compõem os processos de Linhas de Fuga. Não mais com reações, atitudes binárias e de oposição, sem se preocupar em derrubar todo o Prédio A, o movimento estudantil, por caminhos criativos e afetivos, causa infiltrações, transformando boa parte do funcionamento do Prédio A.

Ademais, Pelbart (2002) ainda nos lembra que “Ao retomar as virtudes da ação insurrecional de dois séculos de experiência subversiva, [...], o militante atual é chamado a ir além, e a participar vitalmente na cooperação produtiva da intelectualidade de massa e das redes afetivas” (p.3). O militante agora é convocado a inventar modos de lutar que produzam desterritorialização, que busquem afetos alegres e a potência de agir. Essa perspectiva nos lembra as possibilidades de um cenário atual, onde há de existir uma militância alegre, essa que resiste com criação, invenção, que investe nos encontros e possibilita aos afetos a capacidade de transformação.

Terceiro ato

A revolução do processo: a expansão do rizoma

Cena 4 - Estamos em uma assembleia geral, dentro do auditório do Prédio A. É como se estivéssemos no coração do Prédio. Juntos/as: professores e estudantes. Duas reuniões aconteceram pouco tempo antes, um/a dos/as coordenadores/as de curso e outra dos/as representantes de estudantes, as duas com o que o Prédio A teimava em dizer que tinha a culpa da situação. Os/as estudantes já haviam percebido que encontrar culpados não era interessante, até porque se percebeu que não há culpado, existem muitos atravessamentos e agenciamentos para que o IPA chegasse a essas situações.

Mesmo assim, os/as estudantes vão a essa reunião entrando em um espaço de luta. E lutam bravamente: escutam, falam, emocionam-se ao expressar todas as situações que haviam vivido nos últimos dias e tudo que percebem do lugar que estudam. Sabem a importância daquelas falas, que elas são tão valorosas quanto aquelas que se conversava durante as produções de cartazes. Que as mudanças estão acontecendo a todo momento, e aquele era mais um desses momentos, embora fosse um dos mais significativos. Como todos processos singulares de cada momento de luta, os/as estudantes compõem e constroem, do lugar onde estão, resistências.

Pausa na cena. A árvore do canto direito do Prédio A cochicha:

Sob um olhar historiográfico, estuda-se as revoluções a partir das grandes conquistas, grandes transformações, das grandes verdades. São momentos de muita importância e qualificam as fases da história. Entretanto, aqui estamos olhando por um olhar cartográfico. Aqui percebemos e mapeamos os processos de subjetivação de cada um/a. O olhar sensível da cartografia funciona “[...] como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência.” (Prado & Tite, 2013, p. 3). Para cada estudante presente na reunião, havia uma reunião diferente, os sentimentos múltiplos. Para alguns a sensação de estar em um momento histórico era prevalente, para outros a vontade de estar ali era na mesma intensidade da vontade de estar junto com os/as colegas produzindo cartazes.

(Volta a cena)

A reunião acontece em outro lugar, que não o campus central. O caminho até lá foi feito a pé, estudantes juntos/as (com todas forças de cada um/a), conversando sobre, entre tantas vontades, as de potência. A reunião acontece devagar, os/as estudantes não estipularam hora para acabar. Ouvem com calma o que se diz a eles/as, e falam com a força de quem grita num palanque, num tom sutil e sincero. A vermelhidão no rosto denota as intensidades dos sentimentos vividos ali. A angústia de encontrar-se, cara a cara, com a certeza de que nada ali vai mudar radicalmente, vai transformar-se no modelo ideal que se deseja. Junto com a angústia, há também potência de sentir que as transformações são feitas todos os dias, que as resistências podem estar em todos espaços. Que tudo que foi feito ali naquela reunião, não fica somente ali, tem reverberações em tantos lugares. Ao saírem da reunião, caminham de volta até o campus central, lá voltamos para o Auditório do Prédio A.

Alguns/mas estudantes dizem: - A gente sabia que não ia ser fácil. Sabíamos que íamos encarar toda essa dureza, as frases prontas, as explicações rasas como regimes de verdade. Mas a gente também deu nosso recado, e isso borbulha, faísca e respinga por tudo que é canto.

Esses/as estudantes voltavam ao campus central com um misto de sentimentos. Com aquilo que os/as historiadores/as chamam de “cabeça erguida”, e aquilo que, aqui, chamamos de afetos alegres. Percebem que fizeram fugir aquilo que mais aprisionava e endurecia os processos todos nos últimos tempos no IPA.

Pausa na cena. Árvore do canto esquerdo do Prédio A percebe a chegada dos/as estudantes de volta ao campus central e cochicha:

Os/as estudantes percebem que combatem não só os leões das grandes verdades, das estratificações mais duras. Constroem processos de minoração potentes, que perfuram os mecanismos mais sólidos, as rochas mais maciças.

E, além disso, também desconstroem as linhas flexíveis, que relativizam alguns modos à custa de outras formas corretas, nesse caso, de lutar. Eis aqui o que chamamos de processos de minoração. Composto com as linhas de fuga, traçadas nesses espaços, “[...] com o “minorar” (termo empregado pelos matemáticos), com o impor um tratamento menor ou de minoração, para liberar devires contra a História, vidas contra a cultura, pensamentos contra a doutrina, graças ou desgraças contra o dogma” (Deleuze, 2010, p. 36). Tornar menor é, também, abrir possibilidade para o devir. Afetar e se deixar ser afetado/a. Olhar para essas intensidades é resistir junto com elas, contra os modelos (tão reducionistas), é inventar novos modos de lutar, dar força para aquilo tudo que nos potencializa, sem ignorar o que já se faz.

Se houve um momento onde podíamos apontar um inimigo, a repressão, o controle; este tempo não é o nosso. Um poder sobre a vida atravessa o nosso corpo, nossos afetos, nossa sensibilidade de uma maneira violenta e perspicaz. Não se trata de uma ideologia a combater, como se o poder fosse externo e sujeito maciço, trata-se de percebermos os entrelaçamentos entre as capturas em que nos constituímos e os processos singulares que escapam continuamente, por onde nos inventamos. Em nós, nos grupos, nos movimentos, nas instituições, na política (macro e micropolíticas); de maneira a inventar outras zonas de criação que suportem por algum tempo a raridade que portam, a novidade que abre picada no mundo (Amarante, 2016, p. 1277).

São a partir dessas experimentações que os/as estudantes construíram e constroem, dia após dia, meios minoritários de lutar. Quando negam serem representados/as por entidades, mas também quando valorizam e acreditam nos sentimentos. Quando não aceitam respostas prontas, mas também quando enunciam os problemas sem serem cooptados pelos modos binários e polarizados de resistir.

Cena 5 - Chegam os/as estudantes ao Auditório do Prédio A novamente, uma noite de segunda-feira. Professores/as seguem sem receber seus salários. Os/as alunos/as entram naquele espaço centenário, com centenas de pessoas, estudantes e professores/as. A sensação é a de que ali está se comemorando uma conquista muito significativa. A reitoria havia caído. Alguns comemoravam muito, como se isso transformasse tudo. Os/as estudantes que vieram da reunião já sabiam disso, sabiam de tantas outras questões também. Muitas dessas questões que os deixavam sem essa sensação de vitória e resolução, sobretudo porque o movimento estudantil não tinha tantos objetivos específicos, nem mesmo a vontade de derrubar a reitoria. Essa situação é só mais uma cena do processo incessante de luta.

Os/as docentes abrem um espaço de fala para os/as estudantes no final de suas colocações. O Auditório do Prédio A lotado de pessoas.

(O Prédio A sente um embrulho no estômago cada vez que há palmas, vozes e emoções sendo expressadas.)

As falas que sucedem depois dos/as professores/as são fortes. Estudantes que sentem todas as movimentações do IPA de diferentes formas das dos/as docentes. Contam ali sobre a reunião, sobre os últimos dias, sobre as tantas

outras reuniões, sobre as assembleias internas, a importância da participação de todos/as, sobre as perspectivas que sentem no panorama atual.

As falas são intensas, são revolucionárias, assim como cada dia e encontro que se deu naquele lugar nos últimos tempos. Os devires-revolucionários que aconteceram ali não podem ser contados em palavras, mas foram vividos, inclusive em partes daquela noite.

Pausa na cena. Árvore da frente do Prédio A pede licença para falar:

Um devir-revolucionário permanece indiferente às questões de um futuro e de um passado da revolução; ele passa entre os dois. Todo devir é um bloco de coexistência. (Deleuze & Guattari, 1997, p. 78)

Podemos refletir sobre o devir-revolucionário como o processo de minoração necessário para se fazer política. O que significa, então, entender que esses meios de minoração acontecem em devires diversos, mas sempre em consonância com movimentos singulares e incertos pois “[e]sses devires dizem respeito ao devir revolucionário da multidão, os processos que os movimentos constroem, sua riqueza atual e não o projeto futuro que acompanha as lutas” (Carvalho, 2016, p. 11). Além disso, percebe-se a intensa necessidade de afirmar o processo como transformador, Deleuze (2010, p. 34) deixa claro quando retoma:

O interessante nunca é a maneira pela qual alguém começa ou termina. O interessante é o meio, o que se passa no meio. Não é por acaso que a maior velocidade está no meio. As pessoas sonham frequentemente em começar ou recomeçar do zero; e também têm medo do lugar aonde vão chegar, de seu ponto de queda. Pensam em termos de futuro ou de passado, mas o passado, e até mesmo o futuro, é história. O que conta, ao contrário, é o devir: devir-revolucionário, e não o futuro ou o passado da revolução. “Não chegarei a lugar nenhum, não quero chegar a lugar nenhum. Não há chegadas. Não me interessa aonde uma pessoa chega. (Deleuze, 2010, p. 34).

Essa, portanto, é a revolução do processo, onde se observa, se valoriza e se destacam os caminhos dos afetos e dos devires que ressoam nos encontros das linhas de fuga, das resistências, das clivagens e das desestratificações dos sistemas molares. Não é preciso que saiam milhões de pessoas na rua bradar palavras de ordem para que isso seja considerado revolução. Há o devir-revolucionário antes mesmo de grandes rupturas e mudanças serem noticiadas ou percebidas empiricamente, há resistência antes mesmo de projetos conservadores serem aprovados. Entendendo que não se fala aqui das grandes verdades, mas sim das intensidades registradas em cada corpo, que se desterritorializa nos encontros múltiplos e sem ideais.

Quando se olha para os devires-revolucionários, entende-se que não há um jeito certo de fazer revolução, que esse processo não está dado a priori, portanto, dá-se no que se passa no meio, no durante, no processo, naquilo que não está delimitado. As resistências, as linhas de fuga, os devires

revolucionários são provocados por intensidades não documentadas nem em livros de história nem em jornais, essas intensidades são documentadas por aqueles/as que vivem movimentos sociais (seja ele qual for, dentro de sua casa, de uma sala de aula, espaço de trabalho, etc) entendendo que é no processo que se dão as mudanças.

(Volta a cena)

Alunos/as que provocam questionamentos a todas pessoas que estão ali, levando as incomodações de seus corpos a diferentes corpos, de diferentes formas. As forças que se transversalizam ali não podem nem querem ser documentadas, não há limitações para os alcances.

São vozes diversas, incomodações múltiplas, os Barulhos da Multidão voltam, de modos diferentes, em um lugar diferente e com pessoas diferentes. Diferentes pela duração de tempo que se viveu. É o IPA, o Prédio A, os/as docentes, os/as estudantes, os mesmos de mais ou menos um mês atrás. As mesmas identidades, mas não as mesmas pessoas. As transformações são constantes, sobretudo num processo de luta. Há ali pessoas que participaram de variadas formas do movimento estudantil, algumas estavam todos os dias no Prédio A, outras estavam em alguns momentos, muitas participaram dos atos. Há ali também pessoas que acompanharam de longe todos os acontecimentos, preocupadas com tudo que poderia acontecer e apoiando os/as colegas que estavam mais próximos de tudo. E também há as pessoas que não concordavam com movimento estudantil.

Todos esses atravessamentos bombeavam aquela noite com forças diferentes. Desde algum tempo, que não se sabe nomear, em algumas pessoas crescia um tipo de caule. Devagar e pequeno no início, crescia com cada reflexão feita, com cada conversa, momento, aula, reunião. Expandia em si e no IPA um caule que cresce horizontalmente. Que transforma, cotidianamente, um pouquinho de cada um/a que por ali vive. Esse caule se chama Rizoma.

Pausa na cena. Árvore do canto direito volta a cochichar:

Parece pertinente tomar o conceito de Rizoma logo nesse momento. Entretanto, há necessidade de contar sobre essa sensação que eu e as outras árvores estamos sentindo ultimamente. Esse tal de Rizoma está chegando em nós, e também no Prédio A. O Prédio A tem reclamado há algum tempo dessas mudanças, talvez fosse o Rizoma já se mostrando subterraneamente. Enquanto falo contigo, sinto que faço novas reflexões, talvez seja esse sistema, que por estar sempre aberto e sem limitações, faça com que eu possibilite novas formas de ser/estar no mundo. Talvez essa sensação já tenhas sentido também, ao acompanhar essa leitura. Giordani (2016) refere-se a essa sensação:

[...] texto não é pessoal, não trata de uma história que o escritor viveu. Traz para o texto escritos que estão abertos, que pedem para o leitor os terminar; que possibilitam a entrada do leitor e, assim, o texto passa a ser uma co-produção; uma produção entre leitor e escritor, ambos escrevendo o texto em tempos diferentes. (Giordani, 2016, p. 10)

Sendo assim, sinto que compartilhas comigo essa sensação, será que não?

(Volta a cena)

Esse Rizoma vem se expandindo, não há como saber desde quando (nem há essa intenção). Ele vai crescendo pelo campus sem que se perceba

a olho nu. Ainda dentro do auditório, os/as estudantes percebem esse caule fazendo desenhos novos por toda estrutura do espaço; questionam-se como tudo aquilo tinha acontecido em tão pouco tempo, percebem que, provavelmente, estava acontecendo havia um tempo, e as sensações que vinham tendo eram esse caule crescendo. São linhas, “não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas.” (Deleuze & Guattari, 1995, p. 16), essas que passam quase despercebidas, não fosse as sensações que elas provocam. Sensações que desacomodam, não se sabe de onde vêm, para onde vão, nem porque estão passando por ali. Sabe-se como elas vão crescendo: as movimentações todas dessas cenas são motores dessa expansão.

As Árvores que cochicham, o Prédio A e os Bancos começam a sentir as linhas que percorrem, subterraneamente, o campus central do IPA. O Rizoma se alastra sem direção ou objetivo, crescendo para todos os lados, atravessando-se. Perfurando alguns modos endurecidos, territorializando-se em outros. As linhas se diferenciam entre si, são duras, flexíveis, de fuga: se entrelaçam e descompassam as institucionalizações do IPA. O Prédio A, sempre convicto de quem era, afetou-se; as Árvores que cochicham se vestiram de linhas; os Bancos tentaram dispor uma análise do que vinha acontecendo – eram as linhas duras –, compreenderam que pouco importava uma análise e foram interpelados pelas linhas flexíveis e de fuga. O Rizoma alcançou os/as estudantes, desenhou e desfez estarcimento e potência, tudo nos corpos que ali caminham. Mexeu com as (falsas) estruturas, do IPA e dos/as estudantes, chegou até a autora dessas cenas, agora te encontra também. Bem percebido pelas Árvores que cochicham, não é mesmo?

Pausa na cena. Árvore da frente do Prédio A começa a falar em tom relativamente alto:

Ora, pois. Nos encontramos. Esse Rizoma fez com que nos encontrássemos e, nesse caso, a escrita com a tua leitura. A noção de Rizoma permeia um olhar sobre o mundo, as relações e acontecimentos, mesmo que não percebamos a todo momento, ele acontece. São esses emaranhados de linhas que nos constituem ao mesmo tempo que nos desconstroem. Que abrem possibilidade para o devir.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (Deleuze & Guattari, 1995, p. 36)

O que aparece nessas cenas são as aberturas para a revolução, nesse caso, aos devires revolucionários. É a compreensão empírica da valoração dos processos que potencializa as resistências e as desconhecidas formas de fazer revolução. Justamente porque, assim como afirma Deleuze (1974) “[o] devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro” (p.3). O que apresenta, dessa forma, a intensidade do meio, do processo; apresenta nos encontros minoritários a capacidade de revolução. Além disso, mostra a potência dessa noção quando entende o rizoma como um mapa, esse que “[é] aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.” (Deleuze & Guattari, 1995, p.21).

Ainda assim, é possível pensar também da sutileza com que essas aberturas engrandecem os movimentos de luta, sobretudo o movimento estudantil do IPA. Percebemos encontros, diferença, onde “[n]ão há sujeito, mas agenciamentos coletivos de enunciação; não há especificidades, mas populações, música-escritura-ciências-audiovisual, com suas substituições, seus ecos, suas interferências de trabalho.” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 23). Onde se possibilita os afetos, as desterritorializações. Um espaço múltiplo e, em alguns tantos momentos, sem delimitações da maneira certa de lutar.

O Rizoma cresce e se expande, é sensível a diferentes maneiras de olhar, fazer e construir o movimento estudantil. Deleuze e Guattari (1995) notificam o que diferencia um rizoma, o comparando com um mapa, quando retomam:

Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas [...]. Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre “ao mesmo”. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida “competência”. (Deleuze; Guattari, 1995, p.21)

Nesse contexto, podemos compreender a dimensão da potência de um movimento que faz composições e abre espaço para vivenciarem um rizoma. Não há a premissa de reprodução, nem mesmo de uma análise que codifica os modos de resistir e lutar. Essa seria uma lógica alinhada aos modos hierárquicos das reproduções, como uma árvore. (Deleuze & Guattari, 1995, p. 20). Enquanto converso contigo, pessoa que faz essa leitura, confesso que me sinto atravessado por todas essas linhas. Assim como, talvez, tu te sintas também. Esses modos idealizados e reprodutivos com que cresci é também muito do modo como as pessoas constituem-se. Por isso a necessidade de desconstrução constante. Esse Rizoma, cartografado aqui em forma (bem desajustada e com poucas delimitações) de cenas, teve uma grande expansão na duração contada, mas segue se expandindo e crescendo nos encontros.

Ademais, são em todos esses encontros que aparecem as possibilidades que se abriam a partir do movimento estudantil, pois levam aos elementos virtuais implicados nessa composição. Essa que não pretende ter fim; que, com essas cenas encontra, em cada leitura, infinitas possibilidades. Quando Deleuze (1987) nos traz que “a arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única coisa que resiste” (p.13), ele nos permite encontrar resistência, principalmente, na invenção. Invenção de uma estória, uma leitura, uma escrita, de um movimento de luta. Esse Rizoma que se expandiu e segue expandindo dentro e fora do IPA, cresceu também por essa escrita, pela tua leitura, chega aos teus olhos. Provoca movimento. Afeto. Provoca resistência. Revolução. A revolução do processo.

Referências

- Amarante, A. H. (2016) *O sujeito biopoliticamente correto e os personagens sem contorno*. Anais [recurso eletrônico] do 5º Colóquio Latino-Americano de Biopolítica, 3º Colóquio Internacional de Biopolítica e Educação e 17º Simpósio Internacional IJU, São Leopoldo, p. 1275 – 1280, Casa Leiria.
- Benevides, P & Neto, J. (2011). *Educação, subjetivação e resistência nas sociedades de controle*. ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade, [S.L.], v. v1, n. 1, p. 27-40.

-
- Bergson, H. (2006). *Memória e vida*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes. 184 p.
- Carvalho, D. (2016). *Devir revolucionário da multidão: cartografia dos movimentos Okupa e 15m*. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 215 p.
- Costa, R. (2004). *Sociedade de controle*. São Paulo Perspec., São Paulo, v.18, n. 1, p. 161167.
- Deleuze, G. (1974). *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva. 346 p.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações: Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. Rio de Janeiro: 34, 219-226 p.
- Deleuze, G. (1987). *O ato da criação*. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 1999.
- Deleuze, G. (2010). *Sobre o teatro: Um manifesto de menos/o esgotado*. 1 ed. Rio de Janeiro: ZAHAR. 111 p.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). Mil platôs. São Paulo: Editora 34, v.4.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). Mil platôs. São Paulo: Editora 34, v.1.
- Deleuze, G & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta. 184 p.
- Foucault, M. (1993). *Vigiar e Punir*. Petrópolis. Vozes. (Trad. port.; ed. orig.: 1975).
- Foucault, M. (1991). *Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista*. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de (org.). Dossier Deleuze. Rio de Janeiro: Hólon, pp.83-84
- Foucault, M. (1988). *A história da sexualidade: a vontade de saber*. 1. 13 ed. Rio de Janeiro: GRAAL. 151 p.
- Giordani, T. (2016). *Nomadismo e sociedade de controle: estudos sobre sobre os "malucos" em uma tese partida ao meio*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Porto Alegre, RS, 214 p.
- Harvey, D., Teles, E., Sader, E., Alves, G., Carneiro, H. S., Wallerstein, I., ... Safatle, V. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. (2015). 4 ed. São Paulo: Boitempo Editorial. 87 p.
- Nietzsche, F. (2009). *Genealogia da moral*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 176 p.
- Pelbart, P. (2002). *Império*. Rev. adm. empres., São Paulo, v. 42, n. 4, p. 1-7.
- Prado, K. & Teti, M. (2013). *A cartografia como método para as ciências humanas e sociais*. Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49.
- Spinoza, B. (2009). *Ética*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 240 p.

Qualidade de vida na velhice: envelhecimento ativo e sexualidade

Quality of life in old age: active aging and sexuality

Rosana Josso Tomazini¹

Resumo: O envelhecimento populacional é tido como uma das grandes conquistas sociais do nosso tempo, mas também como o maior desafio do século XXI. Com os avanços sociais, as novas tecnologias e o progresso da medicina, a população idosa cresceu de forma exponencial. Portanto, face a esse crescimento, se faz necessário aprofundar os conhecimentos acerca do processo de envelhecimento e seus diferentes enfoques. O presente artigo resulta da revisão bibliográfica realizada em Portugal no ano de 2018. Sendo assim, busca-se compreender o conceito de Envelhecimento Ativo, refletir sobre o potencial de desenvolvimento ao longo da vida pela ótica do paradigma Lifespan, conhecer os fatores que levam as pessoas que moram na Zona Azul da Sardenha a viverem mais, e ampliar o olhar acerca da sexualidade do idoso e formas mais criativas de se relacionar.

Palavras-chave: Idosos; Envelhecimento ativo; Sexualidade do idoso.

Abstract: Population aging is seen as one of the great social achievements of our time, but also as the greatest challenge of the 21st century. With the social advances, the new technologies and the progress of medicine, the elderly population grew exponentially. Therefore, in view of this growth, it became necessary to deepen the knowledge about the aging process and its different approaches. This article is the result of the bibliographical review held in Portugal in the year 2018. Therefore, it seeks to understand the concept of Active Aging, to reflect on the potential for lifelong development from the perspective of Lifespan paradigm, to know the factors that lead people living in the Blue Zone of Sardinia to live longer and broaden the view on the sexuality of the elderly and more creative ways of relating.

Keywords: Elderly; Active aging; Sexuality of the elderly.

Trabalho apresentado na Jornada Sexualidade na Era da Tecnologia 2019 da SPRGS.

¹ Psicóloga pela PUCRS. Especialista em Terapia Sistêmica, Indivíduo, casal e família pelo Centro de Estudos Família e Indivíduo. Pós-Graduação em Psicogeriatria e Neuropsicologia Geriátrica – Instituto CRIAP (Portugal). E-mail: rosanat@terra.com.br .

Introdução

Nas últimas décadas, o envelhecimento da população vem crescendo de forma acelerada e se tornou um fenômeno global. Em 2000, havia 600 milhões de pessoas acima de 60 anos, hoje há uma previsão de que, em 2025, este número aumente para 1.2 bilhões e em 2050 esta população chegue a 2 bilhões (Fundo de População das Nações Unidas, 2012). Segundo o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017. Os 4,8 milhões de novos idosos em cinco anos correspondem a um crescimento de 18% desse grupo etário e vem se tornando cada vez mais representativo no Brasil. As mulheres são maioria expressiva nesse grupo, com 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens idosos são 13,3 milhões (44% do grupo) (Paradella, 2018). Conforme a Organização Mundial da Saúde, esse fenômeno não ocorre apenas nos países ditos desenvolvidos, mas também nos países em desenvolvimento, resultando numa maior proporção de adultos idosos com 60 anos ou mais e, particularmente, adultos com 80 anos ou mais (World Health Organization, 2002, 2011).

Nessa perspectiva, o Marco Político do Envelhecimento Ativo tem o objetivo de criar uma nova abordagem ideológica ao envelhecimento, visando maior qualidade de vida para a população idosa (World Health Organization, 2002). O paradigma do Envelhecimento Ativo contempla diretrizes a serem adotadas individualmente, convidando o idoso a se responsabilizar pelo seu próprio processo de envelhecimento, e diretrizes coletivas, aquelas a serem implementadas por órgãos governamentais e comunitários, com vistas à criação de políticas públicas e demais ações que permitam o pensar coletivo.

Quando refletimos sobre o processo de envelhecimento do indivíduo, foco deste estudo, não podemos deixar de mencionar que os déficits das habilidades, comumente associados a esta fase da vida, estão apenas vagamente relacionadas com a idade cronológica das pessoas. Portanto, não existe um idoso típico. No envelhecimento, as capacidades e necessidades dos idosos não são aleatórias, e sim consequência de acontecimentos experienciados ao longo do ciclo vital, sobretudo do estilo de vida, visto que os fatores biológicos não asseguram a expressão do desenvolvimento do idoso (Firmino, Simões, & Cerejeira, 2016).

Nesse contexto, buscou-se, através do presente estudo, ampliar a visão a respeito da abordagem ideológica do Envelhecimento Ativo e entender as influências de seus conceitos. Além disso, procurou-se refletir sobre o potencial de desenvolvimento na idade avançada, baseado na Teoria Lifespan, concebida por um dos maiores e mais influentes psicólogos da atualidade, Paul Baltes. Outro fator mobilizador desse estudo foi conhecer a pesquisa realizada com os adultos longevos da Sardenha e observar quais as razões para a longevidade dessa população. Outrossim, foi de igual importância, abordar a questão da sexualidade na vida dos adultos maduros, visto que este tema está diretamente ligado ao equilíbrio emocional e à qualidade de vida desta população.

Envelhecimento ativo

Frente à chamada “Revolução da Longevidade” (Kalache, 2013) e baseada nos Princípios das Nações Unidas para o Idoso (Ministério Público Portugal, 1991), o Marco do Envelhecimento Ativo, conceito desenvolvido e definido pela World Health Organization (2002) como o processo de otimização de

oportunidades para a saúde, participação e segurança, no sentido de aumentar a qualidade de vida durante o envelhecimento.

Paúl e Ribeiro (2018, p. 3) postularam que

O modelo depende de alguns fatores denominados “determinantes”, os quais são de ordem pessoal (fatores biológicos, genéticos e psicológicos), comportamental (estilo de vida saudável e participação de vida ativa no cuidado da própria saúde), econômico (rendimentos, proteção social, oportunidades de trabalho digno), do meio físico (acessibilidade a serviços de transporte, moradia e vizinhança segura e apropriada, água limpa, ar puro e alimentos seguros) e, ainda, serviços sociais e de saúde (orientados para promoção da saúde e prevenção de doenças, acessíveis e de qualidade). Este grupo é complementado por dois determinantes transversais – o gênero e a cultura.

Cada um dos determinantes citados anteriormente resultou em atitudes e comportamentos que dependem da consciência e responsabilidade de cada indivíduo, no que diz respeito ao seu próprio processo de envelhecer, outras são direcionadas aos órgãos governamentais e organizações sociais, com o objetivo de criarem políticas públicas e ações voltadas para as populações, dependendo das condições socioeconômicas de cada país. Contudo, devem ser estruturadas nas necessidades dos idosos.

É necessário considerar que, conforme, descrito pela World Health Organization (2002), a nível individual, o Envelhecimento Ativo deve ser fomentado através de ações determinadas por processos de auto regulação emocional e motivacional. A este respeito, os conceitos a seguir devem ser observados: a autonomia, considerada no sentido do controle individual sobre a vida e a capacidade de decisão; a independência nas atividades da vida diária e nas atividades instrumentais do dia a dia, ou seja, a capacidade de cuidar de si próprio, na manutenção básica do seu corpo e no exercício de competências de manipulação do mundo externo; a expectativa de vida saudável, traduzida no tempo de vida que se pode esperar viver sem precisar de cuidados especiais; e a qualidade de vida, que incorpora a saúde física, o estado psicológico, o nível de dependência, as relações sociais, as crenças pessoais e as características de ambiente em que a pessoa se encontra inserida.

Paúl & Ribeiro (2018, p. 5-6) apontam que

Mediante esta abordagem e frente aos diversos aspectos que caracterizam o cotidiano dos mais velhos, faz-se necessário ações em termos de quatro pilares fundamentais. O primeiro remete ao fator saúde, que se baseia em diagnósticos médicos. O segundo, à segurança, ligada ao planejamento urbano e aos lugares habitados, além dos espaços privados e clima social de não violência das comunidades. O terceiro pilar é o da participação social na comunidade, marcada pelas relações estabelecidas com a família, os grupos de pares e o exercício da cidadania, bem como a participação ativa nesses contextos. O quarto pilar, incluído mais

tarde, diz respeito ao aprendizado ao longo da vida, devido ao envelhecimento contínuo da população e a constatação da discrepância entre o tempo de formação e as exigências do mercado.

O Marco do Envelhecimento Ativo não é considerado um documento concluído, mas um conjunto de ideias em aberto, a serem atualizadas, não obstante, continuam sendo relevantes e servem de instrumento basal para inúmeras agendas científicas. Algumas contribuições importantes foram relatadas, entre elas a pesquisa realizada em Portugal, por Paúl, Teixeira, e Ribeiro (2017). Os autores apontam para a necessidade de ampliar as dimensões propostas no paradigma do Envelhecimento Ativo e enfatizam a necessidade de introduzir uma perspectiva psicológica e levar em consideração a atitude proativa das pessoas. Ao questionar a visão determinista do modelo da OMS, o estudo analisou a operacionalidade do modelo do Envelhecimento Ativo nos fatores a seguir: saúde, componentes psicológicos, desempenho cognitivo, relações sociais, componentes biológicos e personalidade. A respeito dos aspectos psicológicos identificados na pesquisa, os autores mencionam que os indivíduos de faixa etária mais avançada valorizam de maneira particular a ausência de sofrimento psicológico, presença de felicidade e otimismo, baixo neuroticismo, boa qualidade de vida e baixa solidão, aspectos esses que, se considerados, podem permitir um envolvimento ativo com a vida (Paúl et al., 2017). Nesse sentido, os pesquisadores concluíram que esses achados reforçam a importância do funcionamento psicológico no Envelhecimento Ativo e a necessidade de novas pesquisas sobre características psicológicas específicas subjacentes ao significado subjetivo do envelhecimento ativo em idades mais avançadas (Paúl et al., 2017).

Lifespan

Ao longo do tempo, o envelhecimento foi visto, pela psicologia do desenvolvimento, como uma fase da vida em que o indivíduo amargava o declínio cognitivo e fisiológico, com conseqüente perda de produtividade, maior dependência e isolamento social. Esses conceitos não compreendiam a relação entre envelhecimento e desenvolvimento. Contudo, pesquisas como a do psicólogo alemão Paul Baltes, evidenciaram a heterogeneidade vivenciada pelos adultos maduros, observando que os alicerces do envelhecimento eram construídos de maneiras distintas, e que poderiam ser modificados de acordo com a disponibilidade do indivíduo em criar novos hábitos e desenvolver novas habilidades (Baltes, 1987; Baltes & Baltes, 1990; Baltes & Lindenberger, 1997).

Considerando essa dinâmica, enfatizamos a Teoria do Desenvolvimento ao Longo da Vida, conhecida como paradigma Lifespan para ilustrar esse pressuposto. O paradigma Lifespan foi criado por Baltes e Lindenberger (1997), e preconiza que o ser humano pode se desenvolver ao longo da vida. Os autores compreendem o desenvolvimento como um processo contínuo, multidimensional e multidirecional de mudanças orquestradas por influências genético biológicas e sócio culturais.

O paradigma Lifespan identifica três classes de influências sobre o desenvolvimento: as influências ocasionadas pela idade, pela história de vida da pessoa e as influências não normativas, aquelas que podem acontecer inesperadamente (Baltes & Lindenberger, 1997). As influências graduadas por idade se traduzem em eventos que podem ocorrer numa mesma época devido a interação dos indivíduos com o meio ambiente. Presume aquisição

de papéis e competências que dependem da idade, do apoio social e dos recursos de personalidade de cada um (Neri, 2013).

As influências graduadas por história são as mudanças psicossociais que acontecem no momento da socialização e afetam de forma características os indivíduos nascidos em um mesmo tempo histórico (coorte), compreendem eventos macrosociais experienciados ao mesmo tempo por todos os componentes independentes de gênero, classe social ou raça (Neri, 2013).

As influências não normativas são eventos inesperados, a época de ocorrência é imprevisível, razão pela qual dependem dos recursos pessoais do indivíduo e não dependem do tempo histórico; geram incertezas e desafios, assim como uma sobrecarga estressora (Neri, 2013). Portanto, o desenvolvimento consiste numa ocorrência conjunta de perdas e ganhos, e na capacidade adaptativa no envelhecimento, assim como na plasticidade inteligente.

Frente ao exposto, onde o idoso desenvolve a capacidade de se adaptar aos eventos da vida através das perdas e ganhos, Baltes e Baltes (1990) conceberam a Teoria de Seleção, Otimização e Compensação (SOC). Esse modelo tem por objetivo descrever o desenvolvimento e entender como os indivíduos podem manejar as mudanças biopsicossociais que se constituem como impedimento nas trajetórias do seu desenvolvimento, em busca de um envelhecimento bem-sucedido (Neri, 2006). O modelo SOC é muito importante no estudo das relações entre o desenvolvimento humano, o envelhecimento e a capacidade adaptativa (Baltes & Baltes, 1990).

No modelo SOC, a seleção determina os objetivos e resultados desejáveis, compatíveis com os recursos disponíveis. A otimização está vinculada à aquisição, aplicação e manutenção de recursos internos e externos, e ao aperfeiçoamento de meios e de recursos úteis para se atingir níveis elevados de funcionamento. Pode ser realizada mediante educação, através de treinos sistemáticos e apoio social dirigido à cognição, à saúde, à capacidade atlética e às habilidades. A compensação consiste na produção de alternativas para manter o funcionamento. São exemplos de compensação o uso de aparelhos auditivos, cadeiras de rodas, agendas para ajudar na memória e demais recursos similares (Neri, 2013). Durante toda a vida ocorre atuação sistêmica desses três mecanismos na produção do desenvolvimento e do envelhecimento bem-sucedido ou adaptativo (Baltes, 1987).

É plausível, então, considerar que, ao atingirem estados de crescente vulnerabilidade, as pessoas idosas recorram a meios externos (humanos, materiais e institucionais), no sentido de compensar essa vulnerabilidade e, ao fazê-lo, acabem por desenvolver novos valores, novos comportamentos, novas competências, resultando daí uma capacidade adaptativa mais elevada (David, 2014). Por fim, podemos considerar que as mudanças de hábitos, à medida em que haja uma diminuição do estresse, um aumento das atividades físicas e uma maior integração social, podem afetar o indivíduo e melhorar o bem-estar físico e emocional.

Zona azul

Susan Pinker, psicóloga canadense e neurocientista social, proferiu uma conferência no programa "Fronteiras do Pensamento" de 2017, em São Paulo. Na mesma ocasião apresentou a pesquisa que realizou em Villagrande, uma aldeia distante e montanhosa na ilha da Sardenha, na Itália. A aldeia foi classificada como uma das cinco Zonas Azuis do planeta onde, segundo Pinker, há seis vezes mais centenários do que no continente italiano e dez vezes mais do

que no restante da Europa e da América do Norte. Tal fato despertou interesse da pesquisadora e os dados levantados surpreenderam a todos.

A autora encontrou moradores que vivem na ilha a muitas gerações e uma das principais características da aldeia, além de se erguer numa encosta, é que as casas foram construídas muito perto umas das outras. Ao entrevistar os centenários, Susan Pinker descobriu que, além de ter uma alimentação mediterrânea e fazer exercícios, pois sobem e descem diariamente a encosta, outro aspecto fundamental no tocante à longevidade dos habitantes, é justamente a arquitetura da aldeia. As casas, por serem muito próximas, propiciam que os moradores saibam o que está acontecendo na vida uns dos outros (Pinker, 2017).

Assim, os filhos, sobrinhos, parentes, vizinhos e pessoas de diferentes idades ajudam uns aos outros por ocasião de algum problema de saúde, falecimento, indisposição ou mesmo quando alguém estranho entra na vila todos ficam sabendo. De outra forma, eles também se divertem no dia-a-dia, jogando cartas, conversando ou participando de alguma festividade (Pinker, 2017). Dessa forma, segundo a pesquisa, é grande a sensação de pertencimento e não fazem parte das preocupações dos habitantes o medo da solidão, dos fracassos e até mesmo das demências, pois existe apoio mútuo, uma constante interação e intensa coesão social. Observa-se assim, um forte vínculo social como preditor da longevidade e a este fenômeno, Susan Pinker denominou de “Efeito Aldeia” (Pinker, 2017).

Em um resumo sobre a conferência de Susan Pinker no evento “Fronteiras do Pensamento”, foi apontado que a palestrante concluiu o seguinte: “O contato pessoal vai liberar vários neurotransmissores, vários hormônios que aumentam a confiança entre as pessoas. E também diminui o estresse, e isso pode ser medido pelos níveis de cortisol na saliva e no sangue. E também é algo analgésico. Vocês sabiam que o contato pessoal é analgésico natural? E também induz o prazer. Dopamina é gerada quando você dá um *high five* e um tapinha nas costas. Ou, como vocês fazem aqui em Porto Alegre, que é dar um beijo na bochecha.” (Thomé, 2017).

Thomé (2017) aponta que, atualmente, 25% da população global declaram não ter com quem conversar. Assim, a psicóloga Susan Pinker encerrou sua conferência no “Fronteiras do Pensamento”: “Em primeiro lugar, podemos planejar e construir as nossas cidades em comunidades com lugares de encontros — aqueles Terceiros Espaços, lugares em que a gente se sente à vontade. Nós podemos construir interações pessoais e incluir esses relacionamentos nos nossos sistemas de educação e de saúde, incluir isso no nosso tempo livre, na nossa vida profissional. Você pode colocar isso na sua agenda como você faz com o exercício. Isso fortalece o seu sistema imunológico, libera hormônios de bem-estar na sua corrente sanguínea e no cérebro. Ajuda as crianças a florescerem e a aprenderem. Ajuda os adultos a viverem uma vida mais longa, mais feliz e mais saudável. Eu chamo isso de ‘O efeito aldeia’. E você construir e sustentar esse tipo de comunidade é uma questão de vida ou morte” (Thomé, 2017).

Sexualidade assíncrona

Se a interação social é preditora de longevidade, saúde e bem-estar, é natural que se pense a questão da sexualidade na idade avançada. No envelhecimento, a sexualidade varia tanto quanto os demais comportamentos, mas isso não implica necessariamente uma redução drástica da resposta sexual,

já que ela depende fundamentalmente da atitude que a pessoa adota diante da vida. Ocorre de maneira extremamente individual e não se processa do mesmo modo em todas as épocas, nem sequer da mesma forma em todos os indivíduos (Pascual, 2002).

Dessa forma, o exercício da sexualidade entre os casais de idosos também, avança ao longo dos anos de forma heterogênea e particular. O processo de envelhecimento não impede o indivíduo de ter experiências sexuais, pois não se trata de uma fase meramente assexuada (Fávero & Barbosa, 2011).

Conforme o paradigma Lifespan, postulado por Baltes e Lindenberger (1997), o desenvolvimento ao longo da vida é um processo contínuo, multidimensional e multidirecional de mudanças, cuja plasticidade enfatiza as potencialidades de crescimento do sujeito idoso. Então, podemos pensar que as perdas físicas que caracterizam esta fase da vida não impedem que as formas de intimidade sejam flexibilizadas e que o prazer e a satisfação sejam reinventados pelo casal.

Resultados que corroboram com as proposições teóricas de Baltes (1987) foram encontrados em um estudo de caso realizado por McCarthy e Pierpaoli (2015), quando, através de um processo clínico qualitativo, um casal de idosos com queixas de impotência do homem e insatisfação da mulher, foi tratado a partir da abordagem Good Enough Sex – GES (Metz & McCarthy, 2007).

A abordagem GES oferece um modelo integrativo e abrangente para promover o sexo vibrante e sustentador nos relacionamentos, visando melhorar a intimidade, o prazer, o erotismo, a satisfação e a coesão do casal. O modelo preconizado pela abordagem GES considera o estágio de envelhecimento dos parceiros e estimula o casal a olhar para o seu relacionamento sexual de forma flexível, considerando os fatores psicológicos, biológicos e sociais. Convida-os a abraçar a sexualidade como forma de energizar e promover o bem-estar relacional ao longo da vida (Metz & McCarthy, 2010).

Os achados apresentados sugerem que as perdas físicas não impedem a flexibilidade e os ganhos eróticos de intimidade e satisfação ao longo da vida.

O tratamento psicoterapêutico compreendeu nove sessões realizadas num período de cinco meses, incluindo três sessões de prevenção à recaída durante o período de dois anos. Uma nova forma do casal se ver foi trabalhado em sessão. Não eram mais um homem e uma mulher em busca da satisfação sexual individualizada, mas sim uma dupla, onde a felicidade sexual era responsabilidade dos dois (Metz & McCarthy, 2007).

A partir do momento em que os dois perceberam a necessidade de se desprender do modelo antigo de relacionamento sexual, cuja expectativa era de manter o desempenho da juventude, tornaram-se amigos íntimos. O casal se dispôs a criar cenários sexuais diferenciados, ter experiência assíncronas, criaram ambientes distintos daqueles que estavam acostumados, exploraram o olfato, o toque, incluindo elementos lúdicos na relação. Dessa forma, a vivência da sexualidade foi ampliada, e não mais baseada apenas no ato sexual (Metz & McCarthy, 2007). Vale salientar que ambos os conceitos de Baltes (1987), o da plasticidade, que explora a promoção das potencialidades e crescimento, assim como o da multidirecionalidade, que descreve a não linearidade de determinado domínio, foram constatados neste estudo, ressaltando a importância da adaptação para que os casais possam vivenciar de forma saudável sua sexualidade.

Ao introjetarem a abordagem GES, e estarem abertos a uma nova maneira de se relacionar, quando o sexo não flui para o intercurso, homens

e mulheres mais velhos podem se orgulhar da possibilidade de apreciar a variabilidade de seus encontros (McCarthy & Pierpaoli, 2015). A vivência da sexualidade na idade avançada pode ser enriquecedora, fisiologicamente possível e uma fonte importante de intimidade e carinho. É uma forma de cuidado mútuo, de estimular a cumplicidade e a realização pessoal (Urquiza, Thumala, Arnold-Cathalifaud, Ojeda, & Vogel, 2008).

Discussão

A partir dos temas abordados neste estudo, vimos que o crescimento da população idosa é um fenômeno atual. Assim, em muitos países, pesquisadores e gestores da área da saúde estão atentos para o desenvolvimento de estratégias e intervenções que mantenham a autonomia e a independência dessa população. Não basta viver mais, mas este tanto de vida a mais deve ser vivido com qualidade. Essa ideia mobilizou os esforços de inúmeros profissionais atuantes junto a OMS, e resultou em diretrizes de base do paradigma do Envelhecimento Ativo, uma nova forma de ver o envelhecimento.

Esse novo olhar apontou a interação social como um dos aspectos mais relevantes para a qualidade de vida do idoso, visto que a sensação de solidão é um preditor de sofrimento e causa de inúmeras doenças incapacitantes. Portanto, a participação social, a convivência com grupos, sejam eles familiares, amigos ou grupos específicos, são extremamente importantes para o bem-estar emocional e saúde mental do idoso.

Através da teoria Lifespan, podemos observar que o processo de envelhecimento é único e depende de perdas e ganhos. Assim, entendemos que os ganhos que o indivíduo tem na infância o afetam de modo subjetivo, essa forma subjetiva de ver o mundo segue marcando-o ao longo da vida adulta e, na velhice, da mesma forma, ele vai enfrentar as perdas de um jeito próprio.

Dessa forma, podemos dizer que o envelhecimento é um processo que se dá de forma distinta para cada pessoa, o que nos leva a inferir que, embora o envelhecimento fragilize os idosos, através de recursos como a seleção, otimização e compensação, é possível desenvolver novos comportamentos e atitudes em busca de maior êxito e maior satisfação com a vida.

Nesse sentido, a sexualidade é um componente fundamental da saúde geral do adulto maduro. Assim, todo o idoso pode ter momentos de intimidade, com erotismo e prazer sexual, basta estar disponível para experimentar. Contudo, devemos lembrar que a sexualidade na idade madura não é a mesma das fases anteriores do ciclo vital. Novas maneiras de demonstrar interesse devem ser abordadas de forma assíncrona. A sexualidade assíncrona vê o casal como uma dupla de aliados, cúmplices na relação, que muitas vezes, não se trata apenas do ato sexual em si, mas de todo um envolvimento na criação de cenários como, por exemplo, acender velas, colocar flores na mesa, preparar um banho de banheira. O esforço de criar o ambiente propício estimula e desperta o desejo, mesmo que a ação não leve ao ato sexual em si, ela pode gerar momentos de carinho e cuidados recíprocos.

Percebemos, assim, que o fato do idoso poder aprender novos comportamentos ao longo da vida, pode ser um facilitador de maior participação social. A exemplo dos centenários que vivem na Sardenha, saber viver em comunidades, poder cuidar e ser cuidado, pode representar uma maneira satisfatória de se viver.

Considerações finais

O envelhecimento da população acarreta um conjunto de impactos na sociedade, sendo necessário encontrar novas respostas e novos modelos para enfrentar os desafios que se apresentam. O paradigma do Envelhecimento Ativo é um modelo que remete a possibilidades de ações mais justas no sentido de melhorar as consequências adversas à passagem do tempo. Contudo, está aberto a novas contribuições no que se refere à subjetividade da população idosa.

Cabe lembrar que este é um cenário variável, pois a possibilidade de desenvolvimento ao longo da vida torna o processo de envelhecimento muito mais dinâmico, sugerindo novos comportamentos e atitudes como forma de obter melhor qualidade de vida. Contrariando estereótipos, vimos que a interação social, as formas criativas de se relacionar e viver a sexualidade, contribuem para a autonomia e independência do idoso, tornando-o um ser ativo e funcional na busca do próprio envelhecimento bem-sucedido. Por fim, sendo o envelhecimento um fenômeno universal, envelhecer com qualidade é uma conquista.

Referências

- Baltes, P. (1987). Proposições teóricas da psicologia do desenvolvimento da vida: Sobre a dinâmica entre crescimento e declínio. *Psicologia do Desenvolvimento*, 23, 611-626.
- Baltes, P., & Baltes, M. (1990). Psychological perspectives on successful aging. The model of selective optimization with compensation. In P. Baltes, & M. Baltes (Eds.), *Successful aging: Perspectives from behavioral sciences* (pp. 1-34). New York: Cambridge University Press.
- Baltes, P., & Lindenberger, U. (1997). Emergence of a powerful connection between sensory and cognitive functions across the adult life span: A new window to the study of cognitive aging?. *Psychology and Aging*, 12(1), 12-21. doi: 10.1037/0882-7974.12.1.12
- David, M. J. C. (2014). *Plasticidade cognitiva e envelhecimento bem-sucedido: Otimização e compensação funcional através das atividades de vida diária instrumentais* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/10928>
- Fávero, M. F., & Barbosa, S. C. S. (2011). Sexualidade na velhice: Os conhecimentos e as atitudes dos profissionais de saúde. *Terapia Sexual*, 14(2), 11-39.
- Firmino, H., Simões, M. R., & Cerejeira, J. (2016). *Saúde mental das pessoas mais velhas*. Lisboa: Lidel.
- Fundo de População das Nações Unidas. (2012). *Resumo executivo – Envelhecimento no século XXI: Celebração e desafio*. Recuperado de https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf
- Kalache, A. (2013). *The longevity revolution: Creating a society for all ages*. Adeleide Thinker in Residence 2012-2013. Adeleide: Government of South Australia.
- McCarthy, B., & Pierpaoli, C. (2015). Sexual challenges with aging: Integrating the GES approach in an elderly couple. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 41(1), 72-82. doi: 10.1080/0092623X.2013.831004
- Metz, M. E., & McCarthy, B. W. (2007). The "Good-Enough Sex" model for couple sexual satisfaction. *Sexual and Relationship Therapy*, 22(3), 351-362. doi: 10.1080/14681990601013492
- Metz, M. E., & McCarthy, B. W. (2010). *Desejo duradouro*. Nova York, NY: Routledge.

-
- Ministério Público Portugal. (1991). *Princípios das Nações Unidas para as pessoas idosas*. Adotados pela resolução 46/91 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 16 de dezembro de 1991. Recuperado de <http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/princ-pessoasidosas.pdf>
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17-34. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n1/v14n1a05.pdf>
- Neri, A. L. (2013). Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In L. F. Malloy-Diniz, D. Fuentes, & R. M. Cosenza (Orgs.), *Neuropsicologia do envelhecimento: Uma abordagem multidimensional* (pp. 17-42). Porto Alegre: Artmed.
- Pascual, P. C. (2002). *A sexualidade do idoso vista com um novo olhar*. São Paulo, SP: Loyola.
- Paradella, R. (2018, abril 26). Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. *Agência IBGE Notícias*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>
- Paúl, C., & Ribeiro, O. (2018). *Manual de envelhecimento ativo* (2a ed.). Lisboa: Lidel.
- Paúl, C., Teixeira, L., & Ribeiro, O. (2017). Active aging in very old age and the relevance of psychological aspects. *Frontiers in Medicine*, 4(181), 1-7. doi: 10.3389/fmed.2017.00181
- Urquiza, A., Thumala, D., Arnold-Cathalifaud, M., Ojeda, A., & Vogel, N. (2008). Sexualidad en la tercera edad. La imagen de los jóvenes universitarios. *Punto e Virgula*, 4, 358-374. Recuperado de http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/121679/Sexualidad_en_la_tercera_edad.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Pinker, S. (2017, Dezembro 5). *O efeito aldeia* [arquivo de vídeo]. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=JXBE_76Ccaw
- Thomé, L. (2017, Dezembro 4). Resumo – Susan Pinker. O efeito aldeia. *Fronteiras do Pensamento*. Recuperado de <https://www.fronteiras.com/resumos/o-efeito-aldeia-poa>
- World Health Organization. (2002). *Active ageing: A policy framework*. Retrieved from https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67215/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf?sequence=1
- World Health Organization. (2011). *Global health and ageing*. Retrieved from https://www.who.int/ageing/publications/global_health.pdf?ua=1

Comportamento e afetividade nas redes sociais online

Behavior and affectivity in online social networks

Sandra Bordini Mazzocato¹

Resumo: Este artigo dispõe sobre trocas em redes sociais online que são motivadas por relações de afetividade. Considera-se este um assunto relevante levando em conta o alto número de usuários que interagem nestes espaços virtuais no Brasil e no mundo. Procura-se para este fim traçar um breve panorama quanto a comportamentos recentes que vêm ganhando força e visibilidade inseridos neste processo, como criação de perfis no Instagram e uso de aplicativos de namoro. Traça-se também um comparativo entre os comportamentos mais atuais com os que já existiam no início da popularização da internet, bem como seus primeiros usos para trocas sociais. Propõe-se que as tecnologias não são causadoras absolutas dos fenômenos sociais, mas sim que a própria sociedade e suas demandas levam à criação destas ferramentas, que em contrapartida, potencializam e dão mais visibilidade a estes comportamentos e trocas afetivas. Conclui-se que, ao invés de criar proibições ou moderações legais aos meios tecnológicos, deve-se proporcionar informações aos indivíduos para que estes saibam avaliar qual o melhor uso que podem dar para seus perfis em redes sociais.

Palavras-chave: Comportamento; Afetividade; Redes sociais on-line.

Abstract: This article addresses the personal exchanges in online social networks that are motivated by affectionate relationships. This is considered a relevant issue due to the high number of users who interact in these virtual spaces in Brazil and worldwide. To this end, it is intended to provide a brief overview of recent behaviors that have been gaining strength and visibility as part of this process, such as the creating of Instagram profiles and the use of dating applications. A comparison is also made between the most current behaviors with those that already existed at the beginning of the popularization of the Internet, and its first uses for social exchanges. It is proposed that technologies are not absolute causes of this social phenomenon, but that society itself and its demands lead to the creation of these tools, which potentiate and give more visibility to these behaviors and affective exchanges. It is concluded that instead of creating legal prohibitions or moderations to technological means, information should be provided to individuals so that they can evaluate the best use for their social networking profiles by themselves.

Keywords: Behavior; Affectivity; Online social networks.

O presente artigo propõe-se a discorrer sobre as mudanças de comportamento da sociedade dos últimos anos ocasionadas pelas inovações em tecnologias digitais. Atualmente, com a democratização do acesso à banda larga e aos dispositivos móveis, ocorre um aumento da participação dos sujeitos em ambientes de redes sociais. O Facebook é a plataforma que domina o mercado, atingindo 127 milhões de usuários², somente no Brasil em julho de 2018. Já o Instagram é o campeão de engajamento, possuindo no mundo 1 bilhão³ de usuários ativos por dia, sendo o Brasil o segundo colocado no ranking de interações.

As evidências não ficam apenas nos números e preenchem o cotidiano da maioria dos brasileiros com exemplos empíricos. Cada vez mais é possível observar pessoas com dificuldade de se separarem de seus aparelhos celulares. Os conteúdos gerados e engajamento criado pelas pessoas permeiam diversas esferas de suas vidas, desde o profissional até momentos íntimos e pessoais.

Seja para postar uma foto ou um vídeo, mandar uma mensagem, curtir ou comentar, é comum ver as pessoas utilizando seus celulares em espaços públicos e privados para acessarem suas redes sociais. São variados os motivos que levam as pessoas a esta prática, desde uma simples busca de algo que ocupe um espaço de tédio, até um alívio para um momento de ansiedade. O fato é que os indivíduos entram nestes espaços com frequência, gerando conteúdo e dados relativos aos seus interesses pessoais.

A partir destes números e exemplos citados coloca-se o seguinte questionamento: o que motiva as pessoas a interagirem nas redes sociais online? E quais os principais comportamentos que surgem diante desta prática?

Internet e afetividade: um breve histórico

No início da década de 2000, quando o acesso à internet ainda era discado na maioria das casas, e os smartphones ainda eram ficção científica, muito se falava que a web proporcionaria a formação de uma aldeia global. Pierre Levy (1998), dentre outros teóricos, apontavam para a formação de uma inteligência coletiva, ou seja, uma rede de informações fragmentadas que quando combinadas poderiam ajudar a humanidade a realizar grandes feitos. De fato, muita informação é acumulada e armazenada proporcionando avanços científicos para muitas pessoas e instituições. No entanto, nos últimos anos, percebe-se o crescimento de um outro tipo de uso para as tecnologias. Atualmente, o maior volume de dados compartilhados se dá através da exposição pessoal e interações em relacionamentos de amizade, familiares ou amorosos.

Ou seja, o uso que as pessoas dão aos dispositivos digitais e à própria rede relaciona-se muito mais com afetividade do que construção de saber. Sherry Turkle (2011), no seu livro "Alone Together: why we expect more from technology and less from each other", comenta que as pessoas já consideram que a realidade a qual têm acesso nos smartphones se torna uma extensão da realidade física e presencial à qual se encontram. Trazendo aos indivíduos uma sensação de estarem a poucos cliques de pessoas que podem lhe fazer companhia e proporcionar conforto social. A autora aponta que é como se as pessoas pudessem puxar um amigo de dentro da bolsa a qualquer momento. Além do mais, atualmente percebe-se que essa relação com a tecnologia

penetra em várias esferas da sociedade, atingindo diferentes gerações, desde millennials até baby boomers.

Ainda na década de 1990 já era possível observar a motivação de uso de redes de computadores para colocar as pessoas em contato. O próprio correio eletrônico já era uma realidade antes mesmo da criação da world wide web, já que os primeiros protocolos foram criados na década de 1970 dentro da ARPANET. O ICQ⁴, criado em 1996 foi um programa pioneiro na internet de troca de mensagens instantâneas inaugurando o espaço eletrônico para comunicações afetivas. O software foi uma das primeiras formas para as pessoas se colocarem em contato e criarem redes sociais online, fosse para reforçar contatos com pessoas com quem conviviam presencialmente, ou ampliar sua rede acessando indivíduos de qualquer lugar no mundo.



Figura 1 - Software ICQ de comunicação instantânea.

Esta motivação afetiva, portanto, aparece desde os primórdios da internet, funcionando como uma extensão da própria necessidade de se colocar em ligação com grupos do ser humano. De acordo com Recuero (2012), as pessoas se apropriam dos espaços online para conversação, adaptando-o de acordo com as possibilidades para emular conversas que ocorreriam no âmbito presencial. Porém, nestes espaços são criados rituais diferenciados daqueles já comuns na comunicação oral, com convenções simbólicas próprias que são negociadas através das trocas pelos próprios participantes.

Além disso, é possível afirmar que estes rituais também se modifiquem dentro dos próprios espaços virtuais, variando de acordo com a ferramenta que está sendo usada, ou apenas por surgirem novos modismos dentro de uma mesma ferramenta. No Facebook, por exemplo, inicialmente a forma de trocar conteúdo era através do feed de notícias, em que as pessoas postavam fotos ou textos fixos que podiam ser visualizados por seus amigos que entrassem na plataforma e acionassem a rolagem do feed. Mais tarde, inspirando-se no aplicativo Snap Chat, a plataforma criou a possibilidade dos stories, funcionalidade em que as pessoas podem postar vídeos ou imagens que ficarão

² Fonte - <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>

³ Fonte - <https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/>

⁴ Fonte - <http://icq-planet.com/the-history-of-icq/>

disponíveis para visualização por um tempo determinado, sendo excluídas ao término deste. Isso demonstra que as trocas e rituais de conversação online estão se tornando cada vez mais efêmeros, com uma potencialidade de ressignificação bastante acelerada.

É preciso ter o cuidado e não simplesmente afirmar que tudo isso é reflexo das tecnologias criadas. A própria tecnologia já é uma consequência das necessidades e pesquisas que surgem em seu tempo. De forma que se trata de um processo de retroalimentação em que as trocas sociais alteram as tecnologias ou inspiram a criação de novas ferramentas. E, em contrapartida, as tecnologias potencializam os eventos sociais para além da perspectiva presencial.

Autoimagem e grupos de interesses

Ao passo que os indivíduos passaram a andar com um celular no bolso, os mesmos têm disponível uma ferramenta de geração de conteúdo poderosa que não era nem pensada até algumas décadas atrás. É possível gerar narrativas pessoais, traduzi-la em diversas linguagens e compartilhar para o mundo em questão de segundos. Isso se torna um hábito à medida que as pessoas obtêm retorno positivo e mais trocas sociais em suas redes. Além de que esta prática ao longo do tempo pode formar uma reputação favorável para quem a constrói.

As pessoas querem estar presentes nos acontecimentos mesmo de longe. Saber em Porto Alegre o que seus amigos estão fazendo em Paris ou Melbourne. Mas também querem reconhecimento e feedback positivo dos seus contatos naquilo que postam, sejam textos, fotos ou vídeos. Com essa dinâmica surgem sentimentos de realização e frustração quando o objetivo não é alcançado. Assim, mais do que mera conversação, os rituais formados pelas trocas em redes sociais permeiam o afetivo através da necessidade de autoafirmação e aprovação daqueles que participam dos mesmos espaços. E com as possibilidades de divulgação em grande escala, muitas pessoas se colocam em ligação com um número de contatos ou seguidores cada vez mais alto, composto de desconhecidos em sua maioria.

Sobre a formação da sociedade em rede, Castells (1999) cria o conceito de “matéria-prima” social, referindo-se a artefatos culturais, costumes e relações sociais. De acordo com o autor, as redes se formam através do processamento dessa matéria-prima pelos atores sociais coletivos. Estes absorvem as referências que têm a sua volta e as influências externas, realizando escolhas baseadas em direcionamentos de vida, de gostos e de necessidades, bem como de conveniências. A partir dessa colocação é possível traçar um paralelo com a necessidade de autoafirmação que as pessoas desenvolvem com suas postagens em redes sociais online.

Também para Sibillia (2008) os espaços de trocas sociais na internet proporcionam a possibilidade de que as pessoas compartilhem suas histórias criando uma nova realidade em que toda narrativa merece ser contada. Segundo a autora, existe uma tendência em transformar histórias pessoais em formatos adaptados a códigos audiovisuais já conhecidos por mídias de entretenimentos, como filmes ou séries. Estes códigos influenciam os sujeitos os levando a interpretarem suas vidas de acordo com estas linguagens. Porém, mais recentemente é possível dizer que formatos e linguagens gerados pelos próprios indivíduos através do uso das redes sociais online, acabam por influenciar as mídias de entretenimento, criando um processo em que um influencia o outro em momentos diferentes.

Os influenciadores de redes sociais, por exemplo, tornam-se um grupo cada vez mais conhecido na sociedade como um todo. Em sua maioria são criadores de conteúdos, principalmente para as plataformas do Youtube ou Instagram, muitos deles tendo também blogs pessoais hospedados em domínio próprio. Os conteúdos gerados por estes sujeitos possuem um planejamento, muitas vezes até um roteiro quando são vídeos, mas mesmo se tratando de fotos, há uma construção para garantir uma qualidade estética.

Algumas influenciadoras de moda e estilo de vida, como Thássia Naves⁵ e Gabriela Pugliesi⁶, postam fotos produzidas por fotógrafos profissionais, feitas com preparação do vestuário, maquiagem e cabelo. O resultado disso são imagens que dificilmente se assemelham com um cotidiano de uma pessoa normal, produzindo uma narrativa que tenta simular uma situação real quando na verdade não é o caso.



Figura 2 - publicação na conta do instagram de Thássia Naves de 29/07/2019

⁵ <http://instagram.com/thassianaves>

⁶ <http://instagram.com/gabrielapugliesi>

Estes influenciadores e influenciadoras tornaram-se veículos bastante usados para anúncios publicitários. Para muitos deles a maioria das postagens presentes em seus perfis são os chamados de “publi posts”, em que um ou mais produtos são promovidos sob contrato de marcas que possam interessar seu segmento de público. Assim, contas em redes sociais online que a princípio deveriam retratar o cotidiano de uma pessoa, em muitos casos se assemelham mais a um catálogo de moda, com produção profissional e teor publicitário.

Estas práticas, apesar de não serem ilegais ou mesmo antiéticas com relação à política das plataformas, acarretam alguns efeitos negativos na organização social. As principais críticas são em função da relação que pessoas têm com essas redes sociais. Principalmente por se sentirem frustradas por não terem uma vida parecida com a do influenciador, ou por não possuírem tantas curtidas em suas fotos quanto eles. Inclusive, a partir do segundo semestre de 2019 a plataforma tomou a iniciativa de testar a ocultação das curtidas alegando estarem preocupados com a saúde mental de seus usuários.

O sistema de curtidas e outras formas de engajamento em redes sociais, como comentários e mensagens, auxilia estas plataformas a criarem grupos de interesses demográficos devido ao acúmulo de dados. Isso funciona conforme a descrição de Maffesoli (2005) sobre as identificações que pessoas têm com determinados grupos sociais que possuem interesses em comum. As pessoas se colocam em estado de reificação a partir desses interesses em comunidades que dividem códigos de valores. Os indivíduos podem alternar participações em diferentes grupos sociais de acordo com seus interesses.

Assim, vão se criando novos movimentos, ou alguns movimentos que já existiam passam a ganhar mais visibilidade. A partir do momento em que pessoas se identificam com estes movimentos, seguem perfis relacionados a eles, e passam a absorver para seu repertório pessoal gírias, padrões de comportamento e linguagens estéticas. E da mesma forma, estas manifestações podem trazer consequências negativas e positivas, atingir extremos, se desmembrarem, ou mesmo se transformarem em outros movimentos.

É o caso do movimento LGBTQI+, que recentemente teve a sigla revisada, sendo até pouco tempo identificado como LGBT. Apesar da parcela da sociedade ainda receber muito discurso de ódio, o movimento ganha força com influenciadores que apoiam a causa e auxiliam trazendo maior visibilidade, além de divulgar ações conjuntas ou eventos físicos. É o caso de youtubers como Lorelay Fox (Danilo Dabague)⁷ e Rita Von Hunty (Guilherme Pereira)⁸, personagens drag queens que utilizam seus canais para apoiar a causa e dar uma nova imagem a este segmento da sociedade.

Outro movimento que ganha força é o Body Positive criado nos Estados Unidos em 1996 por Sobczak and Elizabeth Scott⁹ e que tem crescido no Brasil nos últimos anos. O movimento espalha ideais de autoaceitação, autoestima e ressignificação de padrões de beleza, além de um melhor relacionamento que as pessoas têm com sua própria imagem. Os principais influenciadores deste movimento no Brasil são Alexandra Gurgel do canal Alexandrismos¹⁰ e Bernardo Boechat¹¹ do canal Bernardo Fala. Eles criam conteúdo voltado para formação de autoestima e de combate ao bullying e cyberbullying, além de promoverem eventos para divulgarem a proposta.



Figura 3 - Danilo Dabague em sua personagem drag queen Lorelay Fox, no canal Para Tudo do Youtube.



Figura 4 - vídeo do canal Alexandrismos de Alexandra Gurgel no Youtube.

Assim, as relações que as pessoas criam com as redes sociais online são um reflexo das próprias necessidades sociais que ganham novas proporções e maior visibilidade. Elas podem acarretar aspectos negativos como frustração e depressão, mas também podem gerar novos significados e novos padrões de comportamento.

Aplicativos de namoro: padrões de comportamento e cultura do “swipe”

Desde que a internet passou a ser usada para troca de mensagens pessoais, as pessoas passaram a aproveitar o meio também para paqueras e encontros amorosos, seja com pessoas próximas ou distantes. Inicialmente ferramentas não originalmente criadas para isso foram apropriadas e ressignificadas, como o próprio ICQ já citado, o MSN da Microsoft e o Bate-papo da UOL.

Mas, não demorou para que algumas empresas lançassem redes sociais focadas em relacionamentos como Ok Cupid, E-harmony e Badoo. Mas a partir da década de 2010, com o aumento do uso dos aparelhos de telefone celulares, criou-se uma nova forma de paquerar na internet com o surgimento

⁷ <https://www.youtube.com/channel/UC-NW3bCGpuJm6fz-9DyXMjg>

⁸ <https://www.youtube.com/channel/UCZdJE8KpuFm6NRafHTEIC-g>

⁹ Fonte - <https://www.thebodypositive.org/about>

¹⁰ <https://www.youtube.com/channel/UC2LQ5jMieMZjb5k5Gprp2JQ>

¹¹ <https://www.youtube.com/channel/UCv1RFVLBWD-cqUwocOF2qKQ>

do Tinder em 2012. Este aplicativo popularizou a cultura do “swipe”, em que o usuário visualiza fotos de pessoas para paquerar e desliza para a esquerda caso não esteja interessado, e para a direita caso esteja interessado. Posteriormente outros aplicativos surgiram com a mesma proposta, como o Happn e mais recentemente o Date associado à plataforma do Facebook.

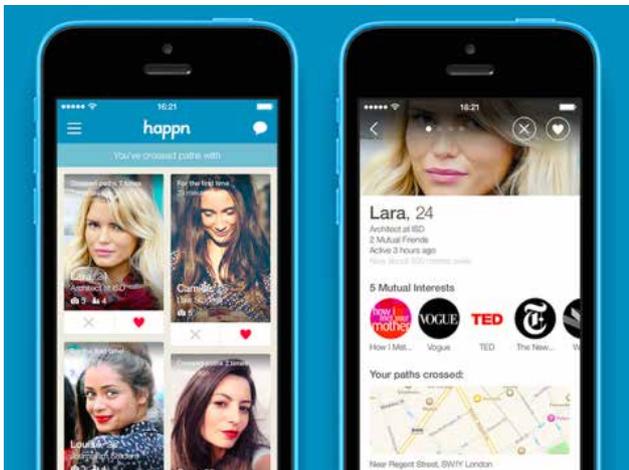


Figura 5 - Interface do aplicativo de relacionamentos Happn.

A cultura do “swipe” cresceu e ganhou força nas comunidades de solteiros de todas as classes sociais e diferentes idades. Este fenômeno demonstra o aumento da efemeridade das relações humanas, realidade que cresce com as novas demandas de velocidade em todos os âmbitos da sociedade, como em situações de economia e trabalho. Acabando por incorporar os contextos de relações mais íntimas. Não é necessariamente negativo ou positivo, apenas uma nova forma de se relacionar que se encaixa melhor no cotidiano das pessoas que acabam por contar com as tecnologias para quase todas as suas atividades.

Conclusão

Reforça-se, portanto, a ideia de que não é a simples existência da tecnologia que gera estes comportamentos como se surgissem do nada. A própria sociedade e suas demandas geram novas formas de relações sociais que passam a ser potencializadas pela tecnologia. Ganham uma escala global e mais visibilidade.

Assim, as tecnologias não devem ser vistas como nocivas ou prejudiciais, muito menos serem proibidas ou moderadas por instituições governamentais. Deve-se sim, educar as pessoas e difundir informações para que cada um tenha sua capacidade crítica a fim de decidir qual uso pode melhor se encaixar às suas expectativas e necessidades.

Referências

- Castells, M. (1999). *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Levy, P. (1998). *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Editora Loyola.
- Maffesoli, M. (2005). *O Mistério da Conjunção*. Porto Alegre: Sulina.
- Recuero, R. (2012). *A Conversação em Rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Sibillia, P. (2008). *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Turkle, S. (2011). *Alone Together: why we expect more from technology and less from each other*. Cambridge: MIT Press.

Quando o que tu consumes te consome: vício em pornografia existe?

When what you consume consumes you: is pornography addiction real?

Diego Villas-Bôas da Rocha¹

Resumo: Este artigo é fruto da experiência clínica em terapia sexual e das recentes pesquisas em vício em pornografia feitas por neurologistas e psicólogos. Ele visa pensar quais seriam os critérios para constituir um vício em pornografia e como este afeta a saúde sexual das pessoas, bem como quais são os sintomas apresentados pelos usuários compulsivos. O artigo também se propõe a correlacionar o vício em pornografia com o transtorno de jogo pela internet, procurando também traçar uma diferenciação entre compulsão sexual e vício em pornografia, apresentando, ao final, dois casos clínicos para mostrar a sintomatologia e o tratamento.

Palavras-chave: Pornografia; Vício; Sexualidade.

Abstract: This article is the result of clinical experience in sexual therapy and the current researches on pornography addiction carried out by neurologists and psychologists. So, it aims at thinking about what criteria set pornography addiction and how it affects people's sexual health as well as what symptoms are found in users who present this compulsion. Besides that, this article also associates pornography addiction with Internet gaming disorder and it presents a differentiation between sexual compulsion and pornography addiction by presenting two clinical cases in the end to show its symptomology and treatment.

Keywords: Pornography; Addiction; Sexuality.

Trabalho apresentado na Jornada Sexualidade na Era da Tecnologia 2019 da SPRGS.

¹ Psicólogo, especialista em Sexualidade Humana pela Faculdade de Medicina da USP. Terapeuta Sexual pelo Centro de Sexologia de Brasília – CESEX. Especialista em Terapia Sexual pela Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana/SBRASH. Especialista em Terapia do Esquema. Presidente do conselho Consultivo Deliberativo e Fiscal da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (Gestão 2018-2020). Vice coordenador do Comitê de Sexualidade Humana da SPRGS. E-mail: diegovillas_boas@yahoo.com.br.

Os temas principais em terapia sexual são as disfunções do desejo e da excitação do orgasmo e os transtornos da dor gênitopélvica. Não são os únicos, mas os mais centrais. As queixas masculinas principais são a disfunção erétil, do desejo, a ejaculação rápida e as dificuldades na relação conjugal. Este artigo constata, a partir da experiência clínica, um aumento no atendimento das queixas de DE (disfunção erétil) e DSH (desejo sexual hipotativo) do público jovem masculino – entre 18 e 35 anos.

Da realidade percebida nos consultórios, na troca de informações com colegas e debatida ainda nos bastidores dos congressos surgem perguntas. O que está acontecendo? O que há de novo? Como hipótese, podemos pensar que homens jovens sentem cada vez mais a necessidade de se mostrarem competentes sexualmente e a pressão social percebida sobre o desempenho aumenta a ansiedade. Talvez acudados frente às mulheres que se mostram com mais desejo, com mais vontade, com mais expressão ativa de sua sexualidade, reajam com medo e desconforto, principalmente, em suas primeiras relações sexuais. A ansiedade é uma hipótese natural, pois é uma causa tradicional de uma disfunção erétil.

Mas no consultório também temos visto muitos jovens que não manifestam queixa de ansiedade e, mesmo em avaliação, não se consegue percebê-la como significativa para comprovação da primeira cogitação. Também não há indicativos de que todas as mulheres tenham uma atitude sexual intimidadora, muito menos a ponto de ser considerada a causa principal de uma disfunção do desejo ou de uma disfunção erétil de grande parte dos homens atendidos na faixa dos 18 aos 35 anos.

Então, o que tem de novo? O que possa ser comum a jovens que não apresentam ansiedade significativa, nem causas orgânicas ou medicamentosas, mas apresentam o relato de disfunção erétil e do desejo?

Vamos considerar a onipresente internet. Os acessos a ela aumentaram muito nos últimos anos, inclusive o uso abusivo da pornografia on-line, impactando na disfunção erétil e no desejo hipotativo.

A dependência de internet foi pesquisada inicialmente em 1996 para investigar usuários dependentes de jogos de azar. Os primeiros critérios de diagnóstico para a dependência foram construídos com bases três abordagens conceituais: 1) vício comportamental (Griffiths, 1999); 2) dependência generalizada e específica (Davis, 2001 apud Young e Abreu 2011); 3) Transtorno do Controle dos Impulsos (Shapira, Lessing, Goldsmith et al 2003).

Não encontramos, via DSM-5, um Transtorno de Pornografia ou Masturbação na Internet, ou mesmo vício em Pornografia, mas consta o Transtorno de Jogo na seção III como “Condições para estudos posteriores”. Já sabemos que o uso das redes sociais como *facebook*, *chats*, *instagram*, entre outras, tem conferido uma nova dimensão social na internet, em que é possível reconhecer uso excessivo. Todavia o presente artigo deseja aprimorar o olhar ao uso da pornografia on-line e quando este uso pode se transformar em uso patológico. Os critérios para identificar este uso patológico podem ser comparados com o de Transtorno de Jogo On-line e o Vício em Pornografia também poderia ser pensado por esta ótica.

Vejamos alguns critérios do Transtorno de Jogo pela Internet, conforme o DSM-5, que apresentam semelhança com os sintomas do que poderia ser um Transtorno de Uso da Pornografia On-line:

- Sintomas de abstinência quando os jogos pela internet são retirados (irritabilidade, ansiedade, tristeza);
- Tolerância – aumento crescente de tempo envolvido em jogos pela internet;
- Incapacidade de controlar a participação nos jogos pela internet;

- Desinteresse por atividades de lazer anteriores aos jogos pela internet;
- Prática de enganar membros da família informando uma quantidade menor de tempo que passa nos jogos;
- Uso de jogos para evitar sentimentos negativos, como culpa, desamparo, ansiedade;
- Risco de perda de um relacionamento ou emprego em virtude da participação excessiva nos jogos pela internet.

Percebe-se que praticamente todos os critérios propostos para Transtornos de Jogos pela Internet poderiam ser igualmente aplicados a uma proposta de Transtorno de Uso da Pornografia On-line. É importante salientar que na experiência clínica verificamos uma diferença clara entre pacientes que ficam somente no uso da internet e pacientes que apresentam uma compulsão sexual.

A compulsão por sexo, de acordo com a classificação (DSM-5), é caracterizada por um padrão persistente de falha para o controle dos impulsos sexuais repetitivos e intensos por um mínimo de seis meses. Na CID 11, comportamento sexual compulsivo não entrou no capítulo de Saúde Sexual, mas foi adicionado como Transtorno de Impulso juntamente com Dependência de Jogos Eletrônicos. Deste entendimento questionamos a relação entre as duas patologias ou seja, no vício em pornografia como um tipo dependência específica virtual. Apesar de encontrarmos diferentes classificações, na prática clínica verifica-se que o uso da pornografia pode gerar, em algumas pessoas, um uso excessivo e cada vez maior, com sintomas de abstinência e prejuízo em outras áreas da vida.

Contudo, é importante percebermos uma diferença significativa entre a Compulsão Sexual e o que estamos nos referindo como Transtorno de Pornografia. O paciente com Compulsão Sexual busca a internet com objetivo de caça e recorre às redes sociais e de sexo para isto. Acaba usando pornografia para se saciar quando não encontra parcerias. Segundo o que temos observado na clínica, a pessoa viciada em pornografia, embora haja relatos de busca do contato virtual com pessoas, procura se saciar mais na masturbação com vídeos pornográficos do que com o ato sexual em si.

Jovens usuários que fazem o consumo excessivo afirmam perceber a pornografia on-line como mais atraente que a pornografia antiga de revistas e filmes, pois é mais rápida e apresenta infinitas novidades. Relatam poder abrir múltiplas abas no computador ou em seus smartphones tendo acesso a todo tipo de sexo e indo direto ao ponto que desejam. Referem não ter motivação ou capacidade de investir tempo em relações afetivas que poderiam resultar em atividade sexual. Não obstante, referem também não terem a capacidade de seduzir o objeto de desejo por diversos motivos.

Muitos jovens com acesso à pornografia online não apresentam dificuldades, mas, entre os que apresentam um uso intenso podemos elencar algumas características as quais se considera que poderiam ser enquadradas facilmente em um critério de vício:

- 1) perde a noção do tempo, não consegue parar de assistir ou participar de chats;
- 2) não se sente bem com o que faz. Verifica dificuldade em relacionamentos sociais, de namoro, no trabalho e no estudo. Se coloca em situação de risco, como por exemplo, assistir em local impróprio: escola, local de trabalho;
- 3) pensa em voltar para casa, para logo se masturbar por motivos diversos, como medo, frustração, brigas e ansiedade.

- 4) se masturba quando está preocupado;
- 5) pode ter lesões na pele do pênis ou dores musculares devido a movimentos repetitivos;
- 6) fica muito crítico em relação a outras pessoas, a sua performance e ao seu físico;
- 7) precisa aumentar a intensidade do estímulo pornográfico para manter a excitação, inclusive com práticas que não deseja executar;
- 8) tem preferência ou obtém maior prazer na masturbação do que no ato sexual;
- 9) sente a diminuição do desejo sexual com parceiras reais;
- 10) apresenta Disfunção Erétil de forma progressiva, e é neste momento que costumam procurar atendimento ou se automedicar.

Existem alguns motivos que fazem a pornografia na internet ser tão sedutora: naturalização (praticamente todos os jovens assistem), acessibilidade, gratuidade, anonimato, novidades ilimitadas, e com isso surge a possibilidade para a escalada de buscas de material cada vez mais extremo e diversificado.

O sexo real, em contraste, envolve cortejos, tocar e ser tocado, conexão emocional e física de duas pessoas e seus desejos, angústias, alegrias e dúvidas. Um tempo para sentir e perceber o outro. Já na pornografia on-line o prazer é automático e unilateral.

É importante que possamos perceber que a pornografia pode sair da esfera do prazer e se tornar um problema, um vício, como nos referimos anteriormente, no qual existe uma clara perda do controle do seu uso, podendo acarretar desconforto em outras esferas, tais como no trabalho e nos relacionamentos sociais e familiares. Estamos nos referindo às situações vivenciadas no consultório através de dois casos clínicos em que foram utilizadas algumas técnicas entre as diversas possíveis. Observa-se que em ambos os casos os pacientes foram atendidos e avaliados por urologistas para descartar questões eminentemente orgânicas envolvidas, mas nada identificaram na função sexual.

Caso clínico A

Homem, branco, heterossexual, 30 anos, católico, empresário. Busca atendimento com queixa de disfunção erétil. Nas últimas relações tem tido disfunção com diferentes parceiras. Ele informa que no momento não tem namorada, mas que tem uma amiga com a qual transa com certa regularidade. Ele relata que mesmo achando ela atraente percebe que não tem desejo pela mesma. Informa que se sente atraído ou mais excitado algumas vezes quando imagina ela com outros homens. Refere que a sua disfunção atualmente persiste mesmo com o uso de medicação para ereção prescrita pelo seu médico urologista. Em relacionamentos anteriores tinha uma boa ereção, contudo, quando eventualmente falhava, tendia a se repetir, ou seja, falhar mais algumas vezes nas próximas relações até que novamente engrenava e seguia sua vida naturalmente. Mas, ao chegar à consulta, refere que a cada dez tentativas somente três funcionam e mesmo assim, de forma não muito satisfatória. Perguntado sobre o uso de pornografia, relata que costuma fazer uso de pornografia todos os dias, uma média de uma a duas horas por dia

e que consegue ter ereções de qualidade em aproximadamente cinco a seis vezes a cada dez tentativas.

Indagado sobre fantasias sexuais, percebe que com o uso da pornografia on-line houve mudança no conteúdo gerador de excitação para ele, de forma que, no início se excitava e satisfazia facilmente com sexo heterossexual de casal, mas posteriormente houve uma necessidade crescente de aumentar as fantasias com swing, gangbang (uma mulher com vários homens) e eventualmente fisting (prática de penetração de mãos e braços). Refere que isso o tem deixado incomodado, pois mesmo não querendo que seja desta forma, efetivamente, percebe que não consegue se excitar com outras fantasias que anteriormente eram eficazes. Não refere ansiedade no sexo real, mas acaba descrevendo-o como monótono e pouco estimulante independentemente da parceira.

Os sintomas de disfunção erétil iniciaram há três anos atrás quando passados seis meses do término de um relacionamento. Durante o período que ficou solteiro, tinha relacionamentos esporádicos e aumentou bastante o uso que já fazia de pornografia. Sentia-se bem com isto. Com o tempo foi percebendo uma maior dificuldade de manter a ereção. Atualmente informa que por vezes inicia o ato sexual ou as preliminares com ereção, mas a perde logo nos primeiros momentos ou simplesmente não consegue ter a ereção em momento algum fora a masturbação individual. Relata que tem preferido assistir pornografia a fazer sexo com as parceiras e que já recorreu à profissionais do sexo, mas que não percebeu maior satisfação. Diz sentir-se perdido e sem saber como agir.

As metas construídas pelo paciente no tratamento abarcam: voltar a ter uma ereção suficientemente forte para que ele possa voltar a ter uma prática sexual satisfatória. E acredita que com isso se sinta mais a vontade e com mais desejo.

O atendimento foi estruturado a partir de uma psicoeducação sobre o que é terapia sexual e vício em pornografia. Foi construído com o paciente a percepção dos prejuízos que ele tem tido com o comportamento. Foi contratada a interrupção do uso da pornografia. Construímos outros comportamentos que sejam gratificantes e que possam substituir o impulso pela masturbação. Foram trabalhados exercícios de foco sensorio, relaxamento corporal com a parceira que era mais frequente e a técnica da ereção sem compromisso. Também foi feito monitoramento através de diários construídos e preenchidos pelo paciente onde era relatado as vezes que ele teve vontade de assistir pornografia, as sensações, as fantasias que passavam em sua cabeça em relação ao sexo, sintomas de irritação e sensação de baixa ou melhora na autoestima.

Nos últimos estágios do tratamento o paciente também foi orientado para exercícios em casa de modo a construir imagens sexuais onde ele estivesse desempenhando o ato sexual. Observa-se que no início do tratamento o paciente não conseguia ficar sem o uso da pornografia e com isso recorria à masturbação. Para evitarmos isso, a partir da terceira recaída, foram utilizados bloqueadores de pornografia no computador e no smartphone. Além de um melhor mapeamento dos estímulos que o levavam ao uso da pornografia.

Ao fim deste tratamento, o paciente recebeu alta, apresentando ainda algumas falhas de ereção, duas para cada dez tentativas, mas com o desejo pelo ato sexual real já recuperado. No momento da alta do paciente, ele já respondia com ereção aos estímulos sexuais com as parceiras nas preliminares e durante a atividade sexual. Salienta-se ainda que a maioria das fantasias

sexuais relatadas anteriormente pelo paciente como extremas não foram mais necessárias para que ele tivesse a ereção e o bom desempenho sexual.

Caso clínico B

Homem, 27 anos, heterossexual, casado a três anos, funcionário público, evangélico não praticante. Ao buscar atendimento informa que a esposa nunca foi muito de sexo, embora fizessem sexo com regularidade, aproximadamente uma vez por semana. O paciente informa que desde o final da adolescência assistia pornografia e que no casamento isto continuou e até aumentou um pouco, pois ela não se importava e ele tinha mais privacidade que na casa dos pais onde morava anteriormente. Com o tempo e com o desinteresse que ele percebia nela ele começa a se dedicar à pornografia por cada vez mais tempo, inicialmente sentindo-se mais homem, mais viril. Mas, aos poucos percebe que mesmo no local de trabalho recorria à masturbação e à pornografia em momentos de tensão. Também informa que começou a ter discussões com a companheira ao ponto dela pedir mais sexo e ele não ter ereção. Informa que ele no início atribuiu a sua dificuldade erétil à inabilidade da esposa e à falta de tesão dela. As discussões do casal aumentaram, seguiram em uma crescente em outras áreas do relacionamento ao ponto que ele chegava do trabalho e ia para o escritório onde relaxava se masturbando e evitando o contato com a esposa. O paciente procura atendimento para resolver sua vida sexual e afetiva com a esposa em um momento que ela começa a alegar que achava que ele teria uma amante e que se continuasse assim ela desejaria se divorciar.

Os sintomas de disfunção erétil com a esposa surgiram desde o segundo ano de casados. Quando chega ao atendimento relata que tiveram somente três tentativas sexuais no último ano e que não teve ereção com a esposa. Informa que nunca foram muito parceiros na cama. Ele tinha ideias e desejos sexuais que a esposa não acompanhava e isso causava incômodo. Além do mais ela não estava sempre disposta para o sexo. Com o tempo foi perdendo o desejo sexual pela esposa, fazendo uso cada vez maior da pornografia e tendo fantasias com outras mulheres, embora relate que nunca considerou realizá-las porque estava casado e isso é errado. O que o fez procurar a terapia foi a disfunção erétil com a esposa, a ameaça de divórcio e a sensação de que estava perdendo o controle com a pornografia, uma vez que estava utilizando cada vez mais em casa e no trabalho.

Relata que, no início, se sentia muito bem com a pornografia e via nisso uma forma de satisfazer seus desejos sem fazer nada de errado. Diz também, que se sentia melhor dessa forma, mas que aos poucos foi perdendo a satisfação que tinha com a esposa e recorrendo somente a essa forma de prazer e que já estava se sentindo prejudicado por isso, principalmente quando percebeu que poderia perder sua companheira e ficaria sozinho.

As metas estabelecidas pelo paciente buscavam retornar a ter uma ereção plena com a esposa e ter mais satisfação no sexo com ela e salvar seu casamento. O processo terapêutico foi estruturado a partir de uma psicoeducação sobre o que é terapia sexual e vício em pornografia. Foram realizados encontros com a esposa em que ele conseguiu falar sobre o uso da pornografia e discutir sobre a dificuldade que ele tinha com o uso da pornografia e o medo que ele tinha com o término do casamento. Nos atendimentos de casal foram trabalhados os mecanismos de resposta sexual masculina e feminina, a comunicação assertiva, bem como a melhor expressão dos afetos. Também foram realizados exercícios comportamentais de Foco Sensorial, Coito não Exigente e uso de filmes eróticos não sexuais de forma que o casal pudesse ampliar a

comunicação e a percepção do que gostariam ou não de compartilhar.

Paralelamente com ele, foram utilizados bloqueadores de pornografia no computador e no smartphone, bem como registro diário para mapeamento dos estímulos que o levavam ao uso da pornografia e estratégias de evitação para que isso não ocorresse. Foram também estabelecidas metas de atividades de lazer compartilhadas e individuais, sendo que para ele destaca-se a corrida que ele passou a fazer diariamente após chegar do trabalho no horário que antes se masturbava e que ele relata ser uma atividade extremamente satisfatória para a saúde e seu humor.

Ao fim deste tratamento o casal recebe alta, com uma comunicação afetiva e sexual bem mais assertiva, podendo discutir, experimentar e, inclusive, postergar a atividade sexual quando assim o desejassem, com uma rotina de lazer mais presente na vida cotidiana e com uma vida sexual mais ativa e satisfatória para ambos.

Por fim, observa-se que cresce, em consultório, o número de adultos jovens com disfunção erétil e desejo sexual hipotativo e que o uso da pornografia deve ser investigado com atenção, juntamente com outras causas orgânicas individuais e relacionais. Todavia, a hipótese de um Transtorno de Uso da Pornografia On-line é importante que seja cada vez mais estudado e pesquisas futuras devem contribuir para o aprofundamento do tema que é cada vez mais presente nos consultórios.

Referências

- American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Griffiths M.D. (1999) Internet addiction: fact or fiction? *The psychologist Bulletin of the British Psychological Society*, 12, 246-250. Disponível em (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4776584/>).
- Organização Mundial da Saúde. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- Shapine, N.A., Lessing, M.C, Goldsmiht, T.D, Szabo, S.T., Lazoritz, W., Gold, M.S & Stein, D.J. (2003) *Problematic internet use: proposed classification and diagnostic criteria*. *Depress Anxiety*, 17(4) 207-16
- Young, K.S & Abreu C.N. (org) (2011). *Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.

Algoritmos do prazer: uso da tecnologia no âmbito da sexualidade; implicações da prática clínica

Algorithms of pleasure: use of technology in the context of sexuality; implications of clinical practice

Jamile Peixoto Pereira¹

Resumo: O artigo visa anunciar meios de interação possibilitados por meio do uso de recursos tecnológicos e suas implicações no âmbito da sexualidade. Cada vez mais, a prática clínica desafia a pensar no tema e investir em mecanismos que não somente nos aproximem das experiências virtuais, mas nos auxiliem na compreensão da complexidade dos casos. Com propósito de buscar entendimento e uma medida saudável para usuários das interações virtuais, surgiu a proposta de uma espécie de algoritmo do prazer, conceito trazido pelas ciências da computação, adaptado às noções e vivências dos processos psicoterapêuticos. Os relatos da vivência cotidiana são lançados como uma forma de ampliar a discussão e proposição de estratégias clínicas que auxiliem no acolhimento e intervenções diante de demandas que propiciam repensar os investimentos acerca da sexualidade e tecnologia.

Palavras-chave: Algoritmo; Prazer, Sexualidade; Tecnologia; Psicoterapia.

Abstract: The article aims to announce the means of interaction enable through the use of technological resources and their implications in the ambit of sexuality. Increasingly, clinical practice challenges to think about the topic and invest in mechanisms that not only bring us closer to virtual experiences but help us understand the complexity of cases. With the purpose to seek understanding and a healthy measure for users of virtual interactions, the proposal for a kind of pleasure algorithm emerged, a concept brought by computer science, adapted to the notions and experiences of psychotherapeutic processes. The reports of everyday experience are launched as a way to expand the discussion and proposition of clinical strategies that assist in welcoming and interventions in the face of demands that allow rethinking investments about sexuality and technology.

Keywords: Algorithm; Pleasure, Sexuality; Technology; Psychotherapy.

Mudanças socioculturais, no contexto atual de ampliação do acesso à internet, vêm produzindo outros modos de relacionamentos interpessoais no contexto social e íntimo. Na medida em que se tornam mais acessíveis no contexto global, as vivências on-line despertam certo grau de curiosidade e infinitas possibilidades, principalmente, nos modos de relação afetiva e sexual.

A utilização de redes sociais para fins afetivos e sexuais é muito comum. Pode estar relacionada às novas experiências entre casais ou, também, para pessoas solteiras que buscam outros modos de ampliar as conexões e experiências. No contexto clínico em psicoterapia, surgem cada vez mais relatos e vivências nesse âmbito, por isso discutir o assunto é um tema pertinente e necessário na atualidade.

Nesse sentido, é importante avaliarmos e construirmos, nos processos psicoterapêuticos, o que pode ser positivo para os objetivos do indivíduo, discernindo daquilo que provoca sofrimento ou pode gerar frustração. Cabe ficarmos atentos, com olhar cauteloso, para problemas relacionados à compulsão, isolamento social e implicações de demais patologias, levando os sujeitos ao reforço da individualidade como mecanismo de defesa e um modo de superar suas dificuldades.

Para transitar na complexidade e amplitude do tema, a proposta é entendermos o algoritmo do prazer como um modo de construção de um modelo que se repete ao propor um passo a passo, condicionado à determinada finalidade, como acontece na construção do algoritmo. O conceito de algoritmo, utilizado pela ciência da computação, define uma sequência de ações para execução de determinada equação que resulta em uma ou mais respostas. Tal processo vai se delineando com a finalidade de alcançar um objetivo de solução a uma equação e/ou proposta. Podemos entender como uma espécie de receita para chegar a determinado fim.

Assim, para chegarmos até um esboço do que seria um algoritmo do prazer, parte-se da análise das relações históricas, construídas por meio da cultura, ligadas ao sexo, corpo, rituais, dentre outros modos de erotização e demonstração do desejo.

Na sequência, apresentaremos modos de como acontecem os processos de busca das experiências com uso das tecnologias até a viabilidade de um algoritmo do prazer como via para as interações afetivas presenciais, propondo formas para um uso saudável com estratégias clínicas que nos fazem refletir sobre o papel terapêutico nesse meio.

Relações históricas da sexualidade

Se um dia o sexo esteve ligado, unicamente, ao casamento como símbolo de procriação, defendido pelo cristianismo como sua única finalidade, com as mudanças socioculturais foi se ampliando e podendo ir além. Por meio do estabelecimento da conexão sexo e amor, transcende a finalidade meramente reprodutiva e permite a sexualização do amor e erotização do sexo.

Não paramos por aí. A revolução sexual, na década de 60, com o advento da contracepção feminina, trouxe para a cena a possibilidade do sexo sem compromisso e da multiplicidade de parcerias sexuais (Wouters e Bejarano, 2006).

A ampliação das possibilidades acaba por gerar expectativas do que fazer com tantas opções. O manejo em como conduzir os caminhos a serem seguidos, a quais rotas direcionar e, ainda, alguns descaminhos, produzem insegurança e ansiedade. O equilíbrio do uso da(s) tecnologia(s) na vida das

pessoas já tem se tornando fonte de inúmeros debates e suas implicações na sexualidade dos sujeitos e nos impasses vivenciados é o que se visa discutir aqui, com intuito de refletir sobre eles por meio de experiências clínicas, nascidas e alimentadas no cotidiano da atuação profissional como Psicóloga Especialista em Terapia Sexual, Diversidade Sexual e Gênero.

Busca por experiências com uso de tecnologias

A busca por experiências sexuais diversas vem sendo tema recorrente nos processos psicoterapêuticos, produzindo sentimentos antagônicos, em que empolgação e frustração contrapõem-se em muitas das situações. De acordo com Sfoggia e Kowacs (2014), as tecnologias afetam o desenvolvimento e a cultura sexual, bem como existem modos como se aprende e se manifesta a sexualidade, inclusive nas redes sociais. Esse processo não está livre de desafios e contradições, pois, de alguma maneira, produz impacto nas relações afetivo-sexuais contemporâneas.

Nesse sentido, buscou-se, por meio deste relato de experiência profissional, lançar impactos da interferência da tecnologia na (re)construção de modelos de relacionamento e suas contribuições e desserviços, no intuito de reiterar o lado bom das marcas da tecnologia na sexualidade e questionar o lado não tão belo, que pode ocasionar descontentamento, frustração e sofrimento.

O envio de fotos íntimas, popularmente conhecido como nudes, tão comentado na atualidade, é um exemplo que pode ser encarado sob mais de uma perspectiva. A liberdade em relação aos próprios corpos traz segurança para que homens e mulheres se sintam estimulados por fotos de nudez de parceiros ou potenciais escolhas íntimas. Essa troca, para casais que estão resgatando a intimidade e investindo em ampliação de repertório nos relacionamentos, pode representar estímulo, conexão e foco no outro. Um casal, em terapia, apresentava como queixa ausência de clima, em função da rotina familiar, dinâmica dos filhos e outras questões e viu, nesse modelo de interação, uma alternativa para ampliar o interesse e a prática sexual e resgatar a satisfação conjugal. Aqui o nude seria uma recomendação saudável e necessária para reativação da intimidade conjugal, reforçando a continuidade do vínculo e motivação no relacionamento. Já uma adolescente, no início de sua vida sexual, ao vazar conteúdo erótico em sua primeira relação sexual, desenvolveu um estresse pós-traumático, prejudicando a continuidade de sua vida sexual, pois, nas relações seguintes, não conseguia relaxar e a penetração era dolorida e impossibilitada pelos registros de memória que indicavam exposição e risco.

Portanto, devemos estar atentos a esses dissabores, pois existe um lado negativo como o vazamento de intimidades. O caminho de libertação da própria intimidade e exploração das possibilidades diferentes de sexo que as novas conexões possibilitam é válido, desde que sob uma base segura de reciprocidade e respeito. Nesse sentido, vale se aproximar das relações sexuais virtuais, que necessitam estar protegidas pelos riscos de exposição, tomando as devidas precauções.

Cada vez mais presente nos temas abordados durante o processo terapêutico, explorar a sexualidade por meio do cibersexo auxilia no entendimento da união de práticas sexuais com o universo tecnológico. Para Lemos, Silva e Caldas (2012), as vantagens da prática do sexo virtual referem-se à facilidade no acesso, identificação anônima, mercado sem limite de possibilidades, enfrentamento do medo da rejeição, comunicação interativa, lacuna entre

experimentar a fantasia e os reflexos nas atitudes da vida real, construção de outras identidades no âmbito virtual, bem como risco reduzido de apreensão.

Dentre os usuários da rede para sexo virtual, tem aumentando o número de adolescentes investindo nessa possibilidade, além da população adulta em geral (Lemos e Vilar, 2018). Torna-se, cada vez mais instigante, demonstrado nos relatos em sessão, encontrar o que se busca de imediato, sem muito esforço de sair do próprio espaço, um conteúdo estimulante e, para alguns, providencial, em função de aliviar os medos e inseguranças relacionados à sexualidade.

Contudo, de acordo com Abreu et al. (2008), no momento em que o uso e o acesso foi sendo ampliado, as consequências negativas também se mostraram, em função do excesso, como um novo problema de saúde mental. Apontam para uma dependência em sujeitos que utilizam a internet como um modo de interação social e de comunicação, em que encontram ampliação do prazer e da satisfação, em detrimento dos acontecimentos presenciais. Estudos demonstram que 80% dos usuários dependentes de internet e 43% que não desenvolveram dependência, afirmam a sensação de desinibição quando conectados à rede (Greenfield, 2011).

A grande questão está pautada na transição do acesso para um modelo de dependência ou para a dinâmica de uma compulsão. Segundo Greenfield (2011), na internet, há uma super oferta de conteúdos estimulantes às adições, nem todos exclusivos da rede, considerando que os mais aditivos, relacionados a sujeitos que precisam de acompanhamento clínico, são o conteúdo sexual e os jogos de vídeo ou computador. Por ser acessado a qualquer instante, eleva o potencial de dependência, pois “se o conteúdo é a matéria-prima, o meio de internet é a seringa psicológica que introduz o conteúdo no nosso sistema nervoso para que seja consumido” (Greenfield 2011, p. 175).

Para Greenfield, (2011, p.177) “esse efeito de desinibição é mais uma confirmação da internet como um meio psicoativo; o efeito alterador da consciência e do humor parece operar independente do conteúdo”. No campo da sexualidade, aproximaria os sujeitos de modo menos impactante, sem busca de recursos de enfrentamento e interação. Isso afastaria o contato interpessoal e colocaria a interação virtual como centro de suas vidas? Provavelmente, sim, de maneira especial, em sujeitos com demais patologias associadas.

Os usuários afetados pelo uso excessivo, problemático para uma vida emocional saudável e equilibrada, podem estar associados a questões de vulnerabilidade individual, histórico de compulsões e transtornos de descontrole de impulsos, como padrões que justificam uma relação de excesso ou, até mesmo, dependência. “Debate-se que o usuário dependente de sexo virtual apresenta dificuldades na liberdade de escolha, comportamentos compulsivos, pensamentos obsessivos, isolamento e tempo excessivo na prática de sexo virtual” (Lemos, Silva e Caldas, 2012).

Assim, a exploração da sexualidade é um ponto que acaba impactado com o uso de tecnologias. Sejam novas experiências entre mulheres que sempre tiveram relações com homens, querendo viver sexualmente momentos com outras mulheres, sejam entre homens que sempre se relacionaram sexualmente com mulheres e que, com o uso da tecnologia, puderam se conectar com outros homens, tendo experiências com eles. O mesmo se dá com casais que, com o apoio de redes sociais, viveram experiências sexuais em trio, conseguindo encontrar esse terceiro membro pela conexão estabelecida por meio da tecnologia.

Casos em psicoterapia nesse sentido são comuns, como jovens que se abrem para experiências sexuais na tentativa de entender melhor suas próprias

sexualidades por meio de redes sociais, pela facilidade de conexão com pessoas semelhantes que compreendam suas questões. Os aplicativos de encontro permitem que se determine se você gostaria de ter parceiros do outro sexo/gênero, bem como do mesmo sexo que o seu, o que facilita a demonstração de interesse, a conversa prévia antes de um encontro, e o próprio encontro que pode ou não ter como objetivo o sexo.

Uma paciente homossexual, com dificuldade de estabelecer vínculos duradouros, vivenciou isso quando encontrou parcerias para festas e programações culturais, com pessoas heterossexuais, mas com afinidades e interesses comuns, da mesma forma em que saiu com mulheres, interessadas em relações afetivo-sexuais, mas que não tiveram a mesma continuidade que as amigas que permaneceram e proporcionaram parceria em saídas, bem como a ampliação de interação em sua agenda.

Nas inúmeras situações apresentadas nos processos terapêuticos, alguns relatos eram comuns e bem próximos quanto a expectativas e vivências. Assim, através desses meios de intersecção, foi construído o que intitulamos de algoritmo do prazer, abrindo possibilidades de entender, passo a passo, a sequência de ações que utilizam recursos digitais e tecnológicos promotores dos encontros presenciais focados na intimidade.

Algoritmo do prazer

A busca por parceria romântica tem alterado seus rumos na contemporaneidade. Não raro, pacientes relatam a busca por um par nos aplicativos de relacionamento, tais como Tinder, Happen e afins. Diante de inúmeros casos e muitas semelhanças, foi possível esboçar o que poderia ser considerado um algoritmo do prazer, dentro da perspectiva de quem busca atender ao desejo sexual, estabelecendo uma conexão que se inicia no ambiente virtual.

Se pensarmos na dinâmica da possibilidade de criação de um algoritmo do prazer no cenário atual, iniciariamos elencando como demanda o atendimento do desejo sexual. Os primeiros passos sinalizados são compostos por uma série de ações práticas, tais como localizar o celular, baixar aplicativo e informar o perfil (fake ou não). Depois de repetir a busca pelo(a) parceiro(a), informar localização, definir algumas características, demonstrar interesse, uma breve conversa de identificação, sem deixar de executar algumas perguntas de segurança.

Contudo, se nada interessar, então, desistir até encontrar alguém disponível. Se o ou a parceiro(a) estiver próximo à localização, pode acontecer um encontro presencial, com ou sem jantar, bebida ou petisco e, com isso, caso o clima esquentar, o sexo presencial pode acontecer.

Se não, existe a possibilidade de nudes, estimulação, sexo virtual até o fim da conexão. Ainda, há chances de não rolar nada, não ter internet ou algo do tipo e termos que administrar angústia, depressão, abuso de álcool e/ou demais substâncias, ou nos distrairmos com música, Netflix e, até mesmo, dormir encarando a frustração.

Nesse sentido, tolerar as frustrações é fundamental, bem como estar atento para os momentos em que o acesso à internet pode se tornar um comportamento perigoso, na medida em que se torna incontrolável e substitutivo de outros modos de relação/interação. Segundo Abreu, Góes, Vieira e Chwartzmann (2008), a expansão do número de usuários da rede provocou impactos negativos, pautados no excesso de seu uso, tornando-se uma questão a ser avaliada quanto aos danos para a saúde mental. Tais autores utilizam

termos como “dependência de internet”, “uso patológico ou problemático da internet” para descrever a incapacidade do sujeito em ter controle sobre o uso da rede e nos impactos em seu contexto social.

Muitos autores defendem que a dependência se dá pelo uso de aplicativos e não pelo acesso à internet por si só. Esses usuários acabam por utilizar a rede como um recurso social, por meio de obtenção de mais prazer e satisfação quando estão em conexão, ou seja, diante de experiências virtuais, do que nas vivências presenciais. Torna-se muito provável que o “uso patológico da internet se trate, mais propriamente, de uma forma específica de dependência, mais condicionada a elementos da história de vida e à dinâmica da personalidade do que a qualquer alteração neurofisiológica” (Abreu, Góes, Vieira e Schwartzmann, p. 142).

Tratamos como um comportamento de dependência quando nenhuma substância psicoativa é acionada, mas, sim, como um processo psicológico, como um modo de relação com a internet em resposta a algum tipo de funcionamento e/ou estados emocionais. No caso da sexualidade, entende-se a internet como “um ciclo mais eficiente e rápido de excitação e satisfação sexual” (Greenfiel, 2011, p. 181). Assim, o formato potencializado pela internet pode desencadear comportamentos sexuais compulsivos, em que o conteúdo de estímulo do componente sexual é ativado pela experiência psicoativa do ambiente virtual.

Reflexo das interações afetivas na “vida real”

Os impulsos sexuais, segundo Einstein (2013), são regulados pelos limites sociais que podem desafiar riscos de impulsividade e liberdade, bem como transcender regras de proteção, códigos morais e éticos que operam, subjetiva e socialmente, o que faz com que o questionamento acerca desses limites tênues entre uso e abuso devam ser elencados.

Por isso, de acordo com a autora supracitada, devemos estar atentos aos sinais de risco e aspectos de um uso inapropriado, em excesso ou em horários inadequados. Nesse sentido, uma boa psicoeducação, relacionada ao processo de dependência em tecnologia, é muito importante para o bom andamento do tratamento.

É importante avaliar o tempo e a frequência com que se está fazendo uso, em prol das interações sociais para minimizar o estágio de dependência. A continuidade do uso precisa ser reeditada e, de acordo com Lemos (2018), este é um ponto crucial e complexo, pois o paciente pode resistir em modificar o hábito, o que não auxilia no enfrentamento das situações ansiogênicas.

Falando em mudança de hábitos e conexão virtual, um casal, atendido em psicoterapia, busca ajuda para reconexão da vida sexual, tendo, como uma das principais queixas, o uso da pornografia, em prol de interações mútuas entre o par. Assistir juntos aos filmes não despertava aproximação, mas, sim, potencial erótico vivenciado individualmente, tendo como estímulo, a verbalização sobre os atos narrados a partir dos vídeos. Ao se darem conta do quanto essa prática estava distanciando-os, foi possível trabalharmos juntos o desejo aliado à comodidade e facilidade, mas com sintomas de angústia e dependência de algo externo à relação conjugal que não permitia a conexão dos parceiros.

A busca por essa conexão existe, por exemplo, nos aplicativos de paquera, em que, em alguma medida, a expectativa de um contato presencial está colocada. Para Santos (2016), esses recursos aliam interação em tempo real,

uso facilitado, mobilidade e comodidade na busca, mas ainda não estudados, no Brasil, em relação aos impactos de seu uso no comportamento afetivo e sexual das pessoas.

Uso saudável das redes sociais

Novas conexões, possibilitadas pelo uso de aplicativos, redes sociais e outros recursos tecnológicos aproximam sujeitos e ampliam o acesso às conexões, reais ou virtuais. Contudo, não deve estar dissociado de uma medida saudável, ou melhor, exigindo cuidados para que não seja estabelecido um padrão que vicia e aliena o indivíduo, sem deixar de considerar o impacto disso na interação e no coletivo. Graeml e Graeml (2004) já sinalizavam para o impacto do uso excessivo da internet no comportamento social das pessoas, apontando para subcategorias, sendo sexo e relacionamentos uma delas.

À medida em que a tecnologia pode ser uma aliada para pessoas que têm problemas de interações sociais, autoestima ou fobias sociais, isso pode gerar problemas psicológicos de isolamento, dependência de aparelhos tecnológicos ou até conectar, de forma errônea, pessoas. Casos de estupro, perseguições e catfish, que é a prática de pessoas se passarem por outras na internet com fins amorosos ou sexuais, são comuns.

Nesse sentido, buscar estratégias para não ficarmos à mercê do algoritmo são importantes e cruciais na psicoeducação de nossos pacientes. Cuidado com gatilhos que levam ao uso dos aparelhos eletrônicos (celular, iPad, etc.). Diminuir o acesso aos aplicativos e redes sociais pode ocorrer, em um primeiro momento, pela exclusão ou utilização de ferramentas que reduzam esse acesso. Em algumas situações, torna-se importante, inclusive, desativar notificações e deixar o celular no silencioso ou modo noturno, para que possa se estabelecer concentração e conexão com outros elementos.

A busca por outras formas de contato também auxilia a percepção de capacidade dos sujeitos para além do universo digital e/ou virtual. É importante entender que a tecnologia e o contato virtual podem ser usados como um recurso de experimentação e o start para um processo de aproximação, mas não como finalidade absoluta para aproximar, unicamente, os sujeitos.

Nesse sentido, cabe o cuidado de aproximar quem está longe, sem afastar pessoas próximas e disponíveis que estejam perto. Além disso, devem ser estabelecidos os limites de intimidade e privacidade. O anonimato aumenta a liberdade em relação à exposição e pode gerar riscos, como o vício em depender, única e exclusivamente, da tecnologia para se relacionar. Dessa forma, instiga a desinibição, anonimato e possibilidade de criar, fantasiar e viver outras possibilidades. Conforme Greenfiel (2011, p. 178), “a fantasia e o desempenho de papéis via internet são muito atraentes e se notam, principalmente, nos jogos, bate-papo sexual (cibering) e em situação de redes sociais”.

Para uma paciente com diagnóstico de ansiedade social e marcas de relacionamentos abusivos, o contato virtual possibilitou conhecer e se aproximar de pessoas por meio das redes sociais, até conversas mais íntimas. Nesse caso, cabe salientar, conforme relatam Abreu et al (2008), a internet como um meio de estabelecimento de vínculos que, por serem virtuais, minimizem a ansiedade. Greenfiel (2011) aborda os benefícios secundários, ou seja, indiretos, que reforçam o padrão de dependência, os quais se apresentam como meio de evitação a situações ansiogênicas, tais como a interação social, o desempenho escolar ou profissional, fugindo da proximidade de vínculos familiares, de amizade ou sociais.

A internet limita e simplifica as deixas de inteligência socioemocional necessárias para um nível de interação mais manejável. Para a maioria dos usuários, ela diminui e atenua os níveis de atenção, interação, risco emocional e conexão íntima necessários no relacionamento social. Ela reduz o se relacionar a um nível tolerável. Para pessoas com dificuldade de aprendizagem, déficit de atenção, transtornos desenvolvimentais globais, ansiedade social e fobias, a internet passa a ser um ambiente seguro, previsível, circunscrito (Greenfiel, 2011, p. 182).

Nesse caso de ansiedade social, a troca de ideias, conexão do desejo e novas práticas puderam ser exploradas, bem como sensações táteis e conhecimento de suas zonas erógenas antes não desvendadas, como uma possibilidade de se conectar consigo para viabilizar o acesso ao outro. Esse recurso de utilizar a tecnologia como um meio despertou credibilidade e ampliação de suas habilidades sociais, treinadas em sessão, para o encorajamento de enfrentar os contatos presenciais, acessando a finalidade de engajar-se em relações presenciais.

Em nenhum momento foi deixado de ser sinalizado que o contato virtual pudesse substituir o presencial, bem como a auto erotização e masturbação estivessem a serviço de evitar a interação, mas sim, explorar o autoconhecimento e a autoconfiança, visto que sujeitos com ansiedade social apresentam, segundo Caballo (2016), déficit nas habilidades sociais e se beneficiariam na experimentação, no aprendizado e na ampliação de tais habilidades como meio de conexão dos sujeitos com seus ambientes. Contudo, implica em exposição a situações temidas, contrariando o recurso básico de evitação das situações que desencadeiam ansiedade para que, em algum momento, seja possível não somente reduzir o sintoma da ansiedade, como atuar na reestruturação cognitiva e na experiência e comportamentos saudáveis.

Nesse sentido, a expressividade virtual forneceu confiança e sensação de adequação às situações vivenciadas no cotidiano, ancorada por uma espécie de autorização para experimentar situações antes evitadas, fazendo com que o uso da tecnologia representasse um elo entre a paciente e os possíveis parceiros românticos.

Estratégias clínicas

Na atualidade, desconsiderar o recurso tecnológico e as possibilidades lançadas pelo “algoritmo do prazer” representaria um prejuízo nas relações terapêuticas. A construção de intervenções, baseadas em tentativas e, até mesmo, equívocos, vai reeditando modos de subjetivação e ampliação de recursos aos sujeitos. Muitas vezes, demonstrar curiosidade e se aproximar das realidades virtuais, vivenciadas pelos sujeitos, pode proporcionar pistas potentes para a evolução terapêutica.

O potencial em identificar o modo como o sujeito interpreta as situações e vivencia suas emoções faz com que possamos conhecer seus pensamentos automáticos, o sentimento e quais poderiam ser os gatilhos para o sofrimento. Nem sempre conseguimos acessar as crenças, embora possamos esboçar hipóteses sobre o que desencadeia o sofrimento.

O relato acerca das experiências no ambiente virtual e nos modos de conexão da atualidade fala muito do funcionamento, estilo e personalidade do nosso paciente, a maneira como estabelece seus vínculos e se apropria da condução de sua vida para construir a própria história, amparada pelo acolhimento no setting terapêutico.

O importante, no entendimento clínico, segundo Abreu et al. (2008), seria promover a reestruturação cognitiva relacionada ao modo de aplicabilidade do uso das redes, bem como observar o tempo de uso, os gatilhos que levam ao consumo de internet, os modos de interação e o treinamento de habilidades sociais que permitam aos sujeitos contatos com assertividade fora do ambiente virtual. Interromper o uso não seria uma medida possível nos dias de hoje, nem deve ser um objetivo do tratamento, mas sim, a busca por um uso com menor disfuncionalidade e plena liberdade de escolha, com alternância dos hábitos e estratégias para adequação de sua relação com a internet.

Considerações finais

A medida do uso e a percepção do abuso nas relações atravessadas pelo advento da tecnologia marcam a contemporaneidade de modo peculiar, pois, atualmente, não existe a possibilidade de alienação dos recursos tecnológicos. Contudo, o excesso pode acarretar prejuízos e desconectar os sujeitos das vivências presenciais que consolidam as relações e aproximam os sujeitos no cotidiano.

Entretanto, nem todos/as usuários/as tornar-se-ão dependentes, muitas pessoas terão, inclusive, benefícios. O benefício é conseguir usufruir como meio e não somente enquanto um fim que se encerra nele mesmo. A proposta de um algoritmo do prazer seria pautada, justamente, nesse potencial de apoio, incentivo e motivação, no uso com moderação, na medida entre assertividade e conexão. A tecnologia como recurso de aproximação, não como sinônimo de distanciamento presencial.

Precisamos, bem mais do que acolher, entender e ressignificar o uso da tecnologia, discutindo os impactos. Para que possamos nos aproximar, no intuito de estabelecer uma relação com essa complexidade, é essencial não julgar e acreditar que podemos utilizar, como recurso terapêutico, alternativas possíveis, sem, contudo, ampliá-las em grande escala para não dificultar ações concretas que possam manter uma média saudável de aproximação e, também, de distanciamentos, quando necessários.

Assim, a busca por um modo de representação dessas vivências permite-nos repensar as intervenções terapêuticas e colocam a prática clínica em uma dimensão que exige não somente ampliar os significados, mas, também, estarmos atentas ao contexto, aos signos apresentados, aos ditos e não ditos que o ambiente virtual é capaz de proporcionar.

Referências

- Abreu C.N., Góes D.S., Vieira A., Chwartzmann F. (2008). Dependência de Internet. In. Abreu CN, Tavares H, Cordas T. *Manual Clínico dos Transtornos do Controle dos Impulsos*. Porto Alegre: Artmed.
- Caballo, V.E (2016). *Manual de Avaliação das Habilidades Sociais*. São Paulo: Santos.
- Eisenstein, E. (2013). Desenvolvimento da sexualidade da geração digital. *Adolescência e Saúde*. Rio de Janeiro, v.10, p. 61-67.

-
- Graeml, K.S.; Volpi, J.H.; Graeml, A.R. (2004). O impacto do uso (excessivo) da Internet no comportamento social das pessoas. *Revista Psicologia Corporal*. Vol.5.
- Greenfield, D. (2011) As propriedades de dependência do uso de internet. In Young, K.S; Abreu, C.N. (Org) *Dependência de Internet: manual e guia de avaliação e tratamento*. Porto Alegre, Artmed.
- Lemos, I.L., Silva, M.C.M.D.M, I.L., Caldas, M.T. (2012). *Dependência de Sexo Virtual (cibersexo): uma revisão da literatura*. *Neurobiologia*, 75(3-4), pgs. 135-144.
- Lemos, I.L., Vilar, J.I. (2018) Black Mirror e as dependências tecnológicas: as múltiplas telas hipnóticas. In Cardoso, B.L.A & Barletta, J.B. *Terapias Cognitivo-comportamentais: Analisando teoria e prática por meio de filmes*. Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Santos, S.C. (2016) *Meu tinder tá bombando!. Geolocalização, sociabilização e vivência da sexualidade*. Reunião Brasileira de Antropologia: João Pessoa.
- Sfoggia, A.; Kowacs, C. (2014). Sexualidade e novas tecnologias. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v.16, nº2.
- Wouters, C.; Bejarano, V.C. (Tradução e adaptação). (2006) Tecnologia e o Equilíbrio da Sensualidade no Amor e no Sexo. *Revista Gestão Industrial* V.02, n.03: p. 174-183.

Amor de bolso

Pocket love

Léo Hemann Strack¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo explorar como fatores biológicos, psicológicos e sociais se relacionam e se manifestam na experiência afetivo-sexual do ser humano. Começamos com dança do acasalamento dos animais e terminamos o trajeto com estratégias de auto revelação e auto apresentação no meio virtual. Tecnologias como smartphones e internet foram, e ainda são extremamente impactantes nas nossas vidas, permeando áreas de trabalho, lazer e relacionamentos. Se a 30 anos atrás era necessário sair de casa para conhecer alguém diferente, hoje é possível fazer um perfil em uma rede social e ter acesso a informações e contato de pessoas do mundo inteiro sem levantar do sofá. Relacionamentos começam e terminam através destas tecnologias. Aos poucos viemos aprendendo a adaptar comportamentos e padrões da nossa biologia para o mundo virtual. Ao invés de esperar dias para ver a pessoa amada podemos fazer chamadas de vídeo, ao invés de ir a uma festa acessamos um aplicativo de relacionamento e escolhemos com quem queremos conversar baseados em fotos e auto descrições. Muito ao nosso redor mudou, mas veremos que a essência dos processos não mudou tanto assim.

Palavras chave: Relacionamentos; Virtual; Sexualidade.

Abstract: In this article we are going to explore how biological, psychological and social factors interact and manifest in themselves in affective and sexual human experience. Starting with mating rituals in animals and going through until concepts like self-revelation and self-disclosure. Internet and smartphones are extremely influenciadas technologies in our lives, either at work, recreation or love. Thirty years ago we had to go to places like pubs or parties to meet new people, today all we have to do is access a social media and it's done: lots of people to interact with without even getting off the couch. Relationships begin and end through the phone. Everyday we learn something about how behave in this virtual world. We make video calls instead of waiting days when we miss someone, we go to dating apps and browse in a sea of pictures and profiles. A lot has changed, the way we live our love lives has changed, but the essence of the process is still the same.

Key words: Relationship; Technology; Sexuality.

Dentro da psicologia estamos mais do que acostumados com o termo biopsicossocial, entretanto raramente temos a oportunidade de pensar sobre as influências de cada um dos três aspectos em nossas vidas. Neste primeiro momento venho propor uma reflexão sobre as possíveis influências da faceta biológica do ser humano. Por mais que sejamos capazes de feitos tecnológicos, produções artísticas e organizações sociais complexas, ainda assim somos animais; tão animais quanto macacos, ratos, aves e até mesmo insetos. Compartilhando assim aspectos em comum na alimentação, sobrevivência e reprodução.

Quando pensamos em *dança do acasalamento* algumas cenas podem vir em mente a imagem de alguns filmes: a cena do *Simba*, protagonista do rei leão, cantando a música de Elton John junto com a *Nala* na beira de uma cachoeira. O *Bob de Família Dinossauro* treinando os passos da dança literalmente. As opções são diversas e talvez não sejam exatamente estas que você lembrou. Entretanto, muito provavelmente tenha vindo a imagem de algum animal selvagem realizando um comportamento que tem por objetivo iniciar o processo de cópula. Também conhecido como coito ou relação sexual. Mas quais as semelhanças entre essa cena e, por exemplo, as cenas de dança no filme *Embalos de sábado à noite* e *Dirty Dancing*? Até que ponto não podemos traçar um paralelo e ver estes exemplos como um comportamento que visa a relação sexual?

O que comumente chamamos de dança do acasalamento nada mais é que um comportamento de cortejo, normalmente realizado pelo macho, em busca do acasalamento. Não é incomum que apenas o macho que vença a disputa com outros machos tenha o benefício de executar o cortejo perante a fêmea. Neste cortejo são exibidas características físicas e comportamentais consideradas adaptativas na espécie. Um exemplo claro do último ocorre entre os pavões: um macho que esteja bem nutrido e apresente vigor físico provavelmente será capaz de exibir uma plumagem mais vistosa, chamando atenção da fêmea, que busca as mesmas características para sua prole. Estes comportamentos de cortejo são tão difundidos e tão particulares de cada espécie que artigos como "Multiple sexual advertisements honestly reflect health status in peacocks (*Pavo cristatus*)" são comuns na literatura.

Temos então dois pontos interessantes a serem abordados: será que, normalmente, o macho é quem realiza este cortejo? E quais são as características adaptativas para a espécie humana? Vamos começar pela questão de quem executa o cortejo e quem é cortejado. Para isso pensemos no exemplo: em um arquipélago existem duas ilhas. Na ilha A habitam 50 mulheres e 10 homens, na ilha B habitam 50 homens e 10 mulheres. Quantos bebês podem nascer em cada uma das ilhas em um período de aproximadamente um ano e meio? Esta não é uma questão difícil, podem ser gestados 100 bebês na ilha A e 20 bebês na ilha B.

No caso dos seres humanos é muito mais custoso energeticamente para as mulheres terem bebês do que para os homens. Enquanto elas precisam, de um ponto de vista bem simplista e biológico, despender nove meses na gestação, um homem não precisa de muito mais que alguns minutos para fornecer o material genético necessário e o resultado virá após nove meses sem muito impacto em sua vida. Se levarmos em conta um grupo de humanos na pré-história, uma mulher que engravidasse corria muitos riscos, tanto de ser vítima de um predador, quanto na locomoção e obtenção de alimento. Por isso, é comum observarmos na natureza que: o sexo (macho ou fêmea) que produz o gameta de menor custo energético será menos seletivo na busca de parceiros em comparação com o sexo que produz o gameta de maior custo energético. Mas o que significa maior ou menor custo energético?

Quando falamos menor custo energético estamos falando do custo em quilocalorias de comportamentos, alterações metabólicas, fertilidade, enfim, tudo que esteja relacionado com a reprodução de um indivíduo e sobrevivência de sua prole. Um ótimo exemplo são os comportamentos relacionados ao cuidado parental. Na espécie de aranha *mecynogea erythromela* os machos investem muito em cuidado parental, protegendo os ovos de predadores e fazendo a manutenção da teia onde se localizam (Moura, 2014). Isso faz com que muitos machos sejam altamente seletivos na escolha de suas parceiras, visto que despendem muitas quilocalorias em comportamentos de cuidado da prole. Entretanto, este papel de selecionador não é simples, pois ser extremamente seletivo pode ser um tiro que sai pela culatra, dificultando demais o encontro entre parceiros e terminando o período reprodutivo sem uma prole, o que pode ser a diferença entre passar, ou não, seus genes adiante no mundo animal.

Biologicamente na espécie humana o sexo que tem o gameta com menor custo energético é o masculino devido, principalmente, a ausência de gestação. Porém neste momento não devemos esquecer aquela palavra lá no início do texto: biopsicossocial. Nossos comportamentos reprodutivos não são determinados, mas sim influenciados por nossa biologia. Também temos diversos outros fatores psicológicos e sociais envolvidos neste custo energético. É exatamente nestes outros fatores que estão as especificidades de cada grupo e sociedade. Segundo Sumter;Vandenbosch (2018) homens geralmente são estimulados socialmente a valorizar o relacionamento com múltiplas parceiras e desempenhar um papel mais ativo nos encontros enquanto é esperado que mulheres tenham um papel mais passivo assim como invistam mais em um comprometimento afetivo.

Podemos observar neste exemplo que tanto fatores biológicos (custo energético do gameta e sua relação com a seleção de parceiros), quanto fatores sociais (comportamentos esperados das figuras masculinas e femininas) compõem um cenário final como observado no artigo. O que nos leva a pensar nos possíveis entrelaçamentos de movimentos políticos e sociais com fatores biológicos e evolutivos ao longo da nossa história. Neste momento entramos no segundo ponto: quais são as características adaptativas para espécie humana?

Darwin (2014) é conhecido por seu trabalho "A Origem das espécies" e alguns de seus conceitos ainda são presentes até hoje na teoria da evolução. Foi sugerido que nos casos de espécies com dimorfismo sexual (onde fêmea e macho apresentam características que evidenciam a diferença entre os sexos) alguns dos traços secundários que um macho, ou uma fêmea, exibem têm a função de atrair o sexo oposto e estão presentes pelo simples fato de ser uma preferência na espécie. O que Darwin estava querendo dizer é que machos desenvolvem, por exemplo, plumagens exuberantes, chifres grandes ou comportamentos chamativos simplesmente porque as fêmeas gostam. Em outras palavras: machos atraentes geram filhotes atraentes que tem mais chance de conseguir parceiras e dar seguimento ao ciclo.

Hoje em dia temos uma ideia diferente em relação a estas características sexuais secundárias. Sabemos que algumas delas estão relacionadas a fatores genéticos que contribuem, não apenas para a reprodução de seus possíveis descendentes, como também para sua sobrevivência. Voltamos então para o exemplo do pavão: o macho que apresenta uma plumagem mais vistosa provavelmente está melhor nutrido e sofreu menos com predadores (Loyau, 2005). Mas o que nos interessa aqui é como ele atingiu estes resultados e não os resultados em si. Pavões selvagens caçam ativamente formigas, grilos, centopeias e outros artró-

podes, chegando a se alimentar até mesmo de pequenos mamíferos. Podemos supor, por exemplo, que um pavão selvagem que esteja bem alimentado tenha sucesso em sua caça, comportamento que depende de características como uma boa visão, coordenação para ciscar, entre outras. Todas consideradas desejáveis e adaptativas para seus descendentes. Porém, nem mesmo uma fêmea pavão teria paciência para observar machos ciscando e procurando alimento ou conferindo se eles precisam ou não de óculos para só então escolher seu parceiro. Para evitar esse problema ela usa outras características como indicadores: se ele tem barriga de tanquinho deve ter uma alimentação saudável e provavelmente não vai ter problemas cardíacos antes dos 50.

Certamente o processo de escolha de parceiros não se resume apenas a características desejáveis para a prole na sociedade humana, o que dá esperança para nós gordinhos com personalidade. Mas será que também é assim no reino animal? A reprodução e os órgãos envolvidos nessa atividade estão intimamente ligados com o processo evolutivo nos animais e, por isso, apresentam não só uma grande variedade de características entre as espécies, mas, também, uma grande variação ao longo do tempo de evolução de uma mesma espécie. Em muitos animais a genitália é utilizada também no processo de cortejo, levando a diferenciações que visam não apenas a prole, mas também seus progenitores. Entre essas adaptações, podemos citar o besouro que esfrega e bate com seus dois apêndices na parceira a fim de estimulá-la durante o coito e também algumas espécies de bovinos que utilizam uma extensão em formato de chicote para aumentar a sensação de prazer na fêmea. Há também as modificações que buscam desincentivo da cópula, como é o caso dos gatos que apresentam pequenos espinhos no pênis a fim de arranhar o canal vaginal da gata e diminuir a propensão de que ela copule com um macho rival. Inclusive se acreditou uma época que o próprio pênis humano teria a glândula em forma de cogumelo, pois, dessa forma seria capaz de, ao mesmo tempo que lança seu esperma, retirar resíduos da ejaculação de outro macho que tivesse “passado por ali” antes.

Então, ao pensar no processo da reprodução humana precisamos considerar os seguintes aspectos: quais são as características adaptativas e desejáveis em relação à prole; e quais as características adaptativas e desejáveis em relação ao parceiro. Entretanto, quais os papéis psicológicos e sociais deste processo? Eles podem se manifestar em ambos os casos. No que se refere a questões psicológicas, transtornos psiquiátricos como transtorno de personalidade borderline e transtorno de ansiedade generalizada certamente irão ter impactos na capacidade do indivíduo de estabelecer um relacionamento amoroso saudável; em relação questões sociais, a faixa econômica, grupo étnico e preconceitos associados também terão influências significativas conforme a intensidade que se manifestam naquele círculo social e no indivíduo. A forma pela qual acessamos essas informações é, de forma muito simplificada, o nosso “ritual de acasalamento”.

Assim como no reino animal, este ritual não é estático; enquanto os pais, que viveram sua adultez jovem na década de oitenta, buscavam encontrar seus possíveis parceiros em discotecas, seus filhos buscam encontrar parceiros em aplicativos como Tinder e Happn. De início, essa pode parecer uma mudança drástica. Porém, a utilização de recursos online para encontrar parceiros data desde 1995, com o registro do site *match.com* há mais de vinte anos atrás (Ward, 2016). Durante esse período, diversos pesquisadores se dedicaram a estudar este fenômeno, que só cresceu desde seu início. Numa visão geral, o ambiente online oferece vantagens como um maior número de oportunidades para conhecer potenciais parceiros; um ambiente menos ameaçador para o primeiro contato; e a possibilidade de que os sites e aplicativos filtrem

previamente as pessoas disponíveis excluindo aquelas que não tenham um perfil desejado pelo usuário (Wiederhold, 2015).

Entretanto, o ambiente online não é perfeito e dificuldades como o aumento da objetificação dos possíveis parceiros e a consequente redução no desejo de comprometer-se, a possibilidade dos usuários fazerem escolhas preguiçosas e desinformadas devido ao excesso de opções, e o adiamento do encontro presencial até que a comunicação fique prejudicada e o encontro presencial acabe por ser rejeitado (Wiederhold, 2015). O consenso entre os pesquisadores é de que existem informações que apenas se tem acesso no ambiente presencial e que a chance de uma interpretação errônea é menor quando presencialmente.

A influência do ambiente online nos relacionamentos atuais é tão grande que mais de um terço dos casamentos tem começado através deste recurso. Conforme Wiederhold (2015) estas uniões apresentam uma chance levemente menor de terminar em divórcio e um nível levemente maior de satisfação matrimonial. E mesmo os relacionamentos que não tiveram seu início online são influenciados por este recurso. Em seu artigo Drouin; Landgraff (2012) observou também que pessoas com um estilo de afeto seguro tendem a utilizar mais os recursos de mensagens de texto, enquanto pessoas com um estilo de afeto inseguro tendem a usar estes mesmos recursos porém no que chamamos de *sexting* (troca de mensagens e fotos eróticas).

Para entender como estes relacionamentos iniciam precisamos observar como as pessoas costumam se apresentar na busca de um relacionamento e como a intimidade se constrói nesse ambiente. Em outras palavras, estamos falando de auto apresentação e auto revelação.

Auto apresentação (self-presentation) é tudo que fazemos a fim de controlar ou manipular a forma que os outros nos percebem (Ward, 2016). Quando colocamos uma foto e uma descrição no perfil de uma rede social ou de um aplicativo de relacionamento, estamos trabalhando a nossa auto apresentação. Com a popularização das redes sociais logo se percebeu que a forma pela qual as pessoas se apresentavam e registravam os acontecimentos do seu dia a dia, muitas vezes, não representava de maneira precisa o seu estado real.

Nos aplicativos de relacionamento esse é um fenômeno ainda mais natural, visto que estão presentes dois processos-chave para tal: o quanto as pessoas estão dedicadas a controlar como são percebidas; e as possibilidades assim como as ferramentas para realmente controlar essa percepção, levando a construção de uma imagem segundo Ward (2016).

A grande maioria dos usuários relatou em sua pesquisa já ter mentido sobre algo em seu perfil. Mas por que não vemos apenas *Brad Pitts* e *Angelina Jolies* nos apps? Por que fotos extremamente atrativas receberam um score menor de autenticidade? E por que uma aparência genuína e honesta foi valorizada pelos usuários?

Não podemos esquecer que o objetivo final em sites e aplicativos de relacionamento é se conhecer pessoalmente. A literatura aponta que passar para outras formas mais pessoais de comunicação e, consequentemente, o encontro presencial é o caminho natural e desejado pelos usuários dos aplicativos de relacionamento. O objetivo é conhecer-se pessoalmente e confirmar se existe atração. Por causa desse movimento rumo ao presencial, investir em uma imagem muito discrepante no ambiente online não é interessante. Por isso, observamos que mesmo com a maioria dos usuários admitindo ter manipulado informações do perfil, os perfis realistas ainda são aqueles que têm melhores resultados e aceitação.

Mas e daí? Pronto. Deu Match. Demonstrou interesse. Abriu a possibilidade de conversa. E agora? Este é o momento em que começa a auto-revelação (self disclosure). O ato de revelar informações pessoais para outra pessoa é o que chamamos de auto-revelação (Ward, 2016). Esta é uma etapa essencial para a construção de um vínculo que, no ambiente virtual, normalmente começa através de mensagens de texto, um chat.

Quando falamos de revelar informações estamos falando tanto de dados como idade, altura, signo; quanto de anseios, emoções e sentimentos em relação a experiências de vida. Entretanto, fica claro que saber que uma pessoa é do signo de câncer, tem um peso e representa uma intimidade completamente diferente de saber que a mesma pessoa teve câncer e passou pelo seu tratamento. Informações mais ligadas a questões pessoais e íntimas não só ajudam a construir essa proximidade afetiva como também exigem maior intimidade para não soarem inadequadas. Por isso, é importante que haja um crescimento gradual e recíproco na relevância das informações compartilhadas entre as pessoas que estão conversando para que o vínculo se estabeleça.

Aqui é importante lembrar que, em ambos os casos, auto-apresentação e auto-revelação, estão acontecendo ainda no ambiente virtual, onde informações e “pistas” são reduzidas. Quando conversamos presencialmente com alguém somos capazes de perceber partes da informação que nem sempre temos acesso online. Tom de voz, linguagem corporal, expressão facial, entre outras informações, são quase que exclusivas do cara-a-cara (Wiederhold, 2015).

Ward (2016) observou que diversos usuários de aplicativos faziam uso de estratégias de redução de incertezas; procuravam no Google, Facebook, Instagram, olhavam fotos e informações que pudessem confirmar que o outro era mesmo quem dizia ser. Inclusive a migração para outros canais de comunicação, mencionada anteriormente, é uma estratégia de redução de incertezas. Por isso, podemos observar que diferentes formas de transmitir uma mesma informação têm pesos diferentes. É fácil dizer em um perfil que se é médico, ou qualquer outra informação associada a um status social, e isso não ser verdade. No entanto, se houver uma foto de jaleco e estetoscópio dentro de um hospital, poucas pessoas irão duvidar da informação. Imagens são, de forma geral, mais difíceis de manipular e por isso fontes mais críveis de informação. Devido a isso, perfis com múltiplas fotos tendem a possibilitar um melhor julgamento. De forma geral, se observa que as fotos irão chamar a atenção e tem por objetivo diferenciar o usuário dos outros, enquanto as informações do perfil e a comunicação irão “fechar o negócio” e permitir o estabelecimento do vínculo. Será que toda essa dinâmica é algo tão particular assim dos sites e aplicativos de relacionamento? O quão diferente é colocar uma foto bem arrumado no seu perfil de arrumar-se para ir a uma festa? O quão diferente é mandar uma mensagem atrativa de presencialmente falar algo interessante? E quanto a procurar no Facebook ou explorar no encontro se existem amigos em comum?

Auto-apresentação, auto-revelação e estratégias de redução de incertezas não são novidades na nossa dança do acasalamento, porém os comportamentos usados para cada um desses fins mudaram, e continuam mudando conforme novas tecnologias se inserem no nosso dia a dia, permitindo que funções antigas possam ser executadas de forma diferente e, quem sabe, mais eficiente e com novos benefícios. Sim, os riscos existem: o potencial de objetivação, a possibilidade de escolhas preguiçosas, ou então o adiamento eterno do encontro presencial são riscos que surgiram com esta nova dinâmica. Porém, o aumento das oportunidades, o ambiente menos ameaçador e a facilidade de seleção são benefícios significativos que desfrutamos atualmente graças à tecnologia.

Entretanto, como mencionado anteriormente, o mundo não é feito apenas unicórnios e arco-íris. Basta uma busca rápida para encontrarmos pessoas que tiveram mensagens ou fotos expostas de forma indesejada na internet. Sim, estamos falando de *sexting*; mas será que é algo tão horrível e perigoso quanto parece?

Tirando casos de celebridades que tem suas contas da *iCloud* hackeadas, a maioria dos casos de exposição são de fotos que tinham como destinatário outra pessoa com a qual havia um relacionamento (mesmo que muito curto). Segundo Messer (2013), os dados apontam a existência de três diferentes grupos de pessoas quando falamos de compartilhamento de fotos íntimas (nudes): aqueles que apenas mandam, aqueles que mandam e recebem e aqueles que apenas recebem. O último dos três é o mais numeroso, não porque um grupo pequeno de pessoas manda para várias outras, mas sim porque muitas das fotos são repassadas após terem sido recebidas. Situações de pessoas que tiveram suas vidas prejudicadas por uma exposição indesejada de nudes, infelizmente, estão longe de serem incomuns. A maior evidência desse tipo de comportamento foi a onda de sites de “vingança contra ex”, nos quais, além das fotos, eram também divulgados dados como nome e endereço.

Entretanto há uma forma de prevenir-se contra este tipo de acontecimento: vínculo saudável. Sim, é uma forma muito vaga e incerta de prevenção, porém a troca de mensagens e fotos com cunho erótico provou trazer benefícios quando utilizadas como uma ferramenta do casal para manter sua intimidade e cumplicidade afetiva/sexual. O famoso *sexting* pode ser também um grande aliado, como afirma McDaniel, Drouin (2015). Para isso, é importante lembrar que assim como o sexo presencial o “modo EAD” também se beneficia de preliminares, uma narrativa/fantasia, reciprocidade e outras coisas que vão muito além de uma foto pelado na frente do espelho com o flash do celular ocultando o rosto.

Enfim, podemos perceber nessa jornada que o ser humano e sua sexualidade não se limitam a características biológicas, psicológicas ou sociais, mas sim do orquestramento destes três eixos. As ferramentas que a tecnologia vem a nos oferecer não devem ser mais do que realmente são: ferramentas. Não são, nem devem ser, capazes de tomarem decisões no que se refere a vida íntima. Isto é algo que cabe a nós e a ninguém mais. Ainda que existam pressões políticas e sociais é importante que elas não invadam o que tange os relacionamentos afetivos de nossa intimidade. Desta forma, certamente seremos capazes de usufruir dos benefícios e evitar malefícios que as tecnologias atuais nos proporcionam.

Referências

- Darwin, C. (2014). *A origem das espécies*. São Paulo: Martin Claret.
- Drouin, M. & Landgraff, C. (2012). Texting, sexting, and attachment in college students' romantic relationships. *Computers in Human Behavior* 28, 444-449.
- Loyau, A., Jalme, M. S., Cagniant, C. & Sorci, G.. (2005). Multiple sexual advertisements honestly reflect health status in peacocks (Pavo cristatus). *Behav Ecol Sociobiol* 58: 552-557.
- McDaniel, B. T. & Drouin, M. (2015). Sexting among married couples: Who is doing it, and are they more satisfied? *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*. doi:10.1089/cyber.2015.0334 .
- Messer, G. D., Bauermeister, J. A., Grodzinski, A. & Zimmerman, M. (2013). Sexting among young adults. *Journal of Adolescent Health* 52, 301-306.

-
- Moura, R. R.. (2014). *Seleção sexual e comportamento reprodutivo de Mecynogea erythromela* (Holmberg 1876) (ARANEAE: ARANEIDAE). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de pós-graduação em ecologia e conservação de recursos naturais.
- Sumter, S. R. & Vandenbosch, L.. (2018). Dating gone mobile: Demographic and personality-based correlates of using smartphone-based dating applications among emerging adults. *New media & society* 1 - 19.
- Sumter, S. R., Vandenbosch, L. & Ligtenberg, L.. (2017). Love me Tinder: Untangling emerging adults' motivations for using the dating application Tinder. *Telematics and Informatics* 34, 67-78.
- Ward, J.. (2016) Swiping, Matching, Chatting: Self-Presentation and Self-Disclosure on Mobile Dating Apps. *Human IT* 13.2, 81-95.
- Wiederhold, B. K.. (2015). Twenty Years of Online Dating: current psychology and future prospects. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking* 18 (12).

Instruções editoriais para autores

A Diaphora é um periódico semestral, editado pela Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (SPRGS), e propõe-se a publicar artigos inéditos produzidos na área de Psicologia e ciências afins, que se enquadrem nas categorias de relato de pesquisa, experiência profissional, artigos de revisão e resenhas.

Relato de pesquisa: investigação baseada em dados empíricos, utilizando metodologia e análise científica.

Artigos de revisão da literatura sobre temáticas relevantes, de acordo com a política editorial.

Relato de experiência profissional: estudos de caso, contendo análise de implicações conceituais ou descrição de procedimentos e estratégias de intervenção de interesse para a atuação de psicólogos em diferentes áreas.

Resenhas: revisão crítica de livros recém-publicados, orientando o leitor quanto a suas características e usos potenciais.

As diretrizes de publicação são definidas pela Equipe Editorial, composta por profissionais sócios da SPRGS, responsável pela política editorial e pela formação do Conselho Editorial. Este será formado por profissionais convidados pertencentes a comunidades científicas e instituições nacionais e internacionais.

Normas Editoriais

1. A revista somente aceitará para análise trabalhos inéditos. O artigo submetido não poderá já ter sido publicado em outro meio de divulgação, nem ser simultaneamente submetido a outro periódico ou meio de divulgação.

2. O artigo passará pela apreciação do Editor e da Equipe Editorial, que avalia sua pertinência de acordo com a política editorial.

3. O Editor, juntamente com a Equipe Editorial, realiza o encaminhamento para consultores ad hoc de reconhecida competência na área de conhecimento, a seu critério, para análise, recomendando ou rejeitando a publicação. O processo de avaliação utiliza o sistema de blind review, preservando a identidade dos autores e consultores. A Equipe Editorial e os Consultores ad hoc analisam o manuscrito, sugerem modificações e recomendam ou não a sua publicação.

4. Há três possibilidades em seu parecer: a) aceitação integral do texto; b) aceitação com reformulações; c) recusa integral do texto. Em qualquer destas situações, o autor será devidamente comunicado.

5. O(s) autor(es) do artigo receberá(ão) os pareceres dos consultores em qualquer das possibilidades referidas. Destaca-se que não há prazo para retorno dos pareceres, tendo em vista que essa atividade é realizada por consultores externos. A Diaphora trabalha com uma expectativa de prazo não superior a 90 dias. No entanto, este pode ser ultrapassado, de acordo com complexidade do tema, disponibilidade e aceitação de realização do parecer por parte dos consultores convidados.

6. A versão modificada do manuscrito deve ser reencaminhada no prazo máximo de 15 dias após o recebimento da notificação. Os autores deverão preencher o formulário de alterações, esclarecendo aquelas feitas e as que

não julgaram pertinentes devidamente justificadas. No texto, as modificações realizadas deverão estar destacadas com a ferramenta Word "pincel amarelo" ou letra na cor vermelha. O encaminhamento com as modificações pode ser realizado para o e-mail do editor que administra o artigo, com Cópia para o e-mail da revista: revistasprgs@sprgs.org.br. O(s) autor(es) deverá(ão) se manifestar quanto ao recebimento do material e confirmar a intenção de realizar as modificações apontadas no parecer. A ausência de retorno no prazo citado será entendida como desistência de seguimento do processo de submissão.

7. Após as modificações, o artigo será, se necessário, enviado novamente aos revisores, que emitirão um novo parecer, definindo a aceitação, a necessidade de novas correções ou a recusa do artigo.

8. O Editor e a Equipe Editorial reservam-se o direito de fazer pequenas alterações no texto dos artigos.

9. A decisão final sobre a publicação de artigo sempre será do Editor, Editores Associados e Equipe Editorial.

10. Finalizado o processo, o(s) autor(es) receberá(ão) carta de aceite de publicação com indicação de previsão de ano e número da edição.

11. Os artigos serão aceitos em língua portuguesa, inglesa e espanhola.

12. As opiniões emitidas nos artigos são de inteira responsabilidade do(s) autor(es), não constituindo sua aceitação motivo para se entender que a Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul e a Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul compartilham das opiniões ou juízos emitidos pelos autores.

13. A matéria editada pela Diaphora: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul poderá ser impressa total ou parcialmente, desde que obtida a permissão do Editor. Os direitos autorais obtidos pela publicação do artigo não serão repassados para o(s) autor(es) do artigo. A avaliação dos manuscritos levará em conta se a linguagem utilizada no texto é clara e apropriada ao modelo científico, e se a ortografia, a gramática e a pontuação estão corretamente empregadas. Além disso, avaliará a fundamentação teórica que embasa as ideias desenvolvidas, a adequação da metodologia utilizada para a exploração do conteúdo proposto e se a revisão bibliográfica utilizada no texto é condizente com o tema escolhido. A atualidade dos artigos usados também será considerada, bem como as articulações entre diferentes autores. Será avaliado se os dados foram interpretados adequadamente e se as conclusões apresentadas no texto respondem aos objetivos do mesmo. Deve haver uma articulação entre os aspectos teóricos e metodológicos abordados. O quesito relevância é um ponto significativo da avaliação; considera a importância teórica, metodológica, social ou prática do tema desenvolvido no texto para a área do conhecimento.

A Diaphora: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul está permanentemente aberta para receber trabalhos.

As normas para apresentação dos artigos estão disponíveis no site da revista: www.sprgs.org.br/diaphora/ojs

